

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Márcia Mendes Portela

**Qualquer fisga entre amor e ódio:
Uma leitura da agressividade em Winnicott**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**SÃO PAULO
2008**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Márcia Mendes Portela

**Qualquer fisga entre amor e ódio:
Uma leitura da agressividade em Winnicott**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação do prof. dr. Gilberto Safra.

**SÃO PAULO
2008**

Banca Examinadora:

Para meus pais, Dilza e Luiz Portela

Agradecimentos

Aos meus queridos familiares, pelo amor, harmonia e vivacidade de cada dia.

Ao prof. dr. Gilberto Safra, pela maneira alegre e leve com que partilhou seus conhecimentos e pela generosidade presente em todas as orientações.

À profa. dra. Marília Ancona Lopez, por todo o auxílio no início deste caminho, contribuindo para o nascimento do projeto de pesquisa.

À profa. dra. Maria Leonor Espinosa Enéas, pela presença autêntica desde a graduação e por ter-me apresentado o vasto campo da psicologia clínica.

À profa. dra. Berenice Carpigiani, pela calorosa companhia destes três anos.

Ao prof. dr. Carlos Eduardo Meirelles Matheus, pela intensidade com que coordena nosso grupo de estudos, nosso solo fértil de idéias.

Aos amigos, Érika Atensia, Ana Paula de Aquino, Will Pretko, Ana Cláudia Martins e Francielle Gomes, por darem colorido a este percurso.

E a todos os amigos e colegas que me auxiliaram neste trajeto, minha gratidão.

Nossa truculência

“Quando penso na alegria voraz com que comemos galinha ao molho pardo, dou-me conta de nossa truculência. Eu, que seria incapaz de matar uma galinha, tanto gosto delas vivas mexendo o pescoço feio e procurando minhocas. Deveríamos não comê-las e ao seu sangue? Nunca. Nós somos canibais, é preciso não esquecer. É respeitar a violência que temos. E, quem sabe, não comêssemos a galinha ao molho pardo, comeríamos gente com seu sangue. Minha falta de coragem de matar uma galinha e no entanto comê-la morta me confunde, espanta-me, mas aceito. A nossa vida é truculenta: nasce-se com sangue e com sangue corta-se a união que é o cordão umbilical. E quantos morrem com sangue. É preciso acreditar no sangue como parte de nossa vida. A truculência. É amor também.”

Clarice Lispector

Resumo

O presente trabalho visa compreender a agressividade segundo a teoria de D. W. Winnicott. Trata-se de uma investigação que parte de um levantamento bibliográfico, que considera o conjunto da obra do autor, e tem como centro o fenômeno da agressividade. Por ser o objeto aqui estudado, um aspecto fundamental para a constituição psíquica dentro da teoria do amadurecimento, se justifica a relevância da dissertação. O autor postulou o conceito de motilidade e potencial erótico para pensar a questão da agressividade e situou o fenômeno com base na experiência de amor. Num primeiro momento, esta pesquisa considerou a ordem cronológica em que o autor cunhou seus escritos acerca do termo agressividade. No segundo percurso, a agressividade foi relacionada a outros conceitos winnicottianos. O tema da agressividade foi também considerado nas obras de S. Freud e M. Klein com o intuito de elucidar outras vias em que o fenômeno pode ser compreendido dentro da disciplina psicanalítica. Com os dados obtidos, o que se procurou foi atingir reflexões acerca do objeto aqui examinado e o núcleo das reflexões se deu pela implicação da agressividade para o reconhecimento de EU, tal como proposta na teoria de Winnicott.

Palavras-chave: agressividade; amor; ódio; motilidade; eu; Winnicott.

Abstract

This study aims to understand the aggressiveness according to the theory of D. W. Winnicott. This is a bibliographic survey, which considers the entire work of the author, and the center has the phenomenon of aggression. Because the object studied here, something fundamental to the constitution within the theory of psychological development, justified the relevance of the dissertation. The author suggested the concept of motility and erotic potential to think the issue of aggression and stands the phenomenon based on the experience of love. Initially, this research found the chronological order in which the author coined his writings about the term aggression. In the second route, the aggression was related to other concepts from Winnicott. The issue of aggression was also seen in the works of S. Freud and M. Klein in order to elucidate other ways in which the phenomenon can be understood within psychoanalysis. With the data obtained, which was sought achieve thoughts about the object here examined and core of the reflections made by the involvement of aggression for the recognition of EU, as proposed in the theory of Winnicott.

Keywords: aggression, love, hatred, motility, I am; Winnicott.

Sumário

<i>Introdução</i>	10
O primeiro estatuto das pulsões na teoria freudiana	14
Do princípio de constância ao princípio de nirvana.....	21
Considerações sobre o termo pulsão de morte.....	26
Considerações sobre a agressividade na obra de Melanie Klein.....	33
I - O desenvolvimento do termo da agressividade na teoria winnicottiana.....	50
O termo na década de 1930.....	51
O termo na década de 1940.....	56
O termo na década de 1950.....	59
O termo na década de 1960.....	73
II- A agressividade na teoria do amadurecimento pessoal.....	86
Da não-integração para a integração.....	87
A divisão do mundo interno e externo.....	90
Os estados de quietude e inquietude.....	93
O reconhecimento de Eu Sou.....	95
Os fenômenos e objetos transicionais.....	102
O brincar.....	107
A privação.....	109
<i>Considerações finais</i>	116
<i>Referências bibliográficas</i>	120

Introdução

Particularmente, pensei que a agressividade estivesse além da manifestação de atos agressivos, pois a tinha como uma força capaz de ser lançada para diferentes fins no campo da ação.

Ao ingressar no curso de mestrado eu estava determinada a encarar minha posição acerca deste fenômeno e a aprofundar-me nos estudos da disciplina psicanalítica. As discussões sobre minhas impressões a respeito do objeto aqui enunciado aconteciam nas orientações para a formulação do projeto de pesquisa.

Lembro-me de quando fui orientada a ler o artigo de Winnicott intitulado “Sobre o uso de um objeto” (1968) e, para minha surpresa, aquela leitura foi instigante para seguir com os estudos. O autor posicionava-se em relação à agressividade e parecia guardar uma psicanálise que eu queria encontrar. Intrigou-me, naquela ocasião, o caminho árduo e necessário para que o bebê, dependente em absoluto dos cuidados de um outro, chegasse a tornar-se habitante de si mesmo.

Percebi que, na teoria de Winnicott, a agressividade tinha um papel fundamental para que o Eu Sou pudesse acontecer. Parecia-me que, a cada página, eu encontrava uma postura que nas entrelinhas se anunciava a mim como uma concepção de que nosso viver seria um fluir no tempo e no espaço, um achar-se, separar-se, integrar-se consigo mesmo e com o outro.

Ficava impressionada com a força delicada das imagens que pareciam saltar à leitura de Winnicott. A criança que tendia para a expansão de si, em seu corpo frágil, era envolvida pelos braços da mãe que, naquele gesto, fazia do abraço no corpo de um o próprio de dois. Essas imagens que saltavam aos olhos em palavras foram capturadas, a meu ver, num desenho do próprio Winnicott que, com a limpidez de poucas linhas, traduziu este gesto. Trata-se de

um desenho que, nos mesmos traços, imprime seio e braços maternos como sendo o próprio corpo do bebê. Este desenho está no livro *O gesto espontâneo* (1990).

A mãe que ampara suficientemente bem seu filho dá a ele a oportunidade de adentrar na vida, de reconhecer-se a si e ao outro. Este trabalho trata desta questão, já que examinaremos de que maneira a agressividade está situada na teoria winnicottiana e justamente aí ela se situa.

O texto de Clarice Lispector escolhido como epígrafe para esta dissertação diz: “A nossa vida é truculenta: nasce-se com sangue e com sangue corta-se a união que é o cordão umbilical. E quantos morrem com sangue. É preciso acreditar no sangue como parte de nossa vida. A truculência. É amor também”. Estes escritos me pareceram ilustrativos para o que aqui está sendo tratado. As palavras de Lispector soaram como uma possibilidade de semelhança ao que Winnicott desenhou. As palavras dela pareceram-me reflexo do desenho dele.

No decorrer desta dissertação veremos que a agressividade na psicanálise de Winnicott só poderá nascer a partir da experiência de amor. Esta experiência, vivida nos braços da mãe, permitirá que haja a fusão dos elementos de motilidade (força que tende à expansão) com o potencial erótico. É justamente dessa fusão que resultará a agressividade, permitindo que aconteça a oposição entre os corpos, fazendo ser dois o que era um.

A experiência de amor vivida nos braços da mãe possibilitará ao bebê uma abertura primeira para o mundo. Ele poderá explorar sua própria força descobrindo os contornos da realidade que o cerca e, ao mesmo tempo, pouco a pouco vai sentindo os próprios conteúdos internos.

Então, conforme a abertura e o acolhimento providos pelos braços do ambiente, o bebê pode experimentar suas sensações e distingui-las, de forma tal que assim a agressividade vai

sendo lançada para a ação. A criança torna-se, por exemplo, capaz de expressar sua raiva e frustração.

Todas as conjecturas a serem analisadas nesta dissertação nasceram da pergunta que se configurou como problema para esta pesquisa. “Como poderia ser compreendida a agressividade na teoria winnicottiana?” O levantamento desta questão exigiu que se percorresse uma vasta extensão da obra do autor, pois o conceito estava indissolúvelmente ligado a alguns outros postulados de sua teoria.

Diante da vastidão que a questão ocupa nos escritos de Winnicott, se fez necessário percorrer o caminho traçado pelo autor até atingir as últimas considerações sobre o que aqui está sendo proposto. Partindo dessa necessidade, decidimos, em orientação, que um bom caminho seria acompanhar o tema em seu próprio desenvolvimento tal como ocorreu na teoria. Passamos a uma pesquisa cronológica, estudando de que maneira a agressividade foi tomando forma no corpo da teoria winnicottiana.

Começamos a estudar os registros da década de 1930 e assim seguimos até a década de 1970. Este estudo está situado no primeiro capítulo da dissertação. O fato de ter percorrido este caminho me permitiu notar alguns conceitos com os quais o tema se relaciona. O aspecto de maior importância para mim é aquele a que me referi, ou seja, o estágio do Eu Sou tal como foi proposto na teoria de Winnicott, e este conjunto é apresentado no segundo capítulo.

Assim, fica a proposta deste trabalho que é a realização de uma pesquisa bibliográfica da teoria winnicottiana acerca da agressividade, com vistas a atingir uma compreensão do que vier a ser elucidado, abrindo espaço para o surgimento de reflexões sobre o lugar da agressividade na teoria do autor.

O objetivo geral deste projeto está centrado na proposta de reflexões que forneçam subsídios para uma compreensão da questão da agressividade. De acordo com o que se inscreve no objetivo geral, necessitarão ocorrer alguns objetivos específicos para que se atinja

a proposição. Será necessário aprofundar e sistematizar aspectos da teoria de Winnicott, que se relacionem com a compreensão da agressividade, priorizando o cuidado com a sutileza do tema a ser estudado. Para alcançar tais proposições foi preciso também estudar a agressividade nas teorias precedentes a Winnicott, sobre as quais, por numerosas vezes, ele se refere.

Foi necessário, então, percorrermos o tema da agressividade também nas obras de S. Freud e M. Klein com o intuito de elucidar outras vias em que ela possa ser compreendida. Porém, o tema da agressividade nas teorias de Freud e Klein não será pormenorizado como procuramos fazer na teoria de Winnicott. Nossa inclinação para o estudo dos autores escolhidos aconteceu porque procuramos tentar harmonizar nesta pesquisa outras visões acerca do fenômeno sem, no entanto, nos preocupar em fazer comparações.

Um outro passo que tivemos de dar para a realização deste trabalho foi o de eleger os textos de Freud e Klein que eram relevantes para nos dar uma visão acerca da agressividade em cada teoria. Quando partimos em busca da agressividade na obra de Freud, o objeto pareceu estar bastante atrelado ao que foi postulado como pulsão de morte. Dedicamo-nos, então, ao exame dessa questão. O mesmo objeto parecia caminhar a passos largos na obra kleiniana, e houve também uma tentativa de elucidar uma compreensão do tema dentro do arcabouço teórico da autora. Este percurso estará registrado mais adiante, pois como se trata de esboçar pontos de partida e não de nos determos a um exame rigoroso, decidimos situar aqui essas considerações. Por ser a agressividade um dos elementos constitutivos da vida psíquica na teoria do amadurecimento proposta por Winnicott, penso que realizar um estudo, ainda que teórico, possa ser uma proposta que guarda importância. Talvez, reencontrar um sentido ou uma realocação para aquilo que se situa “camuflado” em meio a outros conceitos possa favorecer o surgimento de reflexões.

Acredito que este estudo a que me proponho tenha relevância clínica. Ao alcançar acuidade no que tange aos movimentos da agressividade na constituição da psique humana, o psicólogo que se vale da teoria de Winnicott em suas práticas talvez possa, com a sutileza alcançada e a intimidade que ganhará com a teoria, apurar sua escuta clínica no que diz respeito aos movimentos da agressividade nos trabalhos a que se propõe realizar, por exemplo, em atendimentos psicoterapêuticos.

Lembremo-nos, neste momento, do trabalho que Winnicott realizou em instituições, em hospitais e no atendimento a crianças órfãs num período conturbado de guerra. Seu campo clínico era muito rico. No contato com essas crianças era bastante corriqueiro deparar-se com atos infracionais que, para ele, expressavam certa esperança, representavam uma via para a autocura. A questão da tendência anti-social, embora não seja objeto desta dissertação, está presente como tema auxiliar. Veremos que, para Winnicott, não se trata de uma tão-somente expressão da agressividade e este assunto será abordado posteriormente.

A teoria winnicottiana pode ser compreendida como algo que olha para o ser humano como um ser em crescimento emocional. Ao nascer, não-integrado, e, num processo chamado saúde, se atinge a integração e a agressividade será compreendida por esta via.

O primeiro estatuto das pulsões na teoria freudiana

O objetivo do levantamento bibliográfico que segue adiante é o de tentar compreender o tema da agressividade na teoria de S. Freud, que parece estar ligado ao conceito de pulsão. Por este motivo, houve a necessidade de acompanhar o desenvolvimento do conceito dentro da obra do autor.

Para iniciar o rastreamento que proponho a respeito de como Freud desenvolveu sua teoria até que chegasse à conceituação da pulsão de morte, se faz necessário voltar ao percurso da elaboração teórica precedente ao termo que se refere a pulsão.

O termo pulsão, na língua alemã, é representado pela palavra *Trieb*, que denota a noção de uma pressão no campo interno, e, na língua portuguesa, a palavra *Trieb* assumiu a tradução de *impulso*, no sentido de uma tendência para algo. A pulsão demanda, via corpo, o aparelho psíquico, ou seja, a pulsão incumbiria o aparelho ao trabalho.

A primeira aparição do termo *Trieb* nos escritos freudianos ocorre no ano de 1905. Neste momento do desenvolvimento da teoria há uma distinção entre dois tipos de excitação do organismo que, por sua vez, serve ao que demanda o princípio de constância, que impele um descarregamento de excitação (Laplanche e Pontalis, 2001).

O princípio de constância proporciona ao indivíduo a aptidão para escapar das excitações externas, mas não permite que escape das excitações internas (endógenas), pois elas estimulam o aparelho psíquico. Deste modo, as forças endógenas impulsionam o indivíduo a obter a descarga de excitação que está situada entre o psíquico e o somático. A excitação está atrelada à noção de representante psíquico que norteará o destino da pulsão. Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), Freud introduz a noção de que o objeto é variável e escolhido de acordo com a história do indivíduo.

A pulsão, deste modo, se ligará ao representante segundo a ordem da história do sujeito e esses representantes irão apresentar o objeto a que irá se ligar, tomando também a inclinação de dirigir o modo de satisfação a ser obtido. Dito de outro modo, a pulsão parcial indica a idéia de que a pulsão sexual existe primeiramente no estado polimorfo, e sua meta é reduzir a excitação corporal.

Laplanche e Pontalis (2001) nos alertam que não se trata de catalogar os tipos de pulsão, atrelando-as à idéia de instintos. Mas, neste momento da teoria freudiana, temos dois

tipos fundamentais de pulsão: as sexuais e as de autoconservação (que posteriormente corresponderão às pulsões de vida e de morte).

Temos em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), que as pulsões parciais diferem de sexualidade no que diz respeito aos elementos que as compõem, na tentativa de ligar fontes orgânicas a metas específicas (fronteira entre o somático e o psíquico). É possível tomar a análise das pulsões sexuais com base nas pulsões parciais, pois as últimas podem ser ligadas a zonas erógenas, assim como podem se ligar com suas metas. Podemos entender as pulsões parciais com o pressuposto de uma organização maior, pois a análise de uma organização demandaria o exame dos componentes que a integram. As pulsões parciais começam a operar de modo desorganizado e gradualmente passam a apresentar um tipo de arranjo, ou seja, as diversas fontes somáticas que estão dadas na excitação sexual não estavam unificadas no início, pois eram fragmentadas em pulsões parciais. De acordo com Freud:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos de delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria a que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência do trabalho feita à vida anímica (Freud, 1915, p. 159).

Os efeitos do recalçamento se dão na pulsão sexual, por isso exerce papel fundamental no conflito psíquico. Na primeira teoria das pulsões, a pulsão sexual é oposta à pulsão de autoconservação e posteriormente será atrelada à pulsão de vida e Eros.

Ainda neste momento da teoria há uma oposição em relação às pulsões sexuais; este movimento será dado pelas pulsões de autoconservação. As pulsões de autoconservação estão justapostas às pulsões sexuais, pois estas encontram seu aporte nas funções de autoconservação, assim como o prazer sexual ocorre sem a nutrição. Desse modo, será instaurado o conflito psíquico segundo o qual será evidenciado o escopo das pulsões sexuais

em pulsões de autoconservação. Vejamos um trecho que elucidava o desenvolvimento de Freud sobre o tema:

Até agora, destacamos como características da vida sexual infantil o fato de ela ser essencialmente auto-erótica (seu objeto encontra-se no próprio corpo) e de suas pulsões parciais serem inteiramente desvinculadas e independentes entre si em seus esforços pela obtenção do prazer. O desfecho do desenvolvimento constitui a chamada vida sexual normal do adulto na qual a obtenção do prazer fica a serviço da função reprodutora, e as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena, formam uma organização sólida para a consecução do alvo sexual num objeto sexual alheio (Freud, 1905, p. 186).

As pulsões de autoconservação (ou de ego) se satisfazem com o objeto real, portanto, irão dar os desenhos da passagem do princípio de prazer para o princípio de realidade e, por este caráter, vão se opor às pulsões sexuais que podem se satisfazer no espectro da fantasia, campo do princípio do prazer. Esta passagem acontece em “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental” (1911).

Anteriormente, as pulsões sexuais eram opostas a uma função defensiva do ego, mas ao ego não era somada a questão pulsional. Em “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), havia a oposição das pulsões sexuais e as necessidades, em que as primeiras pulsões advinham do campo da necessidade e posteriormente caminhariam para o auto-erotismo. Estariam as pulsões do ego situadas no campo que visa à conservação de si mesmo, uma vez que o ego pode ser entendido aqui como a agência psíquica que se curva à manutenção do indivíduo?

Assim, é plausível entender pulsão como um impulso gerado por uma fonte corporal, mas que conota uma tarefa psíquica, trabalho que visa à satisfação pulsional. O trabalho teria de cessar a excitação da fonte, implicando uma redução da tensão psíquica. É na descrição da teoria do modelo do arco reflexo que Freud irá mencionar o aspecto fisiológico. Eis o trecho elucidativo da questão:

Em primeiro lugar, do ângulo da fisiologia. Isso nos forneceu o conceito de um ‘estímulo’ e o modelo do arco reflexo, segundo o qual um estímulo aplicado ao tecido vivo (substância nervosa) a partir *de* fora é descarregado por ação *para* fora. Essa ação é conveniente na medida em que, afastando a substância estimulada da influência do estímulo, remove-a de seu raio de atuação. Qual a relação do ‘instinto’ como o ‘estímulo’? Nada existe que nos impeça de subordinar o conceito de ‘instinto’ ao de ‘estímulo’ e de afirmar que um instinto é um estímulo aplicado à mente (Freud, 1915, p. 124). *

Freud (1915) entende pulsão como um conceito situado à fronteira do somático e do mental. Teria a pulsão acesso ao psíquico apenas por meio de representantes que operam na busca de estímulos originados no organismo, e, posteriormente, seria o aparelho psíquico incumbido do trabalho. Desta forma, é alcançada a conjectura sobre como a pulsão articula corpo e aparelho psíquico; a este respeito, escreve:

Um instinto, por outro lado, jamais atua como uma força que imprime um impacto *momentâneo*, mas sempre como um impacto *constante*. Além disso, visto que ele incide não a partir de fora mas de dentro do organismo, não há como fugir dele. O melhor termo para caracterizar um estímulo instintual seria ‘necessidade’. O que elimina uma necessidade é a ‘satisfação’ (Freud, 1915, p. 124).

A fonte da pulsão seria, portanto, de natureza somática. Representaria ela o corpo no psiquismo, uma vez que é abordada pela psicanálise por via da ligação pulsional a um determinado tipo de objeto.

Logo, há duas vias em que a pulsão se situa. Na primeira, a fonte da pulsão seria de natureza somática. Por essa conjectura, representaria o corpo no psiquismo, pois é abordada pela psicanálise por via da ligação pulsional a um determinado tipo de objeto. Já na segunda, a forma de abordá-la elucidada o caráter fronteiro da pulsão como elemento operante essencial, estaria aqui colocada aquém do objeto e do sujeito, marcar-se-ia assim seu caráter biológico.

* S. Freud (1915). *Pulsões e destinos da pulsão*. . Rio de Janeiro: Imago, 1996. (ESB, v.XIV).

O organismo deverá, então, ir ao encontro de objetos que possibilitem a descarga da energia acumulada pela excitação. Freud (1915) classifica os elementos da pulsão, a saber: fonte (*quelle*), pressão (*drang*), fim (*ziel*) e objeto (*objekt*). Segue o trecho em que estes aspectos da pulsão são descritos:

Por pressão [Drang] de um instinto compreendemos seu fator motor, a quantidade de força ou a medida de exigência de trabalho que ela representa. A característica de exercer pressão é comum a todos os instintos; é, de fato, sua própria essência [...] A finalidade [Ziel] de um instinto é sempre satisfação, que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte do instinto [...] O objeto [Objekt] de um instinto é a coisa em relação à qual ou através da qual o instinto é capaz de atingir sua finalidade [...] Por fonte [Quelle] de um instinto entendemos o processo somático que ocorre em períodos muito iniciais do desenvolvimento de um instinto, pondo fim à sua modalidade por meio de sua intensa oposição ao desligamento (Freud, 1915, p. 128).

O fim da pulsão será a satisfação atingida pela supressão do estímulo da fonte e a medida desta tarefa se dará pela via da pressão. O aspecto do objeto nasce como sendo o meio pelo qual a pulsão atinge sua finalidade; é o caráter variável da pulsão.

De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), temos que a fonte seria tomada como interior ao organismo enquanto sede da excitação, de forma que estaria atrelada ao momento somático e não psíquico. As fontes não estariam engendradas à pulsão sexual, segundo a ordem de obedecer a um produto natural, pois, antes, são efeito da função vital.

A meta da pulsão garantirá que esta atividade possa ser sustentada pela fantasia, existindo uma relação estreita entre meta e fonte. Na maioria das vezes a fonte é representada por uma zona erógena e a meta sexual ocorre sob o domínio dessa função.

Na medida em que o ego é auto-erótico, não necessita do mundo externo, mas em consequência das experiências sofridas pelos instintos de autopreservação, ele adquire objetos daquele mundo, e, apesar de tudo, não pode evitar sentir como

desagradáveis, por algum tempo, estímulos instintuais internos. Sob o domínio do princípio de prazer ocorre agora um desenvolvimento ulterior ao ego. Na medida em que os objetos que lhe são apresentados constituem fontes de prazer, ele os toma para si próprio, os ‘introjeta’ (para empregar o termo de Frencki [(1909)]; e, por outro lado, expela o que quer que dentro de si mesmo se torne uma causa de desprazer (Freud, 1915, p. 141).

Freud irá enunciar que as metas das pulsões parciais podem se transformar e, por esse motivo, há a necessidade de diferenciar pulsões auto-eróticas das imediatamente dirigidas aos objetos. Na sublimação ocorreria uma mudança de meta das pulsões, portanto, é possível entender que a meta está situada entre a fonte e o objeto da pulsão. Já a pressão da pulsão reveste o movimento que se dirige para a satisfação, lhe dando fator quantitativo e ativando-a na medida em que exerce uma pressão.

A pulsão se apóia num instinto, mas não está colada e nem é idêntica a ele. A introdução da noção de objeto se fará como a demarcação da diferença entre pulsão e instinto. A pulsão demandaria uma pluralidade de objetos, já o instinto é marcado por algo herdado, que se lançará a um determinado objeto.

Visto isso, o aparelho psíquico é regido pelo “princípio do prazer”. Será, sobretudo, no texto “Além do princípio do prazer” (1920), que Freud desenvolverá este tema. O princípio do prazer buscaria uma constância, mas buscar um equilíbrio não seria alcançar uma redução absoluta das tensões. O aparelho mental estaria atrelado a uma tentativa de deixar as excitações da maneira menos intensa possível, a busca seria então a de reduzi-las ou mantê-las constantes. Assim se faria a tentativa de se alcançar uma estabilidade.

Do princípio de constância ao princípio de nirvana

No trecho anterior vimos que a constância é obtida tanto pela descarga da energia já presente quanto pela esquivia daquilo que poderia aumentar a quantidade, ou seja, uma defesa contra esse aumento.

Ainda no “Projeto de uma psicologia científica” (1895), temos o funcionamento mental caracterizado também pela disposição a eliminar as tensões ou, ao menos, reduzi-las ao mínimo necessário para manter o organismo vivo. Em junção a este fato estaria embutida a idéia de que o aumento da tensão seria experimentado pelo organismo como desprazer.

Os estímulos internos e externos do aparelho psíquico que bradam ao prazer colidem com constantes frustrações que conduzem à repressão. Nesse sentido, a repressão assumiria o caráter de desviar-se do desprazer proveniente da realidade pela via das renúncias do campo interno.

A paridade prazer–desprazer atravessa algumas dificuldades que estorvam a prevalência do princípio do prazer; este princípio precisa ser posto em xeque com base no fenômeno da repetição. Alguns eventos que não sugerem prazer e que são repetidos sem lassidão, assombrando os sonhos dos neuróticos e adentrando sem qualquer defesa, têm o ego como seu empregador.

É sabido que os conteúdos que voltam repetidas vezes à mente neurótica são nada mais que fragmentos da sexualidade infantil, como o caso das vivências edípicas, por exemplo. As observações clínicas levaram Freud a retificar o caráter compulsivo da repetição a algo anterior à paridade prazer–desprazer, aconteceria agora a imbricação do fenômeno a algo de ordem pulsional.

O consciente aufere o que advém de fora via percepção e sensação, captando os estímulos que serão conhecidos como prazer ou desprazer. As excitações não deixam rastros

mnemônicos, pois a recepção aconteceria, se assim o fosse, de modo limitado. Deste modo, os traços mnemônicos se inscrevem de outra maneira, a saber: o que passa no sistema consciência–percepção é um circuito de energia livre, sem quaisquer obstáculos. O que ocorre, quando o dique deixa de separar externo e interno, é uma situação em que o aparelho psíquico se encontra caótico, invadido pela força de uma energia que vem de fora. Assim, o princípio do prazer passa a não ter mais controle, reduzindo-se a ligar as quantidades de excitação na tentativa de estabelecer novamente o controle. A neurose traumática instaura-se com a ruptura descrita acima.

O aparelho psíquico é incumbido de ligar as excitações pulsionais; este artifício corresponde ao que se conhece por processo primário, caráter representante da porção que cabe no plano da circulação da energia no aparelho. O que se tem no processo secundário é a canalização da energia rumo aos objetos e ao ego.

A pulsão de morte, quando retida a um estado anterior à obtenção do prazer, sugere que há aí um caráter outro, já que a realização da repetição se dá com a pulsão de morte, pois sem ela não seria possível existir um estado que não priorizasse a descarga puramente como via de obtenção do prazer.

Em “Além do princípio do prazer” (1920), Freud formula explicitamente o princípio de constância, apresentando-o como fundamento econômico do princípio do prazer.

É atribuído ao princípio de constância o regulamento do funcionamento do aparelho psíquico, responsável por manter constante a soma das excitações. Este princípio está relacionado ao princípio do prazer, uma vez que o desprazer pode ser entendido como um desequilíbrio da constância, embora ambos não sejam equivalentes, como Laplanche e Pontalis (2001) articulam.

Algumas vezes, o prazer pode ser sentido como desequilíbrio da função econômica. Freud irá então transportar para a psicologia alguns preceitos da física da época. O princípio

de constância, segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 356) “pode ser comparado ao princípio da termodinâmica, dentro de um sistema fechado; as diferenças de nível energético tendem a igualar-se até que se atinja um equilíbrio”.

Se tomarmos o princípio de constância como uma tentativa de auto-regulação, teremos de considerar também a noção de homeostase. Freud irá pressupor a existência de uma tendência para a constância, que será uma função secundária, uma modificação do princípio de inércia.

O princípio de inércia será regulado por um tipo de processo primário, que surgiu dos estudos sobre os sonhos e as formações dos sintomas. O que caracteriza o processo primário é um escoamento sem barreiras, um deslocamento mais facilitado. O ego terá aqui a tarefa de ligar a energia psíquica e mantê-la num nível mais elevado, realizando esta função pelo fato de possuir um conjunto de representações capazes de manter constantes os investimentos.

Com base no princípio de inércia, os neurônios tendem a eliminar completamente as quantidades de energia que recebem. Este termo é descrito por Freud em “Projeto de uma psicologia científica” (1895). Esta noção pertence ao período de elaboração da concepção freudiana do aparelho psíquico. Este princípio apela à noção de neurônio e de quantidade e as representações são agrupadas em cadeias ou em sistemas de energia psíquica. Esta concepção está apoiada no princípio de inércia tal como proposta pela física.

Deste modo, os neurônios tenderiam a desfazer-se da quantidade de excitação excedente e o modelo desse funcionamento é fornecido por uma determinada concepção do reflexo. No arco reflexo, supõe-se que a quantidade de excitação recebida pelo neurônio sensitivo seja inteiramente descarregada na extremidade motora. Freud entenderá que o aparelho neurônico tenderá a descarregar as excitações e também se manterá afastado delas. No que diz respeito às excitações internas, o princípio de inércia já não pode funcionar sem a constituição de uma certa reserva de energia.

A filiação entre o processo primário e o secundário não deve ser entendida como uma sucessão real, como se o princípio de constância tivesse substituído o princípio de inércia, pois ela só se conserva como aparelho psíquico. Freud reconhece os dois princípios de funcionamento mental.

A observação clínica levou Freud a averiguar que nem sempre o princípio do prazer se efetivaria e, então, o princípio do prazer estaria assim posto em meio a contradições. É neste momento que Freud passa ao postulado de que existiriam tendências que estariam além deste princípio. Segue o trecho que viabiliza essa afirmação:

As duas fontes de desprazer que acabei de indicar estão muito longe de abranger a maioria de nossas experiências desagradáveis; contudo, no que concerne ao restante, pode-se afirmar com certa justificativa que sua presença não contradiz a dominância do princípio de prazer. A maior parte do desprazer que experimentamos é um desprazer *perceptivo*. Esse desprazer pode ser a percepção de uma pressão por parte de instintos insatisfeitos, ou ser a percepção externa do que é aflitivo em si mesmo ou que excita expectativas desprazerosas no aparelho mental, isto é, que é por ele reconhecido como 'perigo'. A reação dessas exigências instintuais e ameaças de perigo, reação que constitui a atividade apropriada do aparelho mental, pode ser então dirigida de maneira correta pelo princípio de prazer ou pelo princípio de realidade pelo qual o primeiro é modificado (Freud, 1920, p. 21).

O *Fort-da* seria tomado como a brincadeira em que a criança de um ano e meio representaria a não-presença de sua mãe assim como também sua volta. A criança sairia de uma posição passiva rumo à ativa, pois tais esforços podem se dar pela pulsão de dominação que atuava independente de a lembrança de si mesma ser ou não agradável.

Os sonhos nas neuroses traumáticas elucidariam a questão sobre como a repetição de uma experiência dolorosa poderia estar engendrada a um funcionamento da mente que visaria o prazer. É da descrição da brincadeira de fazer desaparecer e reaparecer um objeto que também a questão da coerência do princípio do prazer será posta.

A tendência à dominação seria um dos aspectos que estariam embutidos no conceito de pulsão de morte, uma tendência psíquica que estaria além do princípio do prazer. A tendência que escapa ao princípio dito seria de uma ordem mais primitiva.

A compulsão à repetição seria uma situação de grande estímulo externo, de ordem traumática, causando no funcionamento da energia do organismo um movimento defensivo.

Deste modo, Freud afirma:

A fim de tornar mais fácil a compreensão dessa ‘compulsão’ a repetição que surge durante o tratamento psicanalítico dos neuróticos, temos acima de tudo de livrar-nos da noção equivocada de que aquilo com que estamos lidando em nossa luta contra as resistências seja uma resistência por parte do *inconsciente*. O inconsciente, ou seja, o ‘reprimido’, não oferece resistência alguma aos esforços do tratamento. Na verdade, ele próprio não se esforça por outra coisa que não seja irromper através da pressão que sobre ele pesa, e abrir seu caminho à consciência ou a uma descarga por meio de alguma ação real (Freud, 1920, p. 30).

O problema posto anteriormente demonstrou a necessidade da elaboração de conceitos que supram satisfatoriamente os fenômenos observados. É neste momento que se faz válida a entrada no conceito de pulsão de morte. As repetições observadas não correspondem ao princípio do prazer e sim à necessidade de o aparelho dominar a quantidade de energia livre desencadeada pelo evento traumático.

O termo princípio de nirvana nasce na teoria freudiana no texto “Além do princípio do prazer” (1920) e está relacionado ao termo pulsão de morte, designando uma tendência que não corresponde ao princípio de constância; está mais próximo do princípio de inércia, já explicado. O princípio de nirvana pode ser considerado uma reafirmação da intuição fundamental que já guiava o enunciado do princípio de inércia. Seria uma tendência de o aparelho psíquico levar a zero ou de reduzir ao máximo a quantidade de excitação de origem externa ou interna. Esta idéia foi desenvolvida em “O problema econômico do masoquismo” (1924).

Seja como for, temos de perceber que o princípio de Nirvana, pertencendo, como pertence, ao instinto de morte, experimentou nos organismos vivos uma modificação através da qual se tornou o princípio de prazer, e doravante evitaremos encarar os dois princípios como um só. Se nos preocuparmos em acompanhar esta linha de pensamento, não é difícil imaginar a força que foi a fonte da modificação. Ela só pode ser o instinto de vida, a libido, que assim, lado a lado com o instinto de morte, apoderou-se de uma cota na regulação dos processos da vida. Assim, obtemos um conjunto de vinculações pequeno, mas interessante. O princípio de *Nirvana* expressa a tendência do instinto de morte; o princípio de *prazer* representa a exigência da libido, e a modificação do último princípio, o princípio de *realidade*, representa a influência do mundo externo (Freud, 1924, p. 178).

Existiriam impulsos que tenderiam ao restabelecimento de um estado anterior das coisas e outros que lançam o organismo rumo ao progresso e à produção. A pulsão de morte assumiria o caráter de repetir aquilo que já foi desenvolvido ao longo da história do organismo para garantir uma volta ao estado inorgânico.

Considerações sobre o termo pulsão de morte

Como foi examinado anteriormente, em “Além do princípio do prazer” (1920) a pulsão de morte será postulada com base em dados que tornam contradito este princípio. Uma vez examinada a distinção entre o princípio do prazer e o de nirvana, é possível partir ao estudo da pulsão de morte entendendo-a como uma metamorfose de uma exigência fundamental e constante do pensamento freudiano.

Veremos que é com base no termo pulsão de morte que se pode demarcar na teoria freudiana os movimentos que correm ao encontro do sofrimento e da dor. No entanto, se faz

necessário um estudo do termo, bem como dos demais elementos aos quais está imbricado. Vale ressaltar aqui a dificuldade de seguir com o desenho do conceito de pulsão de morte, uma vez que dela não podemos apreender nada além ou aquém da ligação com Eros, isto é, aquilo que dela se revela não pode ser outra coisa senão um mero representante, como é o caso da destrutividade.

A repetição acontece, tal como se observa clinicamente, de forma atrelada à atração pelo sofrimento. Esse fenômeno clínico, o da repetição, foi responsável pela maior reformulação da teoria freudiana. Afinal, como explicar a repetição ocorrida nos sonhos, nos sintomas da neurose traumática e na compulsão de destino como em concordância com o princípio do prazer?

Se a repetição impeliu à necessidade de se reformular a teoria psicanalítica, seria preciso agora uma nova teoria pulsional, iniciar-se-ia a construção da segunda tópica. O ingresso da noção de pulsão de morte acontece com a condição biológica. Teria ela o desígnio de orientar o indivíduo ao estado inorgânico? Mas esta nova conjectura traria um caráter especulativo, pois estaria situada não exatamente no mesmo torrão que os demais postulados da teoria.

A noção de *Thanatos*, oposta ainda às pulsões de vida e de morte, opera numa defesa do dualismo. A violência humana invocava Freud a dar lugar ao poder na vida psíquica, necessitaria assim de uma pulsão destrutiva ou agressiva.

Os saimentos masoquistas e as neuroses traumáticas necessitavam de uma elucidação na teoria. Este aspecto se somaria à conjectura formulada e, deste modo, o postulado teria condições de caminhar separadamente em relação à tendência ao inorgânico.

Os conceitos de compulsão à repetição e pulsão de morte surgidos em 1920 sugerem o implacável papel da repetição nos caminhos que levam ao tormento. O problema que envolve a constituição dessa força rumo à destrutividade seguirá como tema central para as demais

formulações posteriores, pois a ligação com o aspecto biológico não será deveras suficiente para responder aos fenômenos clínicos.

O masoquismo originário ganhará espaço na construção posterior à década de 1920. Em “O problema econômico do masoquismo” (1924) seu estatuto será bastante diferente daquele enunciado em “Três ensaios para uma teoria da sexualidade” (1905). Em 1905 o masoquismo estava já presente como um dos destinos da pulsão, mas em 1920 passará a ser alicerce em todo o campo pulsional, não mais atrelado à pulsão parcial. A enunciação fundamental do masoquismo germina porque foi entendida como a força que reluta contra a cura e que visa manter o sujeito na doença.

A elaboração do conceito de pulsão de morte não aquiesce a uma qualidade de energia para manter-se somente no plano econômico. Os fenômenos clínicos exigiram que se cunhasse a pulsão de morte para além do princípio do prazer; a metapsicologia abordou assim o psiquismo sob a ótica econômica, topográfica e dinâmica.

A volta ao inanimado seria o primado do princípio de nirvana, portanto, fica marcado assim o caráter de busca à descarga e repouso totais. Já no princípio de inércia dado no “Projeto de uma psicologia científica” (1895) imperam as respostas típicas do modelo do arco reflexo.

A inspiração neurofisiológica presente no “Projeto de uma psicologia científica” (1895) em que a rede neuronal constitui também o sistema psíquico irá influenciar o que se tem posteriormente na teoria psicanalítica como processo primário.

As repetições são representadas por caminhos pulsionais presentes nos traços mnemônicos; esses traços são o fundamento da topografia, caráter metapsicológico e a atuação só poderá ser pensada via recalque, pois está em oposição ao registro habitual da memória.

Os fenômenos de repetição, que não parecem correr rumo à satisfação libidinal, são independentes do princípio do prazer e, por vezes, parecem se opor a eles. Daí advém a necessidade de uma pulsão carregada de caráter regressivo.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001) a pulsão de morte corresponderia à tendência ao retorno do estado anorgânico. O trabalho é o de tornar inofensiva essa função de retorno e fazê-la voltar ao exterior. Uma parte dessa pulsão está a serviço da pulsão sexual e outra parte fica atrelada ao organismo em que está ligada via libido.

Em “Pulsões e destinos da pulsão” (1915), temos o primeiro desenvolvimento da tese sobre sadomasoquismo. O primeiro objetivo do sadismo seria a dominação do objeto pela violência; fazer sofrer não faria parte da meta originária, o objetivo de produzir dor se daria no retorno ao masoquismo e na fusão com a sexualidade.

Desta forma, a vida não se daria, uma vez que a pulsão de morte age por si só, pois esta procura um retorno ao anorgânico. Fica claro que, desde o início da vida, acontece a fusão pulsional e, assim, o *fort-da* serve como modelo explicativo para que se entenda que a dominação de um impulso de superação da experiência de angústia está, na verdade, a serviço da vida.

Cabe ressaltar aqui que a pulsão de morte encontra-se mais atrelada ao inorgânico, não está a serviço do caráter biológico da vida. A finalidade da pulsão de morte fica marcada assim pela não-configuração de um mero acidente da vida. A própria vida será um acidente da morte, pois todo ser vivo regressará um dia à morte, ou seja, ao inorgânico.

A primeira teoria das pulsões, assim como foi examinada anteriormente, encontra oposição nas pulsões sexuais e de autoconservação, por isso há a necessidade de conciliá-las. A dualidade não é abandonada. Freud acaba por nivelar as suas pulsões segundo a tendência regressiva. As pulsões sexuais assumirão o caráter de tendência à ligação, e a dicotomia do par vida *versus* destruição passará a existir sob os nomes de *Eros* e *Thanatos*.

Eros abarca as pulsões de autopreservação e sexuais. Ainda no âmbito pulsional, teremos duas tendências: a de separação e a de ligação. Esta última será a meta da destrutividade. Então, a tendência a desligar fica marcada como competência da pulsão de morte, reafirmando o que se tinha anteriormente como objetivo da pulsão.

Ao considerar a pulsão de morte como o que irá se nortear ao objeto é preciso somar a participação de Eros neste movimento, já que Eros voltar-se-á para o externo à procura de união. A consideração da pulsão de morte nesta via acontecerá também no caso do sadismo, no sentido de o sadismo ser uma arritmia do masoquismo à exterioridade.

O que fica assinalado no exemplo do sadismo, em que objeto e agressividade se fundem, é a necessidade de que haja uma coincidência em relação aos fins pulsionais, só assim será possível acontecer alguma fusão das pulsões.

Se a origem da pulsão de morte não se centra no empírico, então, fica assinalado o prescindir do conceito de experiência para marcar a consideração de fusão e defusão pulsional. Deste modo, será Eros quem se deixará perceber à medida que migrar para o externo, enquanto a pulsão de morte (*Thanatos*) fica mais atrelada à escuridão.

Assim, fica marcado mais uma vez que não é possível falar em pulsão de morte sem fazer referência a Eros, somada à defusão, que parte (via sadismo e masoquismo) à destrutividade ou, em outras palavras, à destruição das ligações feitas por Eros.

Segue então a idéia de que o impulso para dominação ou para destruição é direcionado aos objetos externos pela fusão com Eros a serviço da vida; sua finalidade seria superar as adversidades para outras atividades fundamentais da vida tais como reprodução e alimentação. A direção da tendência à dominação é para o organismo algo que o impulsiona ao cumprimento de seu percurso natural até a morte, e que não se finda frente aos obstáculos impostos pelo meio.

A teoria das pulsões tem um caráter dualista que, primeiramente, se dá na tomada das pulsões sexuais e do ego (ou de autoconservação). As pulsões sexuais são, desde o início, concebidas juntamente das pulsões de outros tipos.

A pulsão sexual se sobreporia ao emprego da autoconservação e o ego encontra na pulsão de autoconservação a defesa contra a sexualidade e, posteriormente, esse dualismo estará também nos termos pulsão de vida e de morte.

Portanto, deste modo, pulsão de vida e de morte existem de tal forma imbricadas que podem apresentar um desequilíbrio nessa fusão. Um componente sádico pode estar atrelado à pulsão sexual, sendo o aspecto sádico intrínseco à pulsão de morte. Sobre o aspecto fusional das pulsões de vida e de morte Freud diz:

Se tomarmos como verdade que não conhece a exceção o fato de tudo o que vive morrer por razões *internas*, tornar-se mais uma vez inorgânico, seremos então compelidos a dizer que ‘*o objetivo de toda vida é a morte*’, e, voltando o olhar para trás, que ‘*as coisas inanimadas existiram antes das vivas*’ [...] A tensão que então surgiu no que até aí fora uma substância inanimada se esforçou por neutralizar-se, dessa maneira, surgiu o primeiro instinto: o instinto a retornar ao estado inanimado (Freud, 1920, p. 49).

Ainda sobre a questão da mistura pulsional, Freud fala não de uma des fusão total, ou seja, não totalmente completa. Se o impulso para destruição volta-se para o próprio organismo, acaba por aniquilar a vida e ultrapassa Eros em sua meta de garantir um percurso natural até que se chegue à morte, mas esse caso não será a regra, e sim a exceção. Em “O mal-estar na civilização” (1930) apresenta mais uma consideração da idéia de fusão pulsional.

As manifestações de Eros eram visíveis e bastante ruidosas. Poder-se-ia presumir que o instinto de morte operava silenciosamente dentro do organismo, no sentido de sua destruição, mas isso, naturalmente, não constituía uma prova. Uma idéia mais fecunda era a de que uma parte do instinto é desviada no sentido do mundo externo e vem à luz como um instinto de agressividade e destrutividade. Dessa maneira, o

próprio instinto podia ser compelido para o serviço de Eros, no caso de o organismo destruir alguma outra coisa, inanimada ou animada, em vez de destruir o seu próprio eu (*self*). Inversamente, qualquer restrição dessa agressividade dirigida para fora estaria fadada a aumentar a autodestruição, a qual, em todo e qualquer caso, prossegue, ao mesmo tempo, pode-se suspeitar, a partir desse exemplo, que os dois tipos de instinto raramente – ou talvez nunca – aparecem isolados um do outro, mas que estão mutuamente mesclados em proporções variadas e muito diferentes, tornando-se assim irreconhecíveis para nosso julgamento (Freud, 1930, p. 123).

É possível concluir, então, que Eros e Pulsão de morte agem em concorrência, e de modo simultâneo, a fim de alcançar seu objetivo independentemente do objeto escolhido. O que varia são as manifestações dessa fusão, que, em alguns momentos, aparecem como perversão, masoquismo ou ainda como sadismo. Em cada uma dessas manifestações é possível encontrar uma imbricação pulsional. No texto “Esboço de psicanálise” (1938), Freud escreve sua forma de pensar as pulsões e, em seguida, aborda novamente a questão da imbricação pulsional.

A vida seria viabilizada pela tensão estabelecida a partir da imbricação entre Eros e Pulsão de morte, pois a hegemonia de qualquer um deles aniquilaria a possibilidade de vida. A desproporção acentuada entre as pulsões levaria a estados nocivos.

O trecho que segue é destinado à soma do que se viu anteriormente no percurso da teoria freudiana, até que se chegasse a uma proposição do termo pulsão de morte, a uma discussão do tema da agressividade considerado neste mote.

Com base em “O mal-estar na civilização” (1930) é possível considerar a agressividade como uma força originária e independente da sexualidade. Diz o autor: “a tendência agressiva é uma disposição pulsional autônoma, originária do ser humano”. (Freud, 1930, p.116).

Vimos que Freud propõe que, desde o início da vida, como em decorrência da atividade biológica do organismo, está em ação uma agressividade dirigida ao exterior e também uma auto-agressão.

De acordo com o estudo realizado, vimos que o modo como o pulsional opera não se estabelece de maneira mecânica ou por um princípio regulador básico que divide a energia psíquica de maneira homogênea, ao contrário, a composição se desenhará a partir da história do sujeito, pois só assim o pulsional poderá lançá-lo à alçada da alteridade ou à destrutividade.

Assim, a autodestruição pode ser engendrada à pulsão de morte enquanto remetida à des-ligação. Daí decorre que essa descoberta freudiana diz respeito a uma sexualidade fragmentada, não-genitalizada ou, menos ainda, finalizada. Os feitos destrutivos (des-ligados) não falecem sob o viés da agressividade, tomada como força originária do psiquismo.

Apresentadas as condições às quais a agressividade pode ser pensada, não será ela circunscrita de modo sexualizado, pois se inscreve numa outra ordem, já que desde muito cedo na teoria freudiana parte-se da perspectiva de um mundo marcado pela hostilidade. A agressividade expede o cunho de uma força diferente da sexual.

Considerações sobre a agressividade na obra de Melanie Klein

Assim, o ato de fazer reparação – o que é um componente essencial da habilidade de amar – tem seu alcance ampliado. Do mesmo modo, também aumenta a capacidade da criança de aceitar o amor e de receber dentro de si, de várias maneiras, o bem oriundo do mundo exterior. Esse equilíbrio

satisfatório entre “dar” e “receber” é a condição para a felicidade posterior.
(Melanie Klein, 1937, p.384).

Nesta parte da dissertação dedico-me ao estudo do tema da agressividade na teoria kleiniana. Por ora, não ocorrerá a discussão dos achados de Klein em contraposição aos de Freud, exceto quando a própria autora fizer referências a este aspecto nos textos aqui empregados.

O método utilizado para realizar este exame foi a leitura de dezessete artigos da autora, que se dedicam ao tema, encontrando-se estes especificamente em dois de seus livros: *Amor, culpa e reparação* (1996) e *Inveja e gratidão* (1991). Os textos utilizados datam de 1927 a 1960, e tratam, em sua maioria, de demarcar os processos que ocorrem na posição esquizo-paranóide e posição depressiva tal como conceituados por Klein.

O tema da agressividade na obra de Klein é bastante vasto e foi desenvolvido sob o olhar da relação entre bebê e mãe, ou melhor, bebê e seio. Veremos como a autora se reporta à agressividade, nomeando-a de diversas formas. O linguajar kleiniano parece ter embutido a palavra agressividade em vários outros termos, tais como: impulso agressivo, impulso destrutivo, tendência agressiva, tendência destrutiva e pulsão de morte.

Tendo dito o método e alertado sobre o linguajar que se seguirá agora, se faz preciso anunciar o motivo do estudo da agressividade na teoria kleiniana para a feitura deste trabalho. É sabido que a autora é uma grande interlocutora entre Freud e Winnicott; em seus escritos reporta-se inúmeras vezes aos textos de Freud e marca suas distinções em relação a alguns postulados. E, como veremos no próximo capítulo, Winnicott se reportou também numerosas vezes a ela em sua teoria. Passemos a Klein.

No artigo “Tendências criminosas em crianças normais” (1927), Klein afirma que tanto biológica como psiquicamente, cada indivíduo repete, ainda que de modo singular, o desenvolvimento de toda a humanidade. Esta afirmação servirá como assoalho para a hipótese

que a autora levantará mais adiante, em deferência aos conteúdos primitivos no humano. Segue a autora: “É possível encontrar, reprimidos e inconscientes, os estágios que ainda observamos em povos primitivos: canibalismo e tendências assassinas da mais ampla variedade. Essa parte primitiva da personalidade está em contradição direta com sua parte civilizada, que é de onde parte a repressão” (Klein, 1927, p. 199).

Está embutido na afirmação anterior o juízo sobre o qual se assentará toda a teoria kleiniana que diz respeito à agressividade. Klein dirá, no mesmo artigo de que foi extraído o fragmento anterior, que “a luta entre a parte civilizada da personalidade e seu lado mais primitivo começa cedo”. Portanto, o que segue adiante nesta parte da dissertação será uma passagem sobre os vários estágios que estão de acordo -- segundo a teoria de Klein -- com aquilo que se tem de mais primitivo e canibalesco, a saber, as tendências agressivas e os impulsos destrutivos.

Três anos mais tarde, em “A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego” (1930), dirá que há impulsos agressivos e epistemofílicos que entram em ação nas relações afetivas, mas, que podem afastar-se desse tipo de relação por causa da ansiedade. Melanie Klein passa então, de algum modo, a arranjar lado a lado agressividade e ansiedade. Neste ponto da teoria já se adianta um tema que será pormenorizado em seus futuros artigos.

Em “O desenvolvimento inicial da consciência na criança” (1933), o que se anunciou engendrado à agressividade, isto é, a ansiedade volta a aparecer em seus escritos. O trabalho clínico com crianças evidenciou para a autora que a imagem formada dos pais pode estar demasiadamente afastada da realidade e, segundo ela:

Ao penetrar nas camadas mais profundas da mente da criança descobri essas enormes quantidades de ansiedade – o medo de objetos imaginários e de ser atacado de diversas maneiras – também nos deparamos com uma quantidade correspondente de impulsos de agressão reprimidos. Podemos, então, observar a conexão causal

existente entre os medos da criança e suas tendências agressivas (Klein, 1933, p. 287).

Ainda no mesmo artigo, Klein posiciona-se de maneira distinta em relação a Freud no que considera o caminho da agressividade. Vimos nos escritos anteriores que a virada freudiana de 1920 permitiu a reformulação da teoria das pulsões. Em poucas palavras, de acordo com Freud, o que ocorre é uma fusão das pulsões de vida e de morte, originando o sadismo e isto implicará nas relações de objeto. Mas na teoria de Melanie Klein há uma tensão egóica excessiva, que ela chama de ansiedade. Registra a autora:

Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920) apresentou uma teoria segundo a qual, no início da vida do organismo humano, a pulsão de agressão, ou pulsão de morte, é combatida e presa pela libido, ou pulsão de vida – o Eros. Ocorre, então, uma fusão das duas pulsões, que dá origem ao sadismo. Para evitar ser destruído pela sua própria pulsão de morte, o organismo põe em ação sua libido narcisista, ou auto-referencial, a fim de jogá-la para fora e dirigi-la contra seus objetos. Freud considera esse processo essencial para as relações sádicas do sujeito com seus objetos. Eu acrescentaria que, ao lado desse desvio da pulsão de morte para os objetos externos, uma reação de defesa intrapsíquica se levanta contra a parte da pulsão que não pôde ser externalizada dessa maneira. Pois o perigo de ser destruído por essa pulsão de agressão estabelece, na minha opinião, uma tensão excessiva dentro do ego, percebida como ansiedade. Desse modo, o ego enfrenta desde o início de seu desenvolvimento a tarefa de mobilizar a libido contra sua pulsão de morte. Contudo, ele só consegue cumprir essa tarefa de forma imperfeita, pois, como já sabemos, devido à fusão das duas pulsões não consegue mais distingui-las. Ocorre então uma divisão no id – ou seja, nos níveis pulsionais da psique – através da qual uma parte dos impulsos pulsionais é dirigida contra a outra (Klein, 1933, p.288).

No mesmo artigo há referência sobre as pulsões agressivas, afirmando que estas são deslocadas para fora, convertendo-se, na fantasia, em seres perigosos. Daí deriva a idéia de que “o medo que a criança tem dos objetos sempre será proporcional aos seus impulsos sádicos” (Klein, 1933, p. 288). Está aberto o campo para a formulação kleiniana do conceito

de superego. O superego teria seu início simultaneamente ao ato da primeira introjeção oral feita pela criança, pois “as primeiras imagos que ela forma possuem todos os atributos do imenso sadismo associado a esse estágio de desenvolvimento e, como mais uma vez, estes serão projetados para o objeto do mundo exterior, a criança pequena é dominada pelo medo de sofrer ataques de uma crueldade inimaginável tanto por parte dos objetos reais quanto de seu próprio superego” (Klein, 1933, p. 289). Deste modo, conclui-se que quanto maior for o sadismo da criança mais acentuada será a influência de imagos irreais e assustadoras, uma vez que estas serão as seqüelas das próprias tendências agressivas.

Os estágios do desenvolvimento descritos por Klein evidenciam os distintos contornos que os impulsos destrutivos passam a tomar. Aqui, em 1933, é apresentada a idéia de que a fase canibalesca é intensamente vivida no estágio sádico-oral. A autora afirma que a intenção do lactente não é apenas alimentar-se do seio, mas é buscar satisfação para os impulsos destrutivos. Deste modo, fica circunscrita a intenção que tem o bebê de ferir o seio. Segue Klein:

Como mostra a análise de todo adulto no estágio sádico-oral, que se segue ao estágio oral, de sugar, a criança passa por uma fase canibalesca à qual está associada uma grande quantidade de fantasias canibais. Essas fantasias, apesar de ainda girarem em torno da vontade de comer o seio da mãe ou seu corpo inteiro, não dizem respeito apenas à gratificação do desejo primitivo de se alimentar. Elas também servem para satisfazer os impulsos destrutivos da criança (Klein, 1933, p. 291).

É preciso ressaltar aqui, embora não seja pretensão deste trabalho detalhar cada estágio descrito por Klein, que a autora acrescenta aos estágios sádico-oral e sádico-anal, o estágio sádico-uretral. Mas os contornos que a agressividade toma em cada um deles precisam ser analisados. Sobre o empenho em ferir o objeto que cuida, Klein dirá: “Nas fantasias sádico-orais, a criança ataca o seio da mãe e os instrumentos que emprega são os dentes e a

mandíbula. Nas fantasias uretrais e anais, ela procura destruir o interior do corpo materno, empregando as fezes e a urina para atingir esse propósito”. (Idem, 1933, p. 291).

Em “Sobre a criminalidade” (1934), será considerada a base do sentimento de culpa, que, por sua vez, foi oriundo das fantasias agressivas que a criança lançou contra os pais, tal como foi apresentado no parágrafo anterior. O intuito da culpa seria o de consertar o dano que ocorreu em imaginação.

Se nos primeiros estágios de desenvolvimento as fantasias agressivas contra os pais, irmãos e irmãs despertavam a ansiedade principalmente de que esses objetos se voltassem contra a própria criança, essas tendências agora se tornam a base do sentimento de culpa e do desejo de consertar aquilo que foi feito na sua imaginação. Mudanças semelhantes ocorrem como resultado da análise (Klein, 1934, p. 298).

Em “O desmame” (1936), acontecerá o exame do conceito de fantasia e este será postulado como uma atividade mental primitiva presente quase desde o nascimento. Cada estímulo recebido pela criança geraria fantasias agressivas, desagradáveis ou gratificantes e o primeiro objeto sobre o qual o bebê fantasiaria seria o seio, que recebe características como “bom” ou “mau”. O objeto que nega a satisfação dos desejos do bebê seria alvo de todo seu ódio e este processo aconteceria via projeção.

Melanie Klein já anunciou que está de acordo com Freud sobre a fusão das pulsões de vida e morte, operação que recebe o nome de sadismo. Postula a autora que as fantasias agressivas e gratificantes dirigem-se primeiro ao seio da mãe e que posteriormente se estenderão pelo resto de seu corpo. Todas as fantasias rumarão para o interior do corpo da mãe, que em imaginação será atacado, roubado e devorado. A contramão deste movimento será a tendência a reparar, de forma que serão dois movimentos opostos: de um lado estão as fantasias agressivas, o medo de ser atacado e a culpa pelo desejo de destruir, e, de outro, o desejo de fazer reparação.

Os dois movimentos que separam “bom” e “mau” permitem que o bebê lide com os medos provenientes de seus próprios impulsos agressivos: são os medos persecutórios em que o bebê teme ser atacado ou ferido. À medida que estabelece uma relação mais integrada com a mãe, a divisão entre amor e ódio pode vir a ser atenuada. Diz a autora:

Como demonstrei em detalhes no meu artigo sobre o desmame, as emoções do bebê pequeno são particularmente fortes e dominadas por extremos. Há processos divisórios racionais entre os dois aspectos (bom e mau) de seu primeiro e mais importante objeto – a mãe – e entre as emoções (amor e ódio) que sente diante dela. Essas divisões lhe permitem lidar com seus próprios medos. Os primeiros medos derivam de seus próprios impulsos agressivos (que são facilmente atizados por qualquer frustração e desconforto) tomam a forma da sensação de estar sendo abandonado, ferido, atacado – ou seja, intensamente perseguido. Esses medos persecutórios, que se concentram na mãe, dominam o bebê até que este desenvolva uma relação mais integrada com ela (e, conseqüentemente, com as outras pessoas), o que também implica uma integração de seu próprio ego (Klein, 1936, p. 344).

Em “Amor, culpa e reparação” (1937), Klein afirma que as gratificações recebidas da mãe pelo bebê são experimentadas por ele com sentimentos de amor, contudo, esse amor é perturbado em suas raízes por impulsos agressivos, de modo que amor e ódio passam a lutar na mente da criança. (Klein, 1937, p. 349). A fantasia que fere e restaura a mãe é onipotente, mas isto não eliminará o medo de ter destruído o objeto. Escreve a autora:

Uma característica muito importante dessas fantasias destrutivas, que equivalem a verdadeiros desejos de morte, é que o bebê se sente como se aquilo que desejou nas suas fantasias realmente tivesse acontecido, ou seja, ele se sente como *se realmente tivesse destruído* o objeto de seus impulsos destrutivos e continuasse a destruí-lo; isso tem conseqüências extremamente importantes para o desenvolvimento de sua mente. O bebê encontra apoio contra esses medos em fantasias onipotentes de caráter restaurador: isso também traz conseqüências importantíssimas para seu desenvolvimento. Se nas suas fantasias agressivas o bebê feriu a mãe ao mordê-la e despedaçá-la, ele logo cria fantasias em que está juntando os pedaços novamente,

restaurando-a. Isso, porém, não consegue eliminar completamente o medo de ter destruído o objeto que, como já sabemos, o bebê mais ama e do qual mais precisa, encontrando-se numa situação de total dependência. Em minha opinião, esses conflitos básicos afetam profundamente o desenvolvimento e a força da vida emocional do indivíduo adulto (Klein, 1937, p. 349).

De acordo com Klein, quando existe conflito entre amor e ódio o medo surge como avanço para o desenvolvimento, pois os sentimentos de culpa e de sofrimento aparecem como um novo elemento na emoção do amor e se tornam parte integrante dele. Numa nota de rodapé, Melanie Klein evidencia que toda atividade precisa de certa quantidade de agressividade para vir a se realizar. Utiliza o exemplo da dona de casa que limpa seu lar porque tem o desejo de deixar o ambiente agradável, sendo manifestação de amor para as pessoas e coisas de que gosta. Mas o ato de limpar expressa também a agressividade de destruir o inimigo, a sujeira. (Klein, 1937, p. 353).

Partindo do relacionamento entre o bebê e sua mãe, para o desenvolvimento da personalidade e dos relacionamentos posteriores, a agressividade faz o seguinte caminho: a natureza do forte apego do bebê por sua mãe é abalada pelo medo de perdê-la, e este, por sua vez, ocorre por medos persecutórios oriundos dos impulsos agressivos. Ou melhor, o medo de depender da mãe é a consequência de tal movimento, assim, o bebê em sua mente inconsciente tende a desistir daquela que cuida e justamente esse sentimento conflitante, somado ao crescimento intelectual e emocional, permite que encontre outros objetos de interesse e prazer, fazendo ligações posteriores. Vejamos o que escreve a autora:

Esses fatos, contudo, não são o bastante para explicar sua habilidade de se desprender da mãe, pois na sua mente inconsciente ainda está muito ligada a ela. A própria natureza desse apego tão forte, entretanto, tende a fazer com que o bebê se afaste dela, pois dá origem ao medo de perder essa pessoa tão importante (uma vez que a voracidade frustrada e o ódio são inevitáveis). Conseqüentemente, a criança tem medo de depender da mãe. Assim, na mente inconsciente existe a tendência de

desistir dela, à qual se contrapõe o desejo de mantê-la para sempre. Esses sentimentos conflitantes, somados ao crescimento emocional e intelectual da criança, que lhe permitem encontrar novos objetos de interesse e prazer resultam na capacidade de transferir o amor, substituindo a primeira pessoa amada por outras coisas e pessoas. É justamente porque sente tanto amor pela mãe, que pode mobilizar tantos recursos para suas ligações posteriores. Esse processo de deslocamento do amor é da maior importância para o desenvolvimento da personalidade e dos relacionamentos humanos – ou até mesmo, pode-se dizer, para o desenvolvimento da cultura e da civilização como um todo (Klein, 1937, p. 367).

À medida que os medos, ansiedades e sentimentos de morte da pessoa amada (ocasionados pelo impulso destrutivo) vão sendo enfraquecidos, ocorre a emergência dos impulsos criativos outrora adormecidos, aumentando a preocupação da criança e a capacidade de amar. Isto é, segundo Klein, um dos ganhos do trabalho analítico feito com crianças.

Escreve a autora:

No caso das crianças, quando a psicanálise atenua medos de vários tipos, impulsos criativos que até então permaneciam dormentes começam a vir à tona, manifestando-se em diversas atividades, como o desenho, a brincadeira com massa de modelar, a construção de casinhas e a fala. Esses medos trouxeram um crescimento dos impulsos destrutivos; assim, quando os medos são aliviados, os impulsos destrutivos também se reduzem. Ao lado desses processos, também ocorre uma diminuição gradual do sentimento de culpa e da ansiedade em torno da morte da pessoa amada, antes pesados demais para serem suportados pela mente da criança. Agora eles se tornam menos intensos e mais fáceis de controlar. Isso tudo tem o efeito de aumentar a preocupação da criança com outras pessoas e de estimular a pena e a identificação com elas, o que por sua vez traz um aumento do amor. O desejo de fazer reparação, intimamente ligado à preocupação com a pessoa amada e à ansiedade, em torno da sua morte, agora pode se expressar de forma criativa e construtiva. Na psicanálise de adultos também se podem observar processos e mudanças desse tipo (Klein, 1937, p. 377).

Por outro lado, segundo a concepção kleiniana, se um bebê possui pouca capacidade de lidar com agressividade e frustrações, o medo e a culpa se tornam intensos e as falhas dos pais são exageradas na mente da criança. A quantidade de impulsos agressivos, culpa e medo exerce papel importante na atitude mental a ser desenvolvida (Klein, 1937, p. 380).

Em “O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas” (1945), Klein conta o caso clínico de Richard, em que elucida a idéia já descrita de que os impulsos agressivos acabam por gerar a ansiedade, o medo e a culpa. Ela escreve:

Muitas vezes perguntava, mesmo depois de comentários inofensivos dirigidos à mãe ou a mim: “Eu te deixei magoada?”. O medo e a culpa relacionados às fantasias destrutivas moldavam toda a sua vida emocional. A fim de manter o amor pela mãe, ele tentava constantemente conter o ciúme e o ressentimento, negando até mesmo os motivos mais óbvios para a presença desses sentimentos (Klein, 1945, p. 422).

Sobre os desejos genitais e sua relação com o impulso agressivo, há a idéia de que há ansiedades arcaicas que reforçam o medo da castração. No conflito edípico isto se dá em termos de sentimento de culpa em relação ao progenitor do mesmo sexo. Segundo a autora:

Em seus aspectos positivos, o pai é fonte indispensável de força, um amigo e um ideal, no qual o menino procura a proteção e orientação – e que, portanto, sente-se impelido a preservar. O sentimento de culpa a respeito de seus impulsos agressivos contra o pai aumentaram a ânsia de reprimir os desejos genitais. Percebi diversas vezes na análise de homens e meninos que o sentimento de culpa em relação ao pai amado era um elemento integrante do complexo de Édipo, influenciando de modo crucial seu resultado (Klein, 1945, p. 462).

Em “Notas sobre alguns mecanismos esquizóides” (1946), temos o reforço da conjectura acerca da separação entre amor e ódio presentes desde o início do desenvolvimento humano. Klein apoiará essa idéia utilizando os conceitos de projeção e introjeção para assegurar a cisão feita pelo ego arcaico:

Tenho expressado com freqüência minha concepção de que relações de objeto existem desde o início da vida, sendo o primeiro objeto o seio da mãe, o qual, para a

criança, fica cindido em um seio bom (gratificador) e um seio mau (frustrador); essa cisão resulta numa separação entre o amor e o ódio. Sugerir ainda que a primeira relação com o primeiro objeto implica sua introjeção e projeção e, por isso, desde o início as relações de objeto são moldadas por uma interação entre introjeção e projeção, e entre objetos e situações internas e externas. Esses projetos participam da construção do ego e do superego e preparam o terreno para o aparecimento do complexo de Édipo na segunda metade do primeiro ano (Klein, 1946, p. 21).

Embora utilize o conceito de ego arcaico para descrever o funcionamento da mente do bebê, a autora refere-se à necessidade de avançar as pesquisas psicanalíticas sobre o conceito, e faz referência a Winnicott no que diz respeito ao conceito de um ego não-integrado. Embora tenha distinções bastante acentuadas em relação à teoria winnicottiana:

Até o presente, pouco sabemos sobre a estrutura do ego arcaico. Algumas das sugestões recentes sobre esse ponto não me convenceram: penso particularmente que o conceito de Glover de núcleos do ego e na teoria de Fairbairn, de um ego central e dois egos subsidiários. A meu ver, é mais útil a ênfase dada por Winnicott à não-integração do ego arcaico. Eu diria também que falta, em grande medida, coesão ao ego arcaico e que há uma tendência à desintegração, a um despedaçamento. Acredito que essas flutuações são características dos primeiros meses de vida (Klein, 1946, p. 23).

No artigo “Sobre a teoria da ansiedade e da culpa” (1948), Klein discutirá o problema da origem da culpa na teoria freudiana e ligará essa questão à agressividade. Veremos mais adiante que ela explicita os motivos de sua divergência no que diz respeito ao medo da morte.

Klein inicia o exame do problema elegendo uma passagem dos escritos de Freud em que há referência da ligação entre culpa e ambivalência (entre Eros e pulsão de morte) e não à conexão com o complexo de Édipo como postulava anteriormente. Segue a passagem:

Com respeito à culpa, Freud sustentava que ela tem sua origem no complexo de Édipo e que surge em decorrência dele. Há passagens, entretanto, nas quais Freud claramente faz referência a conflito e culpa que surgem num estágio de vida muito

anterior. Escreveu: “[...] o sentimento de culpa é uma expressão do conflito devido à ambivalência, da *eterna luta entre Eros e a pulsão de destruição ou de morte*”(grifo meu). E ainda: “[...] como resultado do *conflito inato surgido da ambivalência* (grifo meu), da eterna luta entre as tendências de amor e de morte, há [...] um aumento do sentimento de culpa”. (Mal-estar na civilização). (Klein, 1948, p. 47).

Klein posicionou-se em relação à origem da culpa reconhecendo a importância das fantasias e dos impulsos sádicos no arrolamento de todo o desenvolvimento humano posterior. Assim, as figuras persecutórias concebidas – via fantasia – projetam para fora a própria agressividade integrante do ego arcaico do bebê e, deste modo, estaria aberto o campo para a culpa sentida por ferir em fantasia seu primeiro objeto amado.

Se no que diz respeito à origem da culpa a teoria de Klein se afasta da de Freud, segue o mesmo acerca da conceituação sobre o superego. Escreve ela sobre os brocardos freudianos: “O superego, conforme sabemos, a seu ver, é como uma consequência do complexo de Édipo. Por conseguinte, em se tratando de crianças de menos de quatro ou cinco anos, os termos ‘consciência’ e ‘culpa’, a seu ver, ainda não se aplicam, e a ansiedade dos primeiros anos de vida é distinta da culpa” (Klein, 1948, p. 54).

No que segue do pensamento de Klein a respeito das ansiedades, escreverá mais adiante no mesmo texto, que há duas modalidades de ansiedade: a persecutória e a depressiva. No trabalho “A contribution to the psychogenesis of maniac-depressive states”,

No trabalho acima mencionado, cheguei à conclusão de que a ansiedade persecutória se relaciona predominantemente ao aniquilamento do ego; a ansiedade depressiva está vinculada predominantemente ao dano feito aos objetos amados, internos e externos, pelos impulsos destrutivos do sujeito (Klein, 1948, p. 55).

Para Melanie Klein, o estudo mais severo foi negligenciado pela psicanálise e, com esta consideração, marca seu afastamento do pensamento psicanalítico em voga no que se endereça ao estudo do tema da agressividade. Sobre o tema referido e seu estudo, escreve:

Ficou implícita nesta exposição de minhas concepções que elas se desenvolvem a partir de um enfoque da agressividade que diferia substancialmente da tendência principal vigente no pensamento psicanalítico. O fato de Freud haver descoberto a agressividade primeiro, como elemento da sexualidade infantil – um acessório da libido (o sadismo), por assim dizer – teve o efeito de, por um longo período, o interesse psicanalítico se concentrar na libido, e a agressividade ser em maior ou menor grau considerada uma auxiliar da libido. Em 1920, deu-se a descoberta de Freud de que a pulsão de morte se manifesta sob a forma de impulsos destrutivos, operando em fusão com a pulsão de vida, e em 1924 seguiu-se a exploração mais aprofundada de Abraham sobre o sadismo na criança pequena. Porém, mesmo após tais descobertas, conforme se pode constatar a partir do conjunto da literatura psicanalítica, o pensamento psicanalítico continuou voltado predominantemente para a libido e para as defesas contra os impulsos libidinais, tendo, da mesma maneira, subestimado a importância da agressividade e suas implicações (Klein, 1948, p. 62).

No texto “As influências mútuas no desenvolvimento do ego e do id” (1952), há mais uma menção que diferencia sua teoria da de Freud sobre o conceito da causa prima da ansiedade. Klein postula que a causa primeira da ansiedade é o medo do aniquilamento (de morte) oriunda do trabalho interno da pulsão de morte (Klein, (1952) 1991a, p. 82).

Em “Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê” (1952), Klein formula a origem da voracidade como sendo proveniente da relação bebê-objeto, e esta, por sua vez, fundada na interação entre pulsão de vida e de morte. A voracidade quando reforçada via falha materna, por exemplo, encarregaria de aumentar ainda mais os impulsos agressivos. Segue o trecho que elucidava o que fora dito:

Um dos conceitos básicos apresentados neste livro é a hipótese de que as primeiras experiências do bebê com a alimentação e presença da mãe iniciam uma relação de objeto com ela. Essa relação é a princípio uma relação com um objeto parcial, posto que os impulsos orais, tanto libidinais como destrutivos, são desde o início da vida dirigidos, em particular, para o seio da mãe. Supomos que há sempre uma interação, embora em proporções variadas, entre os impulsos libidinais e os agressivos,

correspondendo à fusão entre as pulsões de vida e de morte...Sugiro que tal alteração no equilíbrio entre libido e agressão dá origem à emoção chamada voracidade, que é em primeiro lugar e acima de tudo de natureza oral. Qualquer intensificação de voracidade reforça sentimentos de frustração, os quais por sua vez reforçam os impulsos agressivos. Naquelas crianças em que o componente agressivo inato é forte, a ansiedade persecutória, a frustração e a voracidade são facilmente despertadas, o que contribui para a dificuldade dos impulsos destrutivos em sua interação com os impulsos libidinais, proveriam a base constitucional para a intensidade da voracidade. No entanto, enquanto em alguns casos a ansiedade persecutória pode incrementar a voracidade, em outros (como sugeri em *The Psycho-Analysis of Children*) pode tornar-se a causa das primeiras inibições alimentares (Klein, (1952)1991b, p. 87).

Há novamente a referência sobre os impulsos destrutivos como fator primário na causa da ansiedade. A voracidade é aumentada pelos ressentimentos como manifestações da pulsão destrutiva. Quando ocorre diminuição da ansiedade, a voracidade também se reduz, conduzindo a uma diminuição da ambivalência entre agressividade e libido, ou pulsão de morte e de vida. (Klein, (1952), 1991b, p. 112).

No artigo “Sobre a observação do comportamento de bebês” (1952), a autora torna a escrever sobre a voracidade e sua origem. Afirma que a voracidade pode ser, desde o início, incrementada pela ansiedade persecutória, pois é inerente aos primeiros desejos dirigidos ao seio e influencia de forma vital a relação com a mãe e, posteriormente, com os objetos em geral (Klein, (1952), 1991c, p. 121).

Em “Inveja e gratidão” (1957), Klein se refere à inveja como sendo manifestação dos impulsos destrutivos nos estágios sádico-oral e sádico-anal. Afirma ainda que ela está em atividade desde o começo da vida, assumindo, portanto, caráter constitucional. Palavras de Klein:

Há muitos anos venho me interessando pelas fontes mais arcaicas de duas atitudes que sempre nos foram familiares: a inveja e a gratidão. Cheguei à conclusão de que

a inveja é um fator muito poderoso no solapamento das raízes dos sentimentos de amor e gratidão, pois ela afeta a relação mais antiga de todas, a relação com a mãe. A importância fundamental dessa relação para toda a vida emocional do indivíduo tem sido substanciada em vários trabalhos psicanalíticos; e penso que, ao investigar mais profundamente um fator específico que pode ser muito perturbador nesse estágio inicial, eu acrescentei algo de significativo em meus achados referentes ao desenvolvimento infantil e à formação da personalidade. Considero que a inveja é uma expressão sádico-oral e sádico-anal de impulsos destrutivos, em atividade desde o começo da vida, e que tem base constitucional. (Klein, 1957, p. 207).

No mesmo artigo, Klein assevera que a luta entre pulsão de vida e pulsão de morte resultado do medo de aniquilamento do seio, reforçando o posicionamento que tomara anos antes. O que torna distintas voracidade e inveja é que uma se movimenta via introjeção, enquanto a inveja segundo a projeção. A voracidade seria aquilo que se dirige com o objetivo de destruir a mãe, ou melhor, o que ela tem de bom, invejável. Escreve Klein:

A voracidade é uma ânsia impetuosa e insaciável que excede aquilo que o sujeito necessita e que o objeto é capaz e está disposto a dar. A nível inconsciente, a voracidade visa, primariamente, escavar completamente, sugar até deixar seco e devorar o seio: ou seja, seu objetivo é a introjeção destrutiva, ao passo que a inveja procura não apenas despojar dessa maneira, mas também depositar maldade, primordialmente excrementos maus e partes más do *self*, dentro da mãe, acima de tudo dentro do seu seio, a fim de estragá-la e destruí-la. No sentido mais profundo, isso significa destruir a criatividade da mãe (Klein, 1957, p.212)

No texto “Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental” (1958), há uma referência a respeito da função do ego. Seria função egóica travar a luta entre pulsão de vida e de morte. Esta idéia, como é sabido, está presente na psicanálise de Freud. Vejamos o que Klein escreve a respeito:

Freud presumiu que o organismo se protege do perigo suscitado pelo trabalho interno da pulsão de morte através de sua deflexão para o exterior, ao passo que aquela porção dela que não pode ser defletida é ligada pela libido. Em *Beyond the*

Pleasure Principle (1922), ele considerou a operação das pulsões de vida e de morte como processos biológicos. Mas não tem sido suficientemente reconhecido que Freud, em alguns de seus trabalhos, baseou suas considerações *clínicas* no conceito das duas pulsões como, por exemplo, em *The Economic Problem of Masochism* (1924). Permitam-me lembrar as últimas frases daquele artigo. Ele disse: “Dessa maneira, o masoquismo moral se torna uma forma clássica de existência de fusão das pulsões. Seu perigo está no fato de que ele se origina da pulsão de morte e corresponde àquela parte da pulsão que escapou de ser exteriorizada como pulsão de destruição. Mas, como ele tem, por outro lado, o valor de um componente erótico, até mesmo a questão da destruição de si próprio não pode se dar sem satisfação libidinal” (S. E. 19, p. 170). (Klein, 1958, p. 271).

Mas é em uma nota de rodapé que ela anunciará sua reserva em relação à compreensão freudiana a respeito da deflexão da pulsão.

Aqui eu difiro de Freud, na medida em que parece que Freud compreendia por deflexão apenas o processo pelo qual a pulsão de morte dirigida contra o *self* é transformada em agressão contra o objeto, parte da pulsão de morte projetada dentro do objeto, tornando-se este, portanto, um perseguidor; ao passo que aquela parte da pulsão de morte que é retida no ego faz com que a agressão se volte contra aquele objeto persecutório (Klein, 1958, p. 272).

Em “Nosso mundo adulto e suas raízes na infância” (1959), há uma afirmação definitiva sobre a agressividade ser inata. Klein anuncia que alguns bebês experimentam um grande ressentimento e mostram-se incapazes de aceitar gratificação. Diz ela:

Eu sugeriria que tais crianças têm uma agressividade inata e uma voracidade mais forte do que aqueles bebês cujas explosões ocasionais de raiva logo cessam. Se um bebê mostra que é capaz de aceitar alimento e amor, isto significa que ele pode, relativamente rápido, superar o ressentimento em relação à frustração e, quando a gratificação é novamente proporcionada, recuperar seus sentimentos de amor (Klein, 1959, p. 283).

Já em “Sobre a saúde mental” (1960), Klein conceitua uma personalidade integrada como sendo a base da saúde mental. Os elementos da saúde mental incluem maturidade emocional, força de caráter, capacidade para lidar com emoções conflitantes, equilíbrio entre vida interna e realidade e uma fusão das diferentes partes da personalidade como um todo. Mas mesmo em pessoas dotadas de todas essas “virtudes” estariam presentes, em alguma medida, fantasias e desejos infantis.

Deste modo, se finda o exame da agressividade na teoria kleiniana. Vimos que Klein situou os impulsos destrutivos em oposição aos impulsos libidinais e que os impulsos destrutivos têm, em sua teoria, um papel fundamental para que ocorra a ansiedade persecutória e, em seguida, para o surgimento do medo e da culpa.

Os impulsos agressivos/destrutivos são responsáveis também pelo sentimento de culpa e os desejos de reparação que surgirão na criança e contribuirão para que passe a se relacionar com a mãe e o mundo, além do seio.

I- O desenvolvimento do termo agressividade na teoria winnicottiana

Neste capítulo minha proposta é percorrer a obra de Winnicott em busca de variações que dizem respeito ao desenvolvimento do termo agressividade. O objetivo aqui é o de acompanhar o entendimento do autor sobre os ditames da proposição ao longo das quatro décadas em que cunhou seus escritos, a saber, de 1931 a 1969.

Os registros declinados a seguir não procuram o arranjo da agressividade na teoria do amadurecimento pessoal, de modo que este capítulo se torna mais um historiar e menos um acordar o tema em relação às demais conjecturas da teoria. Pretendo, com este historiar, apresentar como Winnicott traçou o percurso acerca tema desta dissertação.

Historio cambiantes sobre a agressividade e a aspiração é a de esquadrinhar os arrimos do tema. Procuo por aquilo que serviu de abrigo ao fenômeno aqui examinado; a busca anseia aproximar-se da agressividade peregrinando pelo entorno. Confecciono a pesquisa alinhavando o abeirar-se do fenômeno nos remates de Winnicott e, a cada remate do autor, devo segui-lo com um alinhavo meu, uma vez que a pesquisa visa a acompanhar o percurso teórico sobre a proposição.

Para o curso do caminho já apresentado, parti à pesquisa dos registros sobre o tema aos materiais que estão restritos ao período já enunciado. A condição determinante para a escolha dos textos utilizados na composição deste trabalho foi a da leitura de toda a obra do autor, traduzida para o português e publicada no Brasil. Uma vez feita a leitura preliminar, retornei ao material elaborando pequenos fichamentos para cada um dos artigos e, deste modo, encontrar uma maneira para eleger os textos que serviriam à confecção deste trabalho.

Notei que para alcançar a concretização do percurso histórico sobre o desenvolvimento do tema seria necessário eleger textos em que o autor utilizasse a palavra “agressão”, bem como suas derivações (agressividade, agressivo, agredir, agredido). Deste

modo, foram encontrados no total 165 textos, que compreendiam capítulos de livros, conferências e palestras radiofônicas organizadas ao longo dos 16 títulos do autor publicados no Brasil.

Realizadas as leituras, os fichamentos e as escolhas dos textos, era chegada a hora de voltar aos artigos segundo a cronologia. A premissa foi a de que a ordem em que foram escritos os textos revelaria as diferentes nuances dadas ao tema. De fato, percebi que, a cada década, o fenômeno recebia distintas conotações e que o passar do tempo transformou o ideário winnicottiano sobre a agressividade. Creio ter esboçado o método utilizado para a feitura deste capítulo e rumo agora para a escrita do que encontrei neste percurso.

O termo na década de 1930

Retorno aos escritos de Winnicott e apresento suas primeiras publicações. No que se alarga adiante, a década de 1930, já estão os primeiros brocardos do autor sobre o termo. A herança dos anos de 1930 se dá em quatro textos que se reúnem em *Privação e delinquência* (2005) e *Pensando sobre crianças* (1997).

As primeiras expressões sobre agressividade dizem respeito às fantasias de masturbação. É num relato de um caso clínico de um garoto de cinco anos que o autor afirma que, pela masturbação, os conteúdos que se achavam reprimidos encontram uma forma de escoamento livre de culpa. Seria, então, a agressividade das fantasias masturbatórias a via pela qual se podia obter o escoamento. (Winnicott, (1931), 1997a).

O escoamento seria o de conteúdos reprimidos e não propriamente da agressão, pois esta seria a das fantasias masturbatórias. Não há outro registro neste momento de sua obra que

radique assunto da agressividade das fantasias masturbatórias ou que torne esta afirmação mais intensa. O autor elucida a precisão de observar o engendro entre corpo e agressividade e aponta a necessidade de seguir com este estudo. Por ora, parece-me que o autor usa o *termo* agressividade, mas não o *tema* da agressividade.

Winnicott menciona a agressividade de maneira atrelada ao corpo, afirmando que há uma averiguação da necessidade de realizar pesquisas no que diz respeito ao que ocorre com o corpo quando uma criança fica agressivamente agitada. (Winnicott, 1931)1997b.

Ainda sobre esta recomendação (que relaciona agressividade e aspectos corporais), há um adendo dirigido à psicanálise que, na ocasião, Winnicott divide em três partes. Elucida primeiramente a necessidade de examinar a vida instintual pessoal, alerta também sobre as origens das idéias de perseguição e, finalmente, o entendimento das tarefas emocionais primitivas, tais como: o alargamento de um relacionamento com a realidade externa, a integração da personalidade e o sentido do corpo (Winnicott, (1931), 1997 b).

As questões apontadas ainda em 1931 parecem assumir um caminho na extensão de sua obra, pois vale lembrar aqui que ao longo dos anos o autor segue com o desenvolvimento das questões anunciadas acima como faltantes na psicanálise ainda no início da década de 1930. Winnicott agregará à psicanálise sua contribuição a respeito da vida instintual pessoal e do desenvolvimento em relação à realidade externa. Irá firmar a noção de objeto transicional, além de consolidar sua posição sobre a integração da personalidade. Mas não é nisto que este exame deve se demorar.

Os próximos escritos – que passam pelo termo aqui examinado – ocorreram em 1934. O que no ano de 1931 parece ter ficado asilado em meio às questões da fantasia de masturbação e das questões corpóreas, tornou-se mais aparente em sua obra.

É em 1934 que o autor faz menção, pela primeira vez, sobre a direção da agressividade. O que antes permanecia em seus escritos somente pelo registro corpóreo, passa

a ser encarado como algo a ser dirigido. O fenômeno corpóreo citado sobre os maléolos caledados em crianças que gozavam de saúde física seria produzido por um constante chutar e a ação garantiria o prazer e certo alívio de tensão. Diz o autor: “Estas marcas calosas são produzidas e mantidas por um constante chutar, e com isto a criança obtém prazer e certo alívio de tensão, ao dirigir para si mesma a agressão que no inconsciente está dirigida para alguma pessoa do meio ambiente” (Winnicott, (1934), 1997, p. 154)

No ano de 1939, tem início a diferenciação entre conduta e impulso agressivo, porque a conduta agressiva não pode ser explicada como decorrente da existência dos impulsos agressivos primitivos. O problema foi levantado por Winnicott com base na observação de casos que manifestavam conduta anti-social ao afirmar que: “O comportamento agressivo de crianças que chamam a atenção de um professor nunca é uma questão exclusiva de emergência de instintos agressivos primitivos. Nenhuma teoria válida sobre a agressividade infantil poderá ser construída a partir de uma premissa tão falsa” (Winnicott, (1939), 2005 f, p. 94)

O fato de o comportamento agressivo não ser o mesmo de instinto agressivo abre campo para a investigação teórica sobre o desenvolvimento instintual da agressividade. É aqui que se abre a clareira para a entrada do problema da intencionalidade presente no tema analisado.

Neste momento do desenvolvimento da teoria, pode-se admitir que o bebê é capaz de machucar, mas não se pode omitir o fato que implica necessariamente o movimento contrário, pois o bebê é capaz de inibir os impulsos agressivos com o intuito de proteger aquilo que ama. Originariamente, a agressividade instintiva não é algo à mercê do ódio, mas está ligada à satisfação do apetite ou ao que o autor conceitua como amor instintivo. Winnicott afirma:

Se é verdade, portanto, que o bebê tem uma grande capacidade para a destruição, não é menos verdadeiro que ele também tem uma grande capacidade para proteger o que ama de sua própria destrutividade, e a principal destruição existe sempre,

necessariamente em sua fantasia. E, quanto à sua agressividade instintiva, é importante assinalar que, embora se torne em breve algo que pode ser mobilizado a serviço do ódio, é originalmente uma parte do apetite, ou de alguma outra forma de amor instintivo. É algo que recrudescer durante a excitação, e seu exercício é sumamente agradável (Winnicott, (1939), 2005 f, p. 97)

A voracidade presente na agressividade instintiva, por exemplo, manifestada no apetite, não é entendida como um ato que guarda a intenção de ferir ou destruir. A agressividade instintiva dirige-se antes à satisfação das necessidades e não à destruição daquele que ama. Sobre o entrelace dos termos voracidade, amor e agressão, Winnicott dirá: "talvez a palavra voracidade expresse melhor do que qualquer outra a idéia de fusão original de amor e agressão, embora o amor neste caso esteja confinado ao amor-boca" (Winnicott, (1939), 2005 f, p. 97)

O ódio, assim como o amor, está presente no construto teórico aqui examinado. "Devemos estar preparados, é claro, para descobrir que nunca podemos ver desnudado o ódio que, no entanto, sabemos que existe no íntimo do ser humano" (Winnicott, (1939), 2005 f, p.95)

Há, neste postulado, como foi mencionada, a afirmação da vinculação entre amor e agressão. Mas, em que medida, a agressividade vem se vincular ao ódio? Para resolver este problema Winnicott não lança mão tão-somente do postulado instinto, parte agora para introduzir um outro, uma mãe suficientemente boa. Sobre a busca de satisfação do bebê o autor escreve:

Normalmente, ele chega a uma conciliação e permite-se suficiente satisfação ao mesmo tempo em que evita ser excessivamente perigoso. Mas, em certa medida, frustra-se; assim, deve odiar alguma parte de si mesmo, a menos que possa encontrar alguém fora de si mesmo para frustrá-lo e suportar ser odiado... Desse modo, os elementos agressivos do apetite podem ser isolados e poupados para serem usados

quando a criança está furiosa e, finalmente, mobilizados para combater a realidade externa percebida como má (Winnicott, (1939), 2005 f p. 98).

Visto o modo como se engendram instinto agressivo, amor e ódio, é chegado o momento de passar ao exame da noção de fantasia. A fantasia encontra seu lugar no estudo da agressividade por conta do papel outorgado a ela de proteger o indivíduo de forças cruéis ou destrutivas que ameaçam dominar as forças de amor.

A destruição excessiva presente no mundo interno da criança acaba por fazer negar os maus conteúdos presentes nas fantasias ou, então, numa outra saída, se dá possibilidade de dramatizar essas más propriedades. Sobre o papel da fantasia no que diz respeito aos conteúdos hostis.

Quando existe esperança (que foi conquistada pelo manejo suficientemente bom), passam a existir condições de usufruir os impulsos instintivos, incluindo os agressivos, transformando em bem na vida real o que outrora fora dano na fantasia. Este será o caminho para a sublimação e constituirá a base do brincar e do trabalho.

Ainda sobre a fantasia constituída como método para lidar com os conteúdos maus, o autor assinala o fracasso, pois não se pode encontrar nesse tipo de método o vínculo entre realidade exterior e interior. O elo confiável será a relação entre realidade interna e experiências instintivas originais (Winnicott, (1939), 2005 f).

Assevera o autor que não é tarefa fácil alcançar as origens da agressividade. Ao mencionar o termo, Winnicott a classifica como uma tendência humana. Diz ele: “De todas as tendências humanas, a agressividade, em especial, é escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos, e quando se manifesta é sempre uma tarefa difícil identificar suas origens” (Winnicott (1939), 2005 f p. 94)

Encerra-se, assim, a década de 1930 e um movimento teórico sobre o tema aconteceu. O termo agressividade parece ter tomado cada vez mais espaço dentro do construto de Winnicott. O exame revelou que o que antes, em 1931, aparecera timidamente nos registros,

passou a tomar forma a partir de 1934, com a noção de que agressividade é algo a ser dirigido para interior e exterior, trazendo à baila a questão da intencionalidade.

A conduta agressiva foi completamente diferenciada de impulso agressivo e, por este motivo, o tema cresce nos lineamentos do autor. O salto acontece ao se vincular instinto agressivo a termos como amor, ódio, fantasia, mãe e meio ambiente. Em 1939 há uma separação veemente entre instinto agressivo e ódio. Apesar de não ser objetivo neste capítulo e sim estar circunscrito nas considerações finais, penso que se faz necessário lembrar aqui que neste mesmo ano o autor,, pelo menos com relação ao tema aqui analisado, posiciona-se acerca do tema da agressividade de maneira bastante distinta das psicanálises de Freud e Klein.

O termo na década de 1940

Na década de 1940, o conjunto dos artigos encontrados menciona, de forma geral, a importância dos cuidados no entorno dos instintos agressivos, de modo que o arranjo permita a integração da personalidade. Winnicott apresentou, nos anos de 1930, a importância do meio no que diz respeito aos contornos que a agressividade pode vir a tomar, introduzindo a idéia da participação do cuidado materno nos contornos do tema. Seus escritos dessa época estão registrados em quatro de seus livros: *Pensando sobre crianças* (1997), *Tudo começa em casa* (2005), *O gesto espontâneo* (1990) e *Privação e delinqüência* (2005). São ao todo cinco artigos que passam pelo fenômeno examinado.

A posição assumida na década de 1930 é mantida e os registros de 1940 parecem voltar-se mais para o manejo daquilo que foi postulado anteriormente do que para explicações

ou especulações epistemológicas acerca do tema. Por vezes, o autor segue utilizando o termo da agressividade ao referir-se sobre questões da coletividade ante o indivíduo.

Em 1940, Winnicott escreve não sobre o desenvolvimento emocional do bebê ou da criança, mas passa a um discurso sobre o ambiente adulto e sofisticado. Penso que esta citação pode ser vista de forma congruente com o tema da agressividade como vem sendo examinado até aqui, pois neste trecho que aparenta assumir uma outra ruma que não a epistemológica está embutida uma intercambiável visão da natureza humana quando pensamos em termos de instintos agressivos e seus arranjos, tais como são teorizados para um bebê ou uma criança.

Winnicott escreve:

Por sorte, sendo a natureza humana como ela é, cedo ou tarde acaba aparecendo alguma razão que justifique a remoção dos chefes, mesmo dos mais amados e confiáveis; só que o motivo primário da remoção de um político é subjetivo, e será encontrado no sentimento inconsciente, de maneira que, se os políticos ficam engasgados, torna-se manifesta uma série de fenômenos que agregam ódio não-expresso e agressividade não-satisfeita”. (Winnicott, (1940), 2005 g, p. 224)

Voltando agora ao desenvolvimento emocional, o centro da questão nesta década ocorrerá em função do ambiente para que seja possível uma integração da personalidade. O ambiente deverá suportar ser odiado e prover condições para que sejam alcançados os estágios essenciais ao desenvolvimento.

[...] Sem uma pessoa a quem possa amar e odiar, a criança não pode chegar a saber amar e odiar a mesma pessoa, e assim, não pode descobrir seu sentimento de culpa nem o seu desejo de restaurar e recuperar. Sem um ambiente humano e físico limitado que ela possa conhecer, a criança não pode descobrir até que ponto suas idéias agressivas não conseguem realmente destruir e, por conseguinte, não pode discernir fantasia de fato. Se um pai ou uma mãe que estejam juntos e assumam juntos a responsabilidade por ela, a criança não pode encontrar e expressar seu impulso para separá-los nem sentir alívio por não conseguir fazê-lo. O desenvolvimento emocional dos primeiros anos é complexo e não pode ser omitido,

e toda criança necessita absolutamente de um certo grau de ambiente favorável se quiser transpor os primeiros e essenciais estágios desse desenvolvimento (Winnicott, (1947), 2005 f, p. 64).

Nesta fase do desenvolvimento da teoria, o autor delineará a integração da personalidade como oriunda de duas fontes: pela experiência de sentimentos que fará com que o bebê se sinta uma pessoa só e também pelo manejo que a mãe proverá à criança (Winnicott, 1948) 1997c.

Ainda nesse mesmo ano, em correspondência trocada com Anna Freud, Winnicott menciona a necessidade de avançar nas pesquisas sobre a agressividade. O autor volta novamente a encarar a questão da agressividade sob a nuance do ambiente, que não se restringe ao cuidador primeiro, mas chega a atingir o manejo numa esfera maior, a da educação, esfera que não se restringe à função da mãe. Afirma:

A) Neste congresso, o ponto importante a ser apresentado é o de que os problemas do mundo não se devem à agressividade do homem, mas à agressividade reprimida no homem individual. B) Como consequência disso, o remédio não é a educação das crianças em termos de manejar e controlar sua agressividade, mas oferecer ao maior número de bebês e crianças condições (de ambiente emocional) tão estáveis que eles possam, cada um deles, vir a conhecer e a tolerar como parte de si mesmos o conjunto total de sua agressividade (o ávido amor primitivo, a destrutividade, a capacidade de odiar etc.) (Winnicott, (1948), 1990 d, p. 10).

Deste modo, Winnicott reafirma a agressividade como uma questão não ligada à destrutividade, por sua origem, mas sim com a experiência do amor, requisitória de cuidados para encontrar o escoamento rumo à integração. Assim se finda a década de 1940 e fecha-se de maneira congruente com os postulados elaborados anteriormente em que a agressividade assume uma vinculação ao amor instintivo como sendo o piso sobre o qual se edificará, a partir do cuidado, os demais aspectos aos quais estará engendrada.

O termo na década de 1950

Nos anos de 1950 foram escritos diversos textos sobre o tema. São quatorze artigos distribuídos em sete de seus livros, são eles: *Explorações psicanalíticas* (1994), *Conversando com os pais* (1999), *A família e o desenvolvimento individual* (2005), *O gesto espontâneo* (1990), *Privação e delinquência* (2005), *O ambiente e seus processos de maturação* (1983) e *Da pediatria à psicanálise* (2000).

Winnicott inaugura o tema aqui examinado na década de 1950 numa carta a Money-Kyrle. Nesta correspondência, do ano de 1952, tem-se o posicionamento do autor em relação ao conceito freudiano de pulsão de morte.

O autor não considera qualquer ligação entre pulsão de morte e agressividade, pois esta permanece ligada ao impulso primitivo de amor, demarcando ainda o estatuto de impulso ao termo. O espectro a que se atém o estudo da agressividade, de acordo com o que propõe a teoria aqui examinada, não se detém na dualidade pulsional tomada como vida e morte, e, nesta correspondência, demarca seu posicionamento em relação ao postulado freudiano aqui já mencionado. Segue o autor:

Levanta-se aqui, porém, uma questão muito interessante sobre a origem dos impulsos agressivos. Em minha opinião, o impulso agressivo inerente é extremamente poderoso e faz parte da pulsão que clama por relacionamentos. É, portanto, uma parte essencial do impulso primitivo do amor. Muita coisa poderia ser dita aqui a respeito da patologia da quantidade variável de agressão que pode estar disponível para a fusão com o impulso de amor, em virtude de ter sido despertada antes que o ego houvesse se desenvolvido a ponto de ser capaz de sobreviver à experiência da fome do bebê. Mas isso é irrelevante. Lamento que tenha introduzido

aqui a pulsão de morte, por que ela confunde tudo, e , do meu ponto de vista, é um conceito que Freud introduziu porque não tinha qualquer noção a respeito do impulso primitivo de amor. Numa discussão não teria a menor utilidade introduzir a expressão pulsão de morte, a menos que se volte diretamente a Freud e se fale da tendência dos tecidos orgânicos de retornar ao estado inorgânico, o que, no que diz respeito à psicologia, não significa absolutamente nada, exceto uma afirmação do óbvio. Provavelmente não é verdade nem mesmo na sua forma mais crua e simples (Winnicott, (1952). 1990 e, p. 35).

Cabe ainda ressaltar que nesta mesma correspondência há uma demarcação nítida do afastamento do autor quanto ao postulado de Klein e Freud sobre a dualidade pulsional. “Esse é um exemplo da maneira como o conceito de pulsão de vida e de morte evita o campo de investigação tão rico do desenvolvimento inicial do bebê. É uma pena que Melanie tenha feito um esforço tão grande para conciliar sua opinião com a pulsão de vida e a de morte, que são talvez o único erro de Freud” (Winnicott, (1952), 1990 e, p. 37).

No ano de 1954, em “Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto psicanalítico,” temos a demarcação da importância do ambiente no desenvolvimento do ego inicial; não seria possível para o autor construir teorias sobre o desenvolvimento dos instintos sem levar em conta o ambiente que o sustenta.

Está aberto o campo para a diferenciação em relação à teoria kleiniana. Winnicott afirma em “A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal” (1954-55), que esteve sob supervisão clínica de Klein entre 1935 e 1940, mas suas posições são intensamente distintas, no que acata a intencionalidade do lactente.

Em “Agressividade em relação ao desenvolvimento inicial” (1950-55), encontramos a tomada definitiva de Winnicott sobre o tema. Ali se resalta sua proposição no que fora anunciado no texto mencionado acima, isto é, sobre a intencionalidade. Diz o autor:

Antes da integração da personalidade, já lá está a agressividade. O bebê dá pontapés dentro do útero: não se pode dizer que ele esteja abrindo caminho para fora a

pontapés. Um bebê de poucas semanas agita os braços: não se pode dizer que ele esteja querendo golpear, o bebê mastiga os mamilos com suas gengivas: não se pode dizer que ele esteja pretendendo destruir ou machucar. Em suas origens, a agressividade é quase sinônima de atividade: trata-se de uma função parcial (Winnicott, (1950- 1955), 2000, p.289)

Não é proposta deste capítulo aprofundar a ligação da agressividade com os vários estágios do desenvolvimento, mas se faz necessário seguir o texto para se ter uma perspectiva de como o autor a situou neste momento. É neste texto, trabalhado entre os anos de 1950 e 1955, que se encontra grande parte das proposições do autor sobre o tema. Winnicott aqui discorrerá sobre a correlação do termo a vários estágios do desenvolvimento emocional.

A compreensão da idéia de intenção é enaltecida pelo autor quando ilustra num exemplo que não se trata de pensar em ser roubado ou em roubar como movimentos opostos, mas, sim, de compreender o movimento que a agressividade sofre até que cumpra seu papel na integração da personalidade do indivíduo.

Temos ali que a origem da agressividade está atrelada a algo como atividade; o autor utilizará o termo motilidade. Para estudar as raízes da agressividade é preciso não examinar a reação agressiva ou hostil a um estímulo, mas a insatisfação do id perante o princípio de realidade. Deste modo, um ato agressivo não pode ser isolado para ser entendido, mas deve compreender: o ambiente, a maturidade cronológica em oposição a emocional, os graus de maturidade e a desorganização emocional.

Ainda neste texto tem-se que a intenção da agressividade apresenta dois momentos: num primeiro momento é uma atividade sem intenção e, posteriormente, quando a personalidade está integrada, ocorre a intenção. A intenção está ligada aos primeiros impulsos amorosos coincidindo com o erotismo oral. Se a agressividade tem origem na expressão instintiva do amor ligada à fase oral, então, para se dedicar a este estudo se faz necessário

examinar a pré-história do elemento agressivo nas experiências iniciais do id (enquanto amor primitivo).

O impulso do amor primitivo encontra sempre uma reação agressiva porque não existe satisfação total do id, apesar de que “os impulsos do amor primitivo (id) têm um aspecto destrutivo, embora não haja na criança a intenção de destruir, visto que o impulso pertence a uma etapa anterior ao concernimento” (Winnicott, (1950-1955), 2000, p.296).

A afirmação acima elucidada o que acontece no ego não integrado (amor primitivo), ocorrendo antes mesmo da ausência do concernimento. A destruição é objeto do impulso do id simplesmente porque ele não encontra satisfação total. Esta destruição ainda não é mediada, não é tarefa do ego.

A destruição como tarefa do ego só poderá ocorrer quando este já estiver integrado, possibilitando a existência da raiva que, por sua vez, causará o temor à retaliação. Antes da integração não se fala de raiva ou medo porque estes só podem acontecer quando o ego atingiu alguma integração.

Winnicott (1950-55) postula que a raiva não é oriunda da agressividade, mas da frustração e esta age jogando para longe a culpa. Há, neste momento, a ação da frustração que aciona um mecanismo de defesa que separa amor e ódio, fazendo-os agir em direções opostas, necessitando dessa forma de um ego capaz de realizar a separação.

Para examinar os elementos agressivos (destrutivos apenas por acaso, sem a intenção) das experiências iniciais do id, é preciso levar em conta elementos que já estão presentes no movimento fetal (Winnicott, 1950-55). Estes elementos, como já fora mencionado, são parte de uma vertente sensorial e são chamados de motilidade.

Rivière (1936), citado por Winnicott (1950-1955), ressalta que cada bebê deve injetar o máximo de motilidade primitiva nas experiências do id. Esta experiência permite que

através da frustração o bebê tenha contato com a realidade, pois se a experiência do id fosse completa ocorreria frustração proveniente de outra raiz motora.

A motilidade esta ligada à experiência instintiva (id). O id de cada bebê tem uma porcentagem “x” de motilidade primitiva. O resto da motilidade pode ser usado de outros modos, por isso cada indivíduo é diferente do outro quanto à sua agressividade.

No padrão das experiências do id de cada bebê, estão incluídos “X” por cento de motilidade primitiva. Restam 100-X por cento para serem usados de outros modos – e deve ser esta a razão da ampla diferença existente entre os vários indivíduos quanto à sua agressividade. Aqui estaria também a origem de uma determinada forma de masoquismo. Seria útil, portanto, examinarmos os padrões que se desenvolvem ao redor do fenômeno da motilidade (Marty et Fain, 1955 *apud* Winnicott, (1950-1955), 2000, p. 297) .

Para entender os arranjos da motilidade na organização da personalidade do indivíduo são estabelecidos três padrões:

- 1º) O ambiente é descoberto pela motilidade, o bebê está se desenvolvendo no centro, o contato com o ambiente é uma experiência do indivíduo, isto é, o narcisismo primário. Motilidade é, neste momento, narcisismo; expandir-se estando no centro.
- 2º) O ambiente se impõe ao feto, não é experiência individual, mas reação à intrusão. Não é saída para o mundo, mas para a quietude, única ocasião em que é possível experimentar a existência individual. Aqui motilidade é reação à intrusão.
- 3º) A motilidade é exagerada. É tanta expansão que não sobra lugar para o narcisismo primário transformar-se num indivíduo (nem se torna recolhido e nem se põe ao centro). Não sai do núcleo, não se desenvolve a partir do núcleo, mas da casca (corpo), desenvolve-se pela invasão do mundo exterior, o núcleo se torna oculto. O indivíduo existe para não ser encontrado, o verdadeiro eu fica escondido, é o que conhece por falso self.

A fusão de potencial “x” de motilidade e de potencial erótico só é conseguida em indivíduos que alcançaram o 1º padrão. “O primeiro padrão configura o que chamamos de saúde. Depende, para sua formação, de uma mãe suficientemente boa.” (Winnicott, 1950-55, p.298). Nos outros padrões o que pode haver é uma erotização dos elementos agressivos e não uma fusão.

Ainda que o ego seja imaturo neste momento, muita coisa acontece antes da primeira mamada. As experiências motoras colaboram para que o indivíduo tenha a capacidade de começar a existir, passando pela identificação, rejeição da casca para tornar-se núcleo. Sobre as primeiras experiências do sentir-se real Winnicott salienta que:

[...] Os pacientes nos fazem saber que as experiências agressivas (mais ou menos desfundidas) são sentidas como reais, muito mais reais que as experiências eróticas (também desfundidas). Ambas são reais, mas a primeira proporciona uma sensação de realidade muitíssimo valorizada. A fusão da agressividade com o componente erótico da experiência incrementa a sensação de realidade da experiência (Winnicott, (1954), 2000, p. 301)

De acordo com Winnicott (1950-55), o ambiente suficientemente bom permite que o indivíduo exista e, quando existe, há uma fusão do potencial de motilidade e do potencial erótico. Esta fusão será o caminho pelo qual o id e o ego (diferenciados) manterão um relacionamento para que possam ultrapassar as dificuldades do princípio de realidade. De tudo isto deriva outras idéias que dizem respeito à natureza externa dos objetos. Estas relações serão examinadas posteriormente no terceiro capítulo.

Conforme Winnicott (1950-55), o início da vida individual não pode ser conhecido inteiramente. O estudo da agressividade acompanharia a manifestação dos diferentes graus em cada estágio do desenvolvimento do ego e esses estágios se diferenciam em: inicial, intermediário e total.

No estágio inicial há uma pré-integração, e é marcado pelo propósito sem piedade. O intermediário tem como característica a personalidade integrada e o propósito seguido de piedade e/ou culpa. O estágio total será marcado pelas relações triangulares e interpessoais, conflitos conscientes e inconscientes. Winnicott se atém, neste artigo, à fase intermediária.

- O pré-concernimento

Na ausência de concernimento a pessoa tem um propósito, mas não tem concernimento dos resultados, não se preocupa com as conseqüências. “Ela ainda não considera importante o fato de ela poder destruir o que ama quando está excitada; é a mesma coisa que valoriza nos calmos intervalos entre as excitações” (Ibidem, 1950-55, p. 290). O amor excitado inclui um ataque imaginário ao corpo da mãe. Neste estágio, é como se os ataques sem concernimento acontecessem porque a agressividade está relacionada com amar (poder se relacionar com objetos). E, se a agressividade é perdida, aí também é perdida parte da capacidade de amar.

- O concernimento

Aqui o ego está integrado e a criança enxerga a personalidade da mãe. É aí que entra o concernimento. É um sentimento de concernimento no que diz respeito às suas experiências instintivas físicas e ideativas; a capacidade de sentir culpa. Aqui a agressividade é transformada em culpa.

A culpa é o dano que a criança imagina ter causado à pessoa amada enquanto esteve excitada. Na saúde, com ajuda da mãe, a criança lida com a culpa pelo construir e reparar. Então, uma parte da agressividade transforma-se em funções sociais, como o reparo e a construção. A criança preocupa-se não só mais com os impulsos sobre sua mãe, mas com o resultado de suas experiências em seu próprio eu.

A satisfação dos impulsos faz com que ela sinta confiança em si e no mundo. As cóleras da criança soam para ela como coisas malignas, que podem vir de dentro de si para

ameaçar a sua pessoa e as coisas boas da vida. Neste momento, ela percebe que terá de administrar seu mundo interno pela vida toda. Winnicott nos lembra ainda que “uma boa parte da agressividade transforma-se em funções sociais, e é desta forma que ela se manifesta” (Winnicott, (1950-55), 2000, p.291).

A criança poderá administrar o mundo interno quando estiver alojada no interior de seu corpo, percebendo assim o que está dentro e fora de si. Assim, poderá administrar também o mundo externo e diferenciar fantasia de realidade. Neste período pode ocorrer o desenvolvimento dos mecanismos de defesa.

Na saúde os interesses da criança são dirigidos ao mundo externo e ao interno, criando a possibilidade de existirem pontes entre dois mundos, como por exemplo, os sonhos (Winnicott, 1950-55). Na doença há uma tendência a concentrar o que é bom dentro e projetar o que é ruim para fora, gerando um modo de introversão patológica.

Ao restabelecer-se, voltar da introversão patológica, a criança relaciona-se com o mundo externo, que está cheio de perseguidores e então pode se tornar agressiva. Esta é uma das fontes do comportamento agressivo (não da agressividade). No período de restabelecimento da introversão, os cuidadores que não souberem lidar com a criança contribuirão para a volta à introversão.

Ao restabelecer-se da introversão patológica, a criança volta a relacionar-se com o mundo externo que para ela está cheio de perseguidores, e nesse ponto de seu restabelecimento a criança torna-se geralmente agressiva (Winnicott, (1950-55), 2000, p. 293).

A administração do mundo interno possibilita o comportamento agressivo. As crianças que têm personalidade organizada se deparam com situações que não podem assimilar por meio da identificação. Ao administrar seu mundo interno, a criança tenta guardar o que é bom e eliminar as coisas ruins. Dramatiza, machucando-se com freqüência, na tentativa de eliminar ou diminuir o que há de ruim em seu interior.

Quando há saúde, o indivíduo guarda dentro de si a maldade para utilizar contra aquilo que ameaça o que ele julga valioso. Este é o valor social da agressividade, que, ao contrário do que ocorre na agressividade maníaca, a objetividade fica preservada e o inimigo pode ser enfrentado sem ter de ser amado.

De acordo com Winnicott (1950-55), quando a análise atinge um certo tempo, o paciente busca a raiz de sua agressividade e não mais de sua raiz erótica. Neste momento, o trabalho do analista se torna mais difícil, pois se concentrará no material clínico da des fusão. O paciente saudável obteve fusão entre o potencial erótico e a motilidade (componentes agressivos e eróticos), mas no processo da análise devemos considerar o antes da fusão e o momento da fusão, buscando a raiz de sua agressividade e não mais da raiz erótica.

A fusão é sempre incompleta. O que ocorre é que, em alguns casos, a agressividade não se funde em grande quantidade. Nos estágios iniciais, o componente agressivo conduzirá o indivíduo a um não-eu que ele sentirá como objeto externo. Winnicott (1950-55) compreende que, com os elementos agressivos erotizados, o indivíduo não consegue sentir-se real sem agir de modo impiedoso e destrutivo. Uma experiência erótica se completa quando o indivíduo cria subjetivamente um objeto quando está no estado narcísico da identificação primária de uma etapa anterior.

As experiências agressivas eróticas (desfundidas) são sentidas como reais pelo indivíduo, porém as agressivas são mais palpáveis. A fusão da agressividade e o componente erótico da experiência enaltecem a sensação de realidade.

Há algo no campo da agressividade que só pode ser encontrado nos impulsos do feto, que se chama de força vital (erotismo muscular). A força vital é igual ao potencial erótico. A quantidade de potencial agressivo depende da oposição que o bebê vai encontrar. A oposição faz a força vital se transformar em agressividade, e, se isto acontecer em excesso (muita oposição), o potencial agressivo não se fundirá ao erótico.

Winnicott (1950-55) ressalta que os impulsos do feto levam à descoberta de que existe um ambiente e a oposição fará com que ele tenha um reconhecimento precoce do não-eu e do eu, embora não seja definitivo.

Ainda no mesmo texto, o autor postula que a personalidade compõe-se em três partes: eu verdadeiro, eu e não-eu constituído, e elemento agressivo/erótico. Este eu será seduzido pela experiência erótica e perderá a sensação de realidade. Então, se entregará à agressividade porque será ela o elemento que dará a sensação de realidade e de estar se relacionando. Neste ponto, a agressividade não está organizada para fins de destruição. Essa agressividade não tem raiz no impulso pessoal motivado pela espontaneidade do ego, mas sim por uma oposição ou perseguição. Winnicott (1950-55), 2000, p. 304) sugere que “é a impulsividade e a agressividade que dela deriva que levam o bebê a necessitar de um objeto externo”.

Por vezes, pode não se tornar claro quando se diz agressividade para designar espontaneidade, mas o que ocorre é que o gesto impulsivo volta-se para fora e se torna agressivo quando encontra oposição. Essa experiência propicia a realidade e se funde às experiências eróticas do recém-nascido. A impulsividade e a agressividade levam o bebê à necessidade de um objeto externo que o satisfaça.

Ainda no ano de 1955, Winnicott escreve de modo mais simples parte do postulado exposto no texto anterior. Se tínhamos uma exposição dirigida aos leitores de psicanálise em *Da pediatria à psicanálise* (2000), em *Conversando com os pais** (1999) encontraremos uma linguagem adaptada a pessoas que não têm qualquer familiaridade com a elocução psicanalítica. Vejamos como Winnicott *traduz* as principais idéias, ou melhor, aquelas que podem servir aos cuidadores no texto “Madrastas e padrastos”:

Cada indivíduo tem uma grande dificuldade em reunir a agressividade que existe na natureza humana e misturá-la com o amor. Em certa medida, essa diferença é

* Vale lembrar que *Conversando com os pais* (1999) foi composto de uma série de palestras radiofônicas feita por Winnicott.

superada na mais remota infância pelo fato de que, no começo, o mundo é sentido em extremos, amistoso e hostil, bom e hostil, branco-e-preto; o mal é temido e odiado, e o bom é totalmente aceito. Gradualmente, as crianças se desenvolvem a partir disso e atingem um estágio em que podem tolerar ter idéias destrutivas a par de seus impulsos carinhosos. Podem sentir-se então culpadas, mas descobrem poder fazer coisas para compensar. Se a mãe souber esperar, chegará o momento para o gesto de amor que é sincero e espontâneo. O alívio normalmente proporcionado nos estágios iniciais pela idéia dos bons e maus extremos é algo a que nem mesmo os adultos maduros podem renunciar por completo. As crianças, e as crianças pequenas em particular, podem facilmente admitir uma certa persistência dessa relíquia da fase inicial da infância, e sabemos poder encontrar uma resposta pronta quando lemos ou contamos histórias que apresentam os bons e maus extremos”(Winnicott, (1955), 1999, p.11).

Estamos agora no ano de 1956. Mais uma vez, temos um texto que trata do tema aqui detido. É em “A tendência anti-social” (1956) que Winnicott enunciara a questão da esperança atrelada a esta tendência. A esperança presente na tendência anti-social está ligada a uma busca; a busca da cura. “Será possível unir as duas tendências, o furto e a destruição, a busca de objeto e aquilo que a provoca, as compulsões libidinais e agressivas? Na minha opinião, a união das duas tendências está na criança e representa *uma tendência para autocura*, cura de uma dissociação de instintos” (Winnicott, (1956), 2005 f, p.142).

A recuperação que deseja a criança ao praticar um ato ostensivo seria a tentativa de fundir aquilo que outrora se perdeu, a saber, a possibilidade da união dos impulsos libidinais e de motilidade. Vimos que em “Agressão e sua relação com o desenvolvimento inicial” (1950-55) a fusão se daria à medida que o ambiente proporcionasse este acontecimento. Estaria a criança, então, reivindicando essa perda e estaria aí “*uma característica favorável* que indica ainda uma potencialidade de recuperação da fusão perdida dos impulsos libidinais e da motilidade” (Winnicott, (1956), 2005 f, p. 142).

Ao reivindicar o olhar do adulto por meio do ato hostil, a criança clama pela privação original sofrida, e este acontecimento se faz possível porque houve a fusão das raízes agressivas às libidinais. Sigamos com o autor:

Quando há, na época da privação original, alguma fusão de raízes agressivas (ou motilidade) com raízes libidinais, a criança reclama à mãe por uma combinação de furto, agressividade e sujeira, de acordo com os detalhes específicos do estado de desenvolvimento emocional dessa criança. Quando existe menos fusão, a busca de objeto e a agressão estão mais separadas uma da outra e há um maior grau de dissociação na criança (Winnicott, (1956), 2005 f, p.142).

No ano de 1958 encontramos em “O primeiro ano de vida. Concepções modernas do desenvolvimento emocional” (1958) espólios sobre o movimento precursor à agressividade, ou seja, a motilidade. Neste texto, Winnicott manterá suas proposições sobre o tema presentes no artigo “Agressão e sua relação com o desenvolvimento inicial” (1950-55). Escreve o autor:

A motilidade é precursora da agressão, termo esse que vai ganhando seu significado à medida que a criança cresce. São casos particulares de agressão o ato de agarrar com as mãos e a atividade de sugar que, depois, transforma-se em morder. Na criança sadia, grande parte do potencial de agressão funde-se às experiências instintivas que ao padrão dos relacionamentos do pequeno indivíduo. Para que esse desenvolvimento ocorra são necessárias certas condições ambientais suficientemente boas. [...] O potencial de agressão é extremamente variável, pois depende não só de fatores inatos como também dos acidentes ambientais; certas dificuldades de parto, por exemplo, podem afetar profundamente o estado da criança recém-nascida; mesmo um parto normal pode apresentar características traumáticas para a psique imatura da criança, que não conhece outra defesa a não ser reagir, deixando temporariamente de existir no seu próprio movimento (Winnicott, (1958), 2005 h, p.18).

No mesmo ano encontramos o texto “A família afetada pela patologia depressiva de um ou ambos os pais” (1958), no qual Winnicott se detém a examinar questões relacionais, e

a agressividade aqui será tomada como parte inerente da natureza humana. O autor dirá que se este componente foi alcançado, mas depois reprimido, teremos a manifestação de melancolia.

Quando a agressão e a destrutividade, que são parte da natureza humana, e quando a chamada ambivalência nos relacionamentos – quando essas coisas foram alcançadas no desenvolvimento pessoal, mas depois foram profundamente reprimidas e tornadas inacessíveis, a melancolia manifesta-se como doença. Nesse estado, o agente maligno que se manifesta no sentimento de culpa não se faz mais acessível à consciência, a não ser ao final de um longo e profundo tratamento psicanalítico” (Winnicott, (1958), 2005 h, p.88).

Vejamos que Winnicott mantém constante a sua proposição sobre o tema. Desde o início década de 1950 a agressividade vem se marcando em sua teoria como aspecto inerente à condição humana. Estará necessariamente presente antes que se alcance um desenvolvimento emocional mais complexo. Uma vez atrelada à idéia de motilidade ela será um componente determinante para a constituição psíquica.

No texto “Psicanálise do sentimento de culpa” (1958), Winnicott menciona Klein ao elucidar a diferença da escolha dos termos para fazer referência a um fenômeno notado por ambos. Segue o autor:

Pode-se ver que o lactente tem duas preocupações: uma com o efeito do ataque na mãe, e outra com o resultado em seu próprio eu, conforme haja uma predominância de satisfação ou de frustração e raiva. (Usei a expressão impulso amoroso primitivo, mas nas obras de Klein a referência é à agressão, que é associada a frustrações que inevitavelmente perturbam a satisfação instintiva à medida que a criança começa a ser afetada pelas exigências da realidade). Aqui muito tem que ser presumido. Por exemplo, presumimos que a criança está se tornando uma unidade, e se tornando capaz de perceber a mãe como uma pessoa. Presumimos também uma capacidade de reunir os componentes instintivos agressivos e eróticos em uma experiência sádica, bem como uma capacidade de encontrar um objeto no ápice da excitação instintiva (Winnicott (1958), 1983 p. 26).

Temos ainda uma carta datada de 1958 a Victor Smirnoff (tradutor de suas publicações para a língua francesa) em que Winnicott retifica os termos utilizados para a tradução do texto “Objetos transicionais e fenômenos transicionais” (1951). Procura o autor enaltecer os conteúdos de agressão no emprego das palavras. “A palavra *tender* (terno) até que é boa, mas enfatiza uma ausência de agressão e destruição, ao passo que a palavra *affectionate* (afetuoso) não os enfatiza nem os nega. Pode-se, por exemplo, imaginar um abraço que seja afetuoso e esteja longe de ser terno” (Winnicott, (1958), 1990, p.105)

Winnicott realiza em 1959 uma resenha para *Inveja e gratidão* de M. Klein, na qual irá discorrer sobre o conceito de inveja e sua relação com uma organização egóica. Para Winnicott, deveria haver uma organização sofisticada o suficiente para que a inveja viesse a ser considerada. Em suas palavras:

Para mim, a palavra “inveja” implica em um alto grau de sofisticação, isto é, um grau de organização do ego no sujeito que não se acha presente no início da vida. Pode achar-se presente em questão de semanas ou meses, mas precisamos de um termo (tal como sadismo oral) para descrever o relacionamento do bebê com um objeto, relacionamento que é conduzido por uma pulsão instintiva e que data quase desde o começo (no começo, tem-se de dar o desconto de um estágio, antes de se dizer que existe uma fusão de impulsos destrutivos e eróticos) (Winnicott, (1959), 1994 p. 339).

Winnicott assevera, assim, mais um aspecto que elucida a diferença no que diz respeito aos avanços de sua teoria em relação aos postulados kleinianos. Vimos até agora que a idéia de *intenção* se firma como um dos aspectos definitivos para as considerações em torno do tema da agressividade tomado pelos dois autores.

A década de 1950 foi marcada, a meu ver, por um aprofundamento epistemológico daquilo que já se anunciava em suas primeiras publicações no ano de 1934 mais especificamente. Vimos que nos anos de 1950, Winnicott se opôs definitivamente à dualidade

pulsional freudiana e kleiniana. Na carta para Money-Kyrle assumiu posicionamento sobre o conceito de pulsão de morte de Freud.

O ambiente ganhou notável importância para o desenvolvimento do ego inicial, de modo que este aspecto tornou-se relevante para a distinção de sua teoria em relação à teoria kleiniana. A agressividade foi atrelada à atividade como função parcial (motilidade), não estando de modo algum ligada à hostilidade, pelo menos em sua prima raiz.

A agressividade seria, primeiro, manifestação da força vital e, depois, passaria a ser intenção. Para que a intenção pudesse ocorrer seria preciso haver a fusão dos impulsos amorosos com o erotismo oral. Para se sentir raiva seria necessário um ego capaz de frustrar-se.

Penso que nesta década o tema aqui estudado está relacionado já à teoria do amadurecimento pessoal. A agressividade está atrelada à teoria do amadurecimento pessoal como intenção por ser ela uma aquisição do ego à medida que este alcança o amadurecimento, ou seja, a agressividade vai se delimitando enquanto o bebê vai conquistando a confiança no meio.

O termo na década de 1960

Passo agora ao exame da década de 1960, em que é publicada a maior parte dos escritos winnicottianos. Os livros que guardam os textos na década de 1960 são: *Explorações psicanalíticas* (1994), *Os bebês e suas mães* (2006), *Conversando com os pais* (1999), *Tudo começa em casa* (2005), *A família e o desenvolvimento individual* (2005), *O gesto espontâneo* (1990), *Privação e delinqüência* (2005) e *O ambiente e seus processos de maturação* (1996).

No artigo trabalhado entre os anos de 1959 a 1964 e intitulado “Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica?”, Winnicott sugere que a agressividade é evidência de vida e que é atingida a partir da fusão dos impulsos eróticos e da motilidade.

A destrutividade pura não é denominada como sadismo oral, pois incide sem o sentimento de culpa, o que não ocorre no sadismo oral, uma vez que, neste caso, houve a fusão dos elementos antes apresentados. Desta maneira, o conceito de instinto de morte é abandonado nas conjecturas desenvolvidas pelo autor. Vejamos a citação em que ele elucida essas idéias:

Esses desenvolvimentos levaram à consideração de outros conceitos. O conceito de instinto de morte parece desaparecer simplesmente por não ser necessário. A agressão é vista mais como evidência de vida. Sob condições favoráveis, ocorre a fusão dos impulsos eróticos e da motilidade, e então o termo sadismo oral se torna aplicável, seguido por todos os desenvolvimentos deste tema. A falha na fusão, ou a perda da fusão que já foi atingida, produz um elemento potencial da destrutividade pura (isto é, sem sentimento de culpa) no indivíduo, mas mesmo essa destrutividade permanece como uma linha vital, no sentido de ser a base de relações objetais que são sentidas pelo paciente (Winnicott, (1959-64), 1983 p. 117).

Em “Dizer não” Winnicott profere uma palestra radiofônica dirigida aos cuidadores. Numa linguagem simples, diz que quando a criança se torna mais agressiva e apresenta idéias destrutivas, a confiança na mãe pode ficar abalada. (Winnicott, (1960), 1999, p. 46).

Ainda em 1960, o conjunto de quatro palestras radiofônicas reunidas no artigo publicado e intitulado “Ciúme”, o autor revela que pessoas ciumentas e agressivas não tiveram a oportunidade de o ser quando lhes fora apropriado, sendo o manejo da mãe imprescindível para converter o ciúme de outrora em rivalidade e ambição. (Winnicott, (1960), 1999, p.75). Também em 1960, Winnicott assevera a contribuição de Melanie Klein para a psicanálise. Enaltece que o tema por ela desenvolvido, sobretudo em “A posição

depressiva no desenvolvimento emocional”, se constituiu avanço teórico, que ampliou a compreensão sobre a relação construção e destruição (Winnicott, (1960), 2005 g, p. 69).

No mesmo texto em que se refere a Klein, o autor escreve a respeito do *sentimento de culpa*, ressaltando que este termo acresce culpa e destrutividade à atividade construtiva (Winnicott, (1960), 2005 g, p.70).

Na saúde, conforme os escritos de “Agressão, culpa e reparação” (1960), alguém que alcança a integração é capaz de assumir responsabilidade pela totalidade de sentimentos e idéias destrutivas que possui, não sendo necessário tomar a projeção ante qualquer dificuldade, para lidar com idéias destrutivas. Estas, por sua vez, estão relacionadas ao amor. O seguinte fragmento engendra o tema da destrutividade rumo à teoria para a integração:

A dificuldade é cada indivíduo assumir plena responsabilidade pela destrutividade, que é pessoal e inerente a uma relação com um objeto sentido como bom – em outras palavras, que está relacionado ao amor.

A palavra que surge aqui é “integração”, pois, se se concebe uma pessoa totalmente integrada, então tal pessoa assume plena responsabilidade por *todos* os sentimentos e idéias que pertencem ao “estar vivo”. Em contraposição, ocorre um fracasso de integração quando precisamos encontrar fora de nós as coisas que desaprovamos. Paga-se um preço por isso -- a perda da destrutividade, que na verdade nos pertence. Estou falando, portanto, de algo que tem que ocorrer em todo e qualquer indivíduo – o desenvolvimento da capacidade de assumir responsabilidade pela totalidade dos sentimentos e das idéias desse indivíduo, estando a palavra “saúde” intimamente relacionada ao grau de integração que torna essa ocorrência possível. Uma coisa pode ser dita a respeito da pessoa saudável: ela não precisa ficar usando o tempo todo a técnica da projeção para lidar com seus impulsos e pensamentos destrutivos (Winnicott, (1960), 2005 g, , p.71).

No ano de 1961 em “Tipos de psicoterapia”, Winnicott refere-se à tendência anti-social quando sugere que o abandono se constitui a base para este quadro clínico. O tema

da agressividade ganha aqui estatuto não como o ato daquele que manifesta a conduta anti-social, mas trata-se de algo que ocorreu e que é quase recordado. Segue o autor:

O terceiro telescópio leva nossa atenção para longe das dificuldades inerentes à vida, em direção a distúrbios que têm natureza diferente, pois a pessoa que foi privada de algo que já teve está impedida de se aproximar dos problemas que lhe são inerentes, por causa de um ressentimento, um direito justificado para que se repare uma agressão quase recordada. Nós, nesta sala, talvez não estejamos nem de leve nessa categoria. A maioria de nós pode dizer: “Nossos pais cometeram erros, frustraram-nos constantemente, e coube a eles apresentar-nos o princípio da realidade, o arquiinimigo da espontaneidade, da criatividade e do sentido do real, MAS eles nunca nos abandonaram de verdade”. O abandono constitui a base da tendência anti-social e, por mais que não gostemos de que roubem nossa bicicleta, que tenhamos que usar a polícia para impedir a violência, podemos ver e entender por que esse menino ou aquela menina nos forçam a aceitar um desafio, seja pelo roubo, seja pela destrutividade (Winnicott, (1961), 2005 g, p. 98).

No ano de 1962, o texto “O desenvolvimento do sentido de certo e errado de uma criança”, narra a experiência de continuar sendo. Este sentimento de eu independente da mãe abre margem para que os medos dominem a cena infantil, pois é aí que o bebê passa a temer retaliações.

A excitação manifesta impulsos agressivos e destrutivos que agora são vividos num mundo sentido como ameaçador. Neste momento, a provisão permite que o mundo permeado de retaliações mágicas vá, aos poucos, se convertendo numa figura materna capaz de proteger a criança. Assim, as forças retaliatórias podem se tornar humanizadas e o campo para a capacidade de sentir culpa está aberto (Winnicott, (1962), 1999, p. 122).

No mesmo ano, é publicado “Enfoque pessoal da contribuição kleiniana” e apresenta o tema das retaliações atrelado aos impulsos agressivos, sendo isto oriundo da capacidade de se preocupar. Sigamos o autor no trecho em que se refere a esta capacidade: “[...] a chegada a este estágio está associada com idéias de restituição e reparação, e na verdade o ser humano

não pode aceitar as idéias destrutivas e agressivas em sua própria natureza sem a experiência de reparação, e por isso a presença continuada do objeto de amor é necessária neste estágio, já que só assim há uma oportunidade de reparação”. (Winnicott, (1962), 1983 p.160). Notemos que, neste texto, Winnicott enalteceu a presença do objeto de amor como aquilo que dará condições para que surja a oportunidade de lidar com a reparação.

Em “Desenvolvimento da capacidade de envolvimento” (1963), a cantiga de ninar inglesa que conta a história do personagem Humpty-Dumpty* é utilizada para exemplificar o estágio em que a mãe passa a existir na mente do bebê como objeto total. Isto foi conseguido, segundo Winnicott, a partir do sentimento de um eu, independente da mãe, que tem seus limites na pele do corpo e está psicologicamente integrado.

O fato de ocorrer o estabelecimento de sentimento de eu, segundo a teoria postulada pelo autor, existe porque a criança passou a se relacionar cada vez menos com objetos subjetivamente percebidos e mais com objetos não-eu, objetivamente percebidos. Este movimento é oriundo da capacidade de experimentar a ambivalência na fantasia.

A ambivalência é atingida quando se tem a fusão do impulso erótico e agressivo na experiência em relação a um único objeto. O autor realça a compreensão que tem sobre a fusão: “Dos muitos estágios que foram descritos por Freud e pelos psicanalistas que o seguiram, devo destacar um que envolve o uso da palavra “fusão”. Trata-se da realização do desenvolvimento emocional em que o bebê experimenta pulsões eróticas e agressivas em relação ao mesmo objeto, ao mesmo tempo” (Winnicott, (1963), 2005 f. p.113).

Em “Moral e educação” (1963), Winnicott volta ao tema da agressividade como comportamento, incluindo-o como parte do comportamento anti-social. Aqui, a agressividade não está sendo compreendida como impulsos agressivos, mas está sendo vista como

* Humpty-Dumpty é um personagem baixinho e redondo de uma tradicional canção inglesa de ninar, a personificação de um ovo que caiu de um muro e se espatifou.

comportamento. Vejamos o que Winnicott escreve sobre a tendência anti-social: “Perversidade faz parte do quadro clínico produzido pela tendência anti-social. E vai desde urinar na cama até o roubo, a mentira, e incluindo o comportamento agressivo, atos destrutivos, crueldade compulsiva e perversões” (Winnicott, (1963), 1983, p. 97).

Ainda no mesmo texto, o autor compreende a tendência anti-social como um indicativo de esperança, na tentativa de se superar um vazio originado na suspensão dos processos de maturação ligados a uma solução da provisão ambiental. Para que se possa ter a capacidade de se sentir responsável pelas próprias idéias destrutivas, é preciso que se atinja a confiança nos impulsos de reparação, que, por sua vez, desencadearão a capacidade de sentir culpa.

Em “Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos” (1963), Winnicott posiciona-se novamente frente à questão da agressividade como instinto. Neste texto, há a idéia de que a agressividade faz parte do erotismo muscular, levando à separação de objetos em relação ao self como entidade. Vejamos o que o autor diz sobre o comportamento do lactente antes de se atingir a fusão: “ Na área do desenvolvimento, que é anterior à conquista da fusão, tem de se considerar o comportamento do lactente que é reativo a falhas do ambiente favorável, ou da mãe ambiente, e isso pode parecer agressão; na realidade, é sofrimento” (Winnicott, (1963), 1983, p.165).

Uma vez que se posicionou em relação ao que ocorre anteriormente à fusão, Winnicott passa ao exame da oposição entre instinto de vida e de morte. Para ele, no início da vida psíquica, não existe oposição entre vida e morte. A morte seria como algo a ser atingido a partir da chegada do ódio e não estaria ligada à agressão. Escreve o autor:

No desenvolvimento do lactente, viver se origina e se estabelece a partir do não-viver, assim como a comunicação se origina do silêncio. A morte só se torna significativa no processo vital do lactente, quando chega o ódio, que ocorre em data

posterior, distante dos fenômenos que utilizamos para construir a teoria das bases da agressão.

Por isso, para mim não tem utilidade unir a palavra morte com a palavra instinto, e ainda menos se referir a ódio e raiva pelo uso das palavras instinto de morte.

É difícil chegar às raízes da agressão, mas não nos auxilia o uso de opostos como vida e morte, que nada significam no estágio de imaturidade que está em consideração (Winnicott, (1963), 1983, p.174) .

Em “A Importância do setting no encontro com a regressão na psicanálise” (1964) é desenvolvida conceituação sobre o senso de realidade na criança. Winnicott escreve sobre a contribuição do ambiente facilitador para a passagem da dependência absoluta para a relativa, em que os objetos passarão de subjetivamente vividos para objetivamente percebidos, ou seja, fora da área de onipotência.

No movimento que delimitará os ditames sobre como os objetos serão percebidos está incluída a capacidade (via fusão) de relacionar-se pela agressão com os objetos. Consolida-se, deste modo, a agressividade como elemento fundamental para o início da ocorrência da separação entre eu e não-eu.

O tema do relacionamento com objetos percebidos como não-eu e sua vinculação ao mote da agressividade continua a ser examinado, no mesmo ano, em “Agressão e suas raízes”. Neste texto, Winnicott elucidará que a agressão possui dois significados, sendo ao mesmo tempo reação à frustração e fonte de energia.

Dirá o autor que os primeiros gestos do bebê que são entendidos como pancadas proporcionam a descoberta de um mundo que não é a própria criança e está aberto o campo aí para o relacionamento com objetos externos. No início, de acordo com a teoria winnicottiana, a agressividade é na realidade exploração e, por isso, ela se relaciona com a descoberta de um não-eu. Escreve o autor: “O que logo será comportamento agressivo não passa, portanto, no início, de passos de uma exploração. A agressão está sempre ligada, desta maneira, ao

estabelecimento de uma distinção entre o que é e o que não é o eu” (Winnicott, (1964), 2005 f, p.104).

Sendo assim, só se pode falar em comportamento agressivo atribuindo intenção de agredir após o acontecimento da fusão. Antes deste acontecimento, o que temos é movimento ou, como por vezes Winnicott se refere, força vital. O comportamento agressivo só poderá ocorrer quando houver a capacidade de se ter uma razão para o ato. Acompanhemos a citação que assevera esta afirmação:

Se tentarmos observar o início da agressividade num indivíduo, o que encontraremos é o fato de um movimento do bebê. Este ocorre até antes do nascimento, não só nas evoluções do bebê antes de nascer, mas também nos movimentos mais bruscos das pernas, que fazem a mãe dizer que sente o filho dando pontapés. Uma parte da criança movimenta-se e, ao mover-se, dá de encontro com algo. Um observador poderia talvez chamar a isso uma pancada ou um pontapé, mas a substância dessas pancadas e pontapés está faltando porque o bebê não se converteu numa pessoa que possa ter uma razão clara para uma ação (Winnicott, (1964), 2005 f, p. 104).

Winnicott refere-se também à capacidade de odiar e de ser destrutivo como uma aquisição positiva, pois estas capacidades, quando são adquiridas, representam a saída da forma de lidar com o mundo que o lactente tinha antes, a saída via o controle mágico. Seria o cuidado materno adaptado ao bebê que permitiria que ele reconhecesse um mundo situado fora de seu controle, garantindo a maturação e, junto dela, a capacidade de odiar.

Em “O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família” (1965) Winnicott escreve sobre o sentimento de raiva e ódio e aprofunda o assunto daquilo que popularmente se conhece por trauma. Enfatiza que em uma situação em que a provisão não correspondeu à capacidade de a criança acreditar no ambiente pode ocorrer sem que o ambiente tenha atravessado as defesas e então se torne persecutório.

Por outro lado, se a reação daquele que está sendo cuidado é de raiva ou ódio, isto significa que o ambiente não alterou a capacidade do indivíduo de lidar com a situação.

Registra o autor: “Onde a reação é de raiva ou ódio apropriados, a expressão *trauma* não é bem aplicada. Em outras palavras, onde há uma raiva apropriada, o fracasso ambiental não se situou mais além da capacidade do indivíduo de lidar com a sua reação” (Winnicott, (1965), 1994, p.114).

Em *O gesto espontâneo* (1990), há duas cartas datadas do ano de 1966 que tocam o assunto da agressividade. A correspondência endereçada a Hans Thorner alerta que há o risco de causar confusão na teoria psicanalítica ao utilizar as palavras pulsão de morte para designar agressividade.

Já na carta dirigida a Donald Meltzer há uma referência clara que diz respeito ao uso da palavra inveja quando relacionada à pesquisa das origens da agressividade. Para Winnicott, a palavra inveja requer uma sofisticação que está além do problema da agressividade. Nesta carta há uma alusão sobre o grupo kleiniano. Segue um fragmento da carta a Donald Meltzer que enaltece a afirmação acima: “[...] é o grupo kleiniano que acha que isso faz sentido, e todo o resto da platéia se irrita, porque, para eles, a introdução da palavra inveja, nesse ponto da investigação das origens da agressividade, não acrescenta absolutamente nada, mas confunde a questão ao atribuir ao recém-nascido esta coisa muito complexa que designamos como inveja.” (Winnicott, (1966), 1990, p. 139).

Em “Delinqüência e esperança” (1967) Winnicott escreve, sobretudo, sobre a tendência anti-social. Penso ser importante considerar que esta tendência assume um caráter de busca de uma condição anterior à própria privação. “A característica da tendência anti-social é o impulso que dá ao menino ou à menina para que voltem a um momento anterior à condição ou momento de privação” (Winnicott, (1967), 2005 g, p. 83). A redescoberta proporcionada pelo movimento da tendência anti-social diz respeito à agressividade. Vejamos a passagem em que há alusão à afirmação acima:

Nesse tipo de caso, a tendência anti-social faz com que o menino se redescubra sempre que sinta alguma esperança de retorno de segurança, o que significa uma *redescoberta da própria agressividade*. É claro que ele não sabe o que está ocorrendo; simplesmente descobre que machucou alguém ou que quebrou uma vidraça. Portanto, nesse caso, em vez de a esperança levar a um sinal de S.O.S em termos de roubo, ela conduz a um sinal de S.O.S em termos de uma *explosão de agressão*. A agressão provavelmente será sem sentido e bem divorciada de lógica, e não é bom perguntar à criança que age dessa forma por que ela quebrou a janela, nem indagar à criança que roubou o motivo pelo qual ela pegou o dinheiro (Winnicott, (1967), 2005 g, p. 86).

Uma das possibilidades vivenciadas na conduta anti-social é o encontro da capacidade perdida de localizar objetos, o que proporciona à criança uma relação criativa frente à realidade externa. É como se pudesse ocorrer uma volta ao período em que era seguro ser espontâneo, ainda envolvendo os impulsos agressivos. Assim, a criança chega àquilo que foi outrora intolerável, ou seja, ao sofrimento reativo à privação (Winnicott, (1967), 2005 g p. 90).

Numa carta de 1967 a Gillian Nelson, Winnicott afirma que se trata, no caso de haver saúde, de a criança alcançar gradualmente uma maneira de lidar com os sentimentos e impulsos agressivos, que não se trata de modo algum de tentar eliminá-los.

Em “A amamentação como forma de comunicação” (1968), o autor torna a ressaltar que a agressividade de um bebê que não seja ainda suficientemente desenvolvido não pode ser compreendida como algo que revele intenção de ferir, por exemplo, quando causa rachaduras no mamilo da mãe no momento da mamada. Acompanhemos:

Chego, afinal, ao que considero a afirmação mais importante neste campo, e que diz respeito à existência da agressividade no bebê. Com o passar do tempo, o bebê começa a chutar, gritar e arranhar. Na situação de alimentação havia, no início, uma

atividade vigorosa de gengiva, um tipo de atividade que pode facilmente resultar em rachaduras no mamilo; alguns bebês realmente aderem ao seio com as gengivas e o machucam bastante. Não se pode afirmar que estejam tentando ferir, porque o bebê ainda não está suficientemente desenvolvido para que a agressividade já possa significar alguma coisa. Com o passar do tempo, porém, os bebês já têm um impulso de morder. Trata-se do início de algo muito importante, que diz respeito à crueldade, aos impulsos e à utilização de objetos desprotegidos. Muito rapidamente, os bebês passam a proteger o seio, e na verdade é muito raro que mordam com o objetivo de ferir, mesmo quando já possuem dentes (Winnicott, (1968), 2006, p. 26).

No ano de 1969, em uma carta dirigida a um norte-americano, Winnicott escreve de maneira simples aquilo que fora elaborado teoricamente ao longo de sua obra. De modo sucinto, diz ao correspondente que:

O senhor percebe que se houvesse sido capaz de entrar em contato com sua agressividade poderia ter descoberto que o mundo de fato sobrevive, e então poderia ter examinado sua agressividade e descoberto que ela fornece uma das raízes da energia viva? Há também o amor, no sentido mais corporal, que leva à sexualidade e à genitalidade e ao amor objetal, mas muita coisa na vida consiste em atividade construtiva que tem como pano de fundo a totalidade da fantasia agressiva e destrutiva (Winnicott, (1969), 1990, p. 160).

Assim, parece que as poucas palavras escritas pelo autor, apesar de permanecerem distantes em esgotar o tema, estão de acordo com o que foi visto até aqui sobre o assunto da agressividade.

Deste modo, é chegado o fim do exame proposto no início deste mesmo capítulo e o que disto se subtrai é a averiguação sobre o modo como Winnicott desenvolveu o tema aqui analisado.

O estudo que correu ao longo das quatro décadas apresentou uma coerência de conjunto. O que fora anunciado no ano de 1934, ou seja, a diferenciação de conduta e impulso agressivo, foi determinante para a ruma adotada.

Já nos anos de 1930, Winnicott se posicionou quanto à separação dos fenômenos de instinto agressivo e ódio, sendo este último termo compreendido como algo a ser alcançado a partir da contribuição do ambiente. Na década seguinte, o tema da agressividade foi ganhando espaço junto à teoria da integração e foi vinculado à experiência de amor.

Por ter abotoado agressividade e experiência de amor, Winnicott se manteve especialmente afastado da teoria kleiniana e, na década de 1950 suas afirmações a esse respeito foram numerosas e definitivas. Winnicott se interessa pela tentativa de esboçar uma maneira que trate do movimento da agressividade rumo à integração e, neste mesmo período, introduz o que antes (em 1930 e 1940) estava velado em sua teoria, assumindo o conceito de motilidade para pensar a questão da agressividade.

A idéia de motilidade foi um dos aspectos que contribuíram para a formulação epistemológica que tende à afirmação sobre a intenção da agressividade. Vimos, nos anos de 1950, que na teoria winnicottiana não se pode pensar intenção agressiva antes de conceber um meio que proporcione o alcance deste recurso. Nesta época, seus escritos afirmavam que o estudo da agressividade acompanhava uma compreensão das experiências iniciais do id e que estas levavam em conta os movimentos fetais. Assim se passou, então, à análise do mote da fusão de aspectos dos potenciais eróticos com motilidade, e o ambiente tomou papel fundamental para propiciar este acontecimento. Vimos que o que surge do conceito de fusão que fora examinado anteriormente é o que se entende por sentimento de eu, artifício imprescindível para a sensação de realidade.

Os materiais de 1960 demoram-se naquilo que nos anos de 1950 Winnicott chamou de concernimento, de modo que a capacidade de sentir culpa foi pensada como elemento

fundamental para que se postulasse sobre a destrutividade. Vimos que a experiência de continuar sendo é o passo primordial à integração, e que só um ego estabelecido é capaz de fazer a passagem do controle mágico para a percepção objetiva do mundo externo.

A elaboração deste capítulo permitiu que o tema da agressividade fosse relacionado aos demais aspectos da teoria winnicottiana. Haja vista a forma como a teoria se desenvolveu e ganhou mais complexidade, é permitida agora a passagem para um exame mais demorado da função da agressividade na teoria do amadurecimento pessoal, tema a ser desenvolvido no próximo capítulo.

II - A agressividade na teoria do amadurecimento pessoal

A agressividade, de maneira alguma, na teoria de Winnicott, é um fenômeno primordialmente ligado ao ódio. Vimos que ela foi, ao longo das quatro décadas em que o autor trabalhou sua teoria, se formulando como uma aquisição a ser alcançada.

Este capítulo trata da agressividade nos movimentos que ocorrem da passagem da não-integração para a integração. Veremos aqui que o alcance da agressividade se estenderá por toda a complexidade do desenvolvimento emocional e que o arranjo dos elementos da motilidade aos impulsos eróticos serão imprescindíveis para que se alcance o estatuto de unidade, inclusive como o reconhecimento de SER.

A agressividade está também presente no indivíduo saudável no momento em que é capaz de adentrar numa terceira área. Esta área estará situada para além de seu mundo interno, assim como para além da exterioridade, sendo a nascente dos fenômenos e objetos transicionais. Na teoria aqui examinada o caminho desta terceira margem irá calhar no brincar e, posteriormente, em toda a vida cultural que decorre das brincadeiras infantis.

Veremos, também, o que na teoria do amadurecimento é postulado quando não há a fusão dos elementos que formam a agressividade. Seguiremos com um estudo da privação e seus pedidos, que ocorrem no momento em que há esperança, manifestando-se como tendência anti-social.

Para atingir o objetivo de apresentar o entremear da agressividade aos passos do indivíduo, rumo à saúde, dividimos este capítulo em sete partes: da não-integração para a integração, dos limites entre o mundo interno e externo, os estados não-excitados e excitados, o reconhecimento de Eu, os fenômenos e objetos transicionais, o brincar e, finalmente, a privação.

Da não-integração para a integração

Na teoria do amadurecimento o indivíduo parte ao alcance da integração. O bebê pequeno carece de organização interna, e por este motivo está em total dependência em relação ao ego materno que o sustenta. Todo o caminho a ser trilhado terá como norte a independência que, gradualmente, será alcançada quando houver um meio ambiente auxiliador.

Estamos a examinar uma fase que, na teoria do amadurecimento, se situa na transição existente da saída da época da dependência absoluta até a fase da dependência relativa. Em “O medo do colapso” (1963) há a seguinte afirmação: “À época da dependência absoluta, com a mãe suprindo uma função de ego- auxiliar, deve-se lembrar que o bebê ainda não separa o *não-eu* do *eu*: isto não pode acontecer separadamente do estabelecimento do *eu*” (Winnicott, (1963), 1994, p. 72).

O que se estenderá a seguir diz respeito ao que está reunido antes que se chegue ao estatuto de ego corporal. Acompanhemos o desenvolvimento do bebê dependente em absoluto do ambiente e atentemos aos acontecimentos que precedem, segundo Winnicott, o surgimento do sentimento do Eu.

Este bebê, que depende em absoluto do ambiente, está incondicionalmente sustentado pela figura materna, ou seja, sua existência não se dará sem o suporte (para além das funções orgânicas) da mãe. A mãe é a pessoa capaz de suportar o ego através de sua capacidade de identificar-se com a criança. Portanto, pode-se questionar, a partir da dependência absoluta do bebê em relação ao ambiente, se há um ego que demande esta sustentação. Este tema está presente no texto “A importância do setting no encontro com a regressão em psicanálise” (1964). Vejamos o que o autor postula sobre esta questão:

Não é possível fornecer uma resposta direta à pergunta: o bebê possui um ego, desde o início? A razão para tal é que, de começo, o ego do bebê é, ao mesmo tempo, débil e poderoso. É débil ao extremo se não existe um meio ambiente facilitador satisfatório. Em quase todos os casos, contudo, a mãe ou a figura materna fornecem apoio ao ego e, se ela faz isso de modo suficientemente bom, o ego do bebê é muito forte e possui sua própria organização (Winnicott, (1964), 1994 p. 81).

Das palavras de Winnicott podemos perceber que os cuidados ambientais serão imprescindíveis para que o bebê possa alcançar o sentimento de um Eu. Deste modo, se torna claro, um Eu que não depende mais em absoluto do meio, uma vez que será o próprio ambiente o grande contribuinte do processo que rumará à independência.

O caminho do bebê em direção ao reconhecimento de um Eu deve ser sustentado pelo ambiente que, dentre outras tarefas, terá de fornecer certa previsibilidade para a criança. Deve proporcionar o advento de uma sensação de continuidade, situação em que o bebê poderá existir e confiar sem sofrer a ameaça da interrupção.

A impossibilidade de derrotar a imprevisibilidade será enfrentada pela criança quando ela mesma tiver de assumir o papel de um ambiente, antecipando dessa forma um *self* que não será espontâneo, já que surgiu para controlar o caos presenciado. Mas não é este acontecimento que será determinante para a saúde, pelo contrário, o ego saudável não terá de assumir o controle ambiental.

Mas voltemos ao momento anterior e fiquemos num ambiente capaz de suprir as necessidades do bebê. Há uma imagem corriqueira que bem elucidada um ego sendo sustentado por outro, é a própria mãe segurando seu bebê: “o bebê é seguro pela mãe e só entende o amor que é expresso em termos físicos, isto é, pelo *holding* vivo do ser humano” (Winnicott, (1955), 2005 h, p. 215).

A reciprocidade presente na imagem da mãe sustentando seu filho vai, de acordo com Winnicott, ganhando formas mais sofisticadas de relação. Mas seria a mesma interação já

presente no modo de como, por exemplo, o filho cabe no colo da mãe que iria se alargando para além da relação mãe-filho. Portanto, seria a soma da capacidade que o bebê tem para crescer e a ajuda do ambiente que iriam acarretar na concepção de indivíduo saudável.

O trajeto para a integração passa pelo alcance da agressividade. É a partir deste elemento que o bebê poderá reconhecer a si próprio. Estamos falando de uma ocasião em que tudo o que há é uma permeabilidade do que acontece entre bebê e mãe. A relação a que estamos nos dedicando nesse momento é aquela em que a criança é totalmente dependente da provisão materna.

Neste momento, a agressividade é quase sinônima de atividade, e há uma força vital querendo expandir-se. Os movimentos do bebê se alargam e são amparados pelo *holding* vivo da mãe. A agressividade aqui ainda é uma função parcial, pois não chegamos a falar de fusão entre motilidade e potencial erótico.

É certo que, na teoria do amadurecimento, o bebê caminha para o que Winnicott chama de processo de integração. Antes que esse processo ocorra, o ambiente terá de suportar um bebê que carece de organização e apresenta não mais que a soma de estados sensório-motores aptos ao crescimento. O suporte ambiental dará condições para que o indivíduo alcance o estatuto de unidade, ou seja, o bebê passa a sentir que ele É. Só a partir deste alcance ele será capaz de organizar suas sensações, experiências e memórias.

Examinemos como o indivíduo passa do estado não-organizado para um mais organizado. Para que este caminho se efetue será necessário que perceba uma divisão entre o que acontece dentro e fora dele. Veremos como isto permitirá que tenha uma mudança no tipo de relação a ser mantida com o outro e com ele mesmo, já que a partir desta divisão poderá entrar em contato e reconhecer seus conteúdos internos.

A divisão do mundo interno e externo

O movimento que acontece no humano até que se reconheça como unidade se dará a partir da percepção do mundo como algo fora de si, ou seja, no limiar que divide o ambiente de si mesmo.

Segundo a perspectiva winnicottiana, “o mundo interno é o mundo pessoal na medida em que ele é mantido na fantasia, no interior das fronteiras do ego e do corpo limitado pela pele” (Winnicott, 1990 i, p.104).

E o crescimento deste mundo interno se dará na medida em que acontecerão os encontros entre os relacionamentos externos e os impulsos internos que visam à obtenção de satisfação.

Desde o momento em que a criança é capaz de perceber o meio ambiente e soltar-se dele para ficar submersa na realidade psíquica interior, o ambiente externo é sentido como verdadeiro. A figura cuidadora deve tomar um papel atenuante até que o bebê transite suficientemente bem de uma realidade para a outra, entre seu mundo interno e o que é percebido objetivamente.

Objetividade. Juntamente com estas transformações que fazem parte do desenvolvimento do indivíduo, surge a capacidade da criança de, gradualmente, levar em consideração o fato de que, embora realidade psíquica interior continue sendo pessoal (apesar de enriquecida pela percepção do meio ambiente), mesmo assim existe um ambiente e um mundo exterior a ela, que poderia ser chamado de verdadeiro. A diferença entre esses dois extremos é suavizada pela adaptação da mãe, dos pais e da família, bem como daqueles que cuidam do bebê e da criança pequena, mas a criança termina por aceitar o princípio de realidade e muito se beneficia do fato de conseguir fazê-lo. Todas estas coisas são uma questão de desenvolvimento, e não ocorrem, necessariamente, no caso de qualquer criança cujas condições ambientais tenham sido confusas e desorganizadas. Aqui, novamente,

estamos diante de um novo estágio, o qual, quando alcançado, produz uma resposta óbvia à pergunta: A criança é um indivíduo? (Winnicott, 2006, p.48).

No momento em que ocorre a distinção feita pelo bebê entre mundo exterior e interior, pode advir a pergunta sobre se a criança atinge o estatuto de indivíduo, tal como se encontra na citação referida anteriormente. Esta possibilidade de distinção significa um grande avanço no processo de integração, pois para Winnicott antes que se possa separar eu de não-eu, o que se tem é um indivíduo aquém do status de unidade, alguém que só existe nos braços da mãe.

Antes da integração, o indivíduo é inorganizado, inarticulado, mera coleção de fenômenos sensório-motores, reunidos pelo ambiente suportador. Depois da integração, o indivíduo *É*, quer dizer, o ser humano infantil atingiu o *status* de unidade e pode dizer EU SOU (exceto por não ser ainda capaz de falar). O indivíduo possui agora uma membrana limitadora, de modo que o que é não-ele ou não-ela é repudiado, e é externo. O ele ou ela tem agora um interior, um conteúdo, e aí podem ser reunidas lembranças e experiências, e pode ser construída a estrutura infinitamente complexa que é apanágio do ser humano. (Winnicott, (1955), 2005 f, p.218).

A evolução do processo do amadurecimento pessoal envolve, na fase em que há o delineamento da idéia de Eu, a imagem da membrana limitante de fronteira externo e interno. Somente a partir desta membrana é que a idéia de Eu e Não-Eu poderá surgir.

Gradualmente, a experiência vivida por mãe e filho vai permitindo que aconteça o surgimento da membrana limitante. A agressividade aqui em seu aspecto de motilidade tende a se expandir e a delinear o contorno do próprio corpo em oposição ao corpo materno. *É* deste movimento que começa a se esboçar um sentimento de eu.

É a partir da oposição entre o corpo da criança e o corpo da mãe que irá surgir o potencial agressivo; o que se tinha anteriormente era a força vital (motilidade) agindo de forma não fundida ao potencial erótico.

Quando se tem a diferenciação entre Eu e Não-Eu o relacionamento com os objetos acaba se modificando, pois ocorre um sentimento de independência em relação ao que se encontra no mundo exterior. É possível no estágio do Eu Sou que o bebê veja sua mãe como pessoa, o seio será visto como parte da mãe. Será uma relação para além da extensão de si mesmo, sendo assim, o Eu terá como conteúdo as experiências instintivas e o bebê agora poderá se responsabilizar pelo que acontece dentro de si.

No texto “O valor da depressão” (1983) é apresentada a idéia de que, à medida que caminha para a integração, o bebê se torna capaz de separar objetos e assim diferenciar ambiente de *self*. Neste caminho de separação haverá um estado intermediário em que ocorrerá a relação com um objeto subjetivo. Como decorrência da separação, o bebê vai gradualmente transformando-se em unidade e assim ganha um interior, passando a ser capaz de efetuar permutas entre o que está fora e o que está dentro dele. Winnicott frisa que esta relação de permuta é mais importante que o relacionamento objetal ou mesmo que a gratificação instintual. Aqui já podemos pensar em força e estrutura de ego, pois o indivíduo além de estabelecer trocas entre conteúdos internos e realidade externa, também pode conter as pressões internas. Este movimento tende a crescer e a sofisticar-se por toda a vida. Escreve o autor:

O desenvolvimento e a instalação da força do ego é a característica básica ou importante que indica saúde. De modo natural, o termo “força do ego” vai adquirindo cada vez mais significado, à medida que a criança amadurece. No início, o ego só tem força devido ao suporte egóico dado pela mãe adaptativa, que durante certo tempo é capaz de se identificar muito intimamente com seu bebê. Chega então um período em que a criança se torna uma unidade, torna-se capaz de sentir: EU SOU, tem um interior, é capaz de cavalgar suas tempestades instintuais e também é capaz de *conter as pressões e os estresses* gerados na realidade psíquica interna. *A criança tornou-se capaz de se sentir deprimida.* Essa é uma aquisição do crescimento individual. (Winnicott, 1963 (1983), p. 62).

A capacidade de sentir culpa é um sentimento que envolve um refinamento psíquico, uma vez que é um ganho vindo do reconhecimento de seus conteúdos internos. O bebê poderá, por exemplo, notar que o objeto que foi odiado por um momento é o mesmo do qual recebe os cuidados.

Os estados de quietude e inquietude

O bebê pequeno é um conjunto de estados sensório-motores que tendem à maturação. Para a criança absolutamente dependente não há possibilidade de enfrentar as agonias sem um braço firme que a sustente. Gradualmente, via *holding*, a criança se torna capaz de experimentar uma confiança tal que lhe será permitido viver um relaxamento por alguns instantes longe dos braços da mãe.

Encontramos registros no texto “Crescimento e desenvolvimento na fase imatura” (2005 h), que fazem referência sobre o papel do ambiente em fornecer a confiabilidade e a previsibilidade de que o bebê necessita, pois deste papel surgirá o sentimento de continuidade do ser, sentimento este que poderá remontar os estados intra-uterinos.

Se o processo de integração acontece aos poucos isto se deve ao fato de que o bebê caminha da dependência absoluta em relação aos cuidados da mãe para o alcance do sentido de unidade da personalidade. O reconhecimento de habitar o próprio corpo se dará gradualmente e dependerá dos cuidados maternos para o alcance dos estados de não-excitação. “Voltando-nos, então, numa abordagem bastante esquemática, aos estados de não-excitação, o que vemos? Para começo, percebemos que estamos a estudar o ego, no caminhar do self em direção à autonomia.” (Winnicott, 1950, 2005 h p. 39).

Vejam agora como pode ocorrer o fracasso do sentimento de Eu Sou. Em “A construção da confiança” (1999), o autor diz que é imprescindível que o bebê seja sustentado pelo ambiente até que vença a imprevisibilidade.

Caso a relação de ego vivida pelo bebê não seja mais confiável para ele, então ocorrerá um fracasso do sentimento de Eu Sou, e se abrirá uma lacuna entre o agora e as experiências do passado, de maneira que seu processo de desenvolvimento tenha uma perda significativa em sua continuidade.

Em “A importância do setting no encontro com a regressão na psicanálise” (1994), Winnicott sugere que o desenvolvimento emocional se emoldura no processo de amadurecimento que, por sua vez, é capaz de acumular experiências.

O processo maturacional engloba a integração em suas variadas maneiras, a saber: que aconteça a moradia da psique no soma, a entrada para o relacionamento objetal, e ainda a integração dos processos intelectuais somados à experiência psicossomática. Para que estes objetivos sejam alcançados, o meio ambiente facilitador deverá fornecer a sustentação (*holding*), o manejo (*handling*) e a realização (*realising*), de maneira satisfatória. Temos, ainda, que este processo maturacional é herdado, mas só se concretizará no relacionamento com o meio ambiente facilitador, sendo que seu funcionamento começaria com quase 100% de adaptação, diminuindo de acordo com a demanda decrescente do bebê, cabendo ao ambiente a função de gerar a oportunidade de o bebê relacionar-se através da agressão.

Antes que alcance um ego autônomo capaz de organizar as emoções, o bebê pode vir a experimentar agonias muito fortes. O cuidado materno funcionará como o único invólucro capaz de conter tais sensações.

A agressividade aqui pode ser experimentada nas ocasiões de quietude. O bebê vai se tornando capaz de reconhecer sua própria vida interna, estando apto a experimentar sua existência individual.

No momento em que a criança se volta ao exterior o faz com o reconhecimento dos estados anteriores. Os objetos serão procurados e a agressividade o auxiliará a lançar seu olhar para o exterior para a busca de objetos que a ele sejam necessários. Poderá buscar, por exemplo, os cuidados da mãe e desta forma a agressividade se inscreve também como busca de contato com o ambiente (Winnicott, (1950-55), 2000).

O reconhecimento de Eu Sou

Um dos aspectos a serem examinados neste capítulo é aquele que Winnicott chama de Eu Sou. Vejamos como este estágio acontece e como acaba por abranger a agressividade. O estágio proposto foi escolhido porque nele surgirá, de acordo com o autor, o sentimento de um Eu; e o nascimento deste Eu poderá ocorrer somente porque antes houve uma limitação entre o externo e o interno, algo como uma linha capaz de separar dentro e fora.

O relacionamento do bebê com a mãe é nomeado por Winnicott de relacionamento com o ego. Nas articulações do autor este relacionamento será tão importante que dele surgirá a matriz da transferência e toda a base para o sentimento de amizade. O relacionamento com o ego se fortalecerá com os impulsos do id, e isto só poderá ocorrer quando houver uma relação capaz de abrigar estes impulsos.

Nos casos em que as necessidades não são suficientemente suportadas, tudo o que o bebê poderá fazer é produzir reações aos estímulos externos, uma vez que na vida falsa os impulsos não podem emergir, pois não há um relacionamento capaz de abrigá-los. Sigamos com as palavras do autor presentes em “A capacidade de estar só” (1983):

Pode-se dizer que *a relação com o id fortifica o ego quando ocorre em um contexto de relação com o ego*. Aceitando isto, a compreensão da importância da capacidade de ficar só se segue naturalmente. É somente quando só (isto é, na presença de alguém), que a criança pode descobrir sua vida pessoal própria. A alternativa patológica é a vida falsa, fundamentada em relações a estímulos externos. Quando só, no sentido em que estou usando o termo, e somente quando só, é a criança capaz de fazer o equivalente ao que no adulto chamamos relaxar. A criança tem a capacidade de se tornar não-integrada, de devanear, de estar num estado em que não há orientação, de ser capaz de existir por um momento sem ser nem alguém que reage às contingências externas nem uma pessoa ativa, com uma direção ou interesse de movimento. A cena está armada para uma experiência do id. Com o passar do tempo, surge uma sensação ou um impulso. Nesse estado, a sensação ou o impulso será sentido como real e será verdadeiramente uma experiência pessoal (Winnicott, (1958), 1983 p. 36).

A capacidade de ficar só na presença da mãe permite um desprendimento do bebê em relação ao ego e, a partir deste momento, poderá ele experimentar um relaxamento tal que, quando de fato lá está, não é um ser que reage aos estímulos externos ou um que precise ser ativo. Nas ocasiões de relaxamento poderão passar a existir a capacidade de experimentar os estados não integrados, e, no interior dessa experiência estará o terreno fértil para que surjam os devaneios e os impulsos do id, que em relaxamento, poderão ser sentidos como reais, ocasionando uma experiência pessoal.

Antes que o bebê se dê conta de sua dependência em relação à mãe, os objetos com os quais pode se relacionar são os objetos subjetivos. O processo de crescimento comporta uma mudança do tipo de relação a ser vivido, assim, o peso dos objetos para além da onipotência passa a ser reconhecido e não mais será olhado com base na projeção.

Temos em “A importância do setting no encontro com a regressão na psicanálise” (1994) que o advento do novo tipo de relação que o bebê passa a ter com a mãe, ou seja, o relacionamento com o ego permite que os elementos agressivos venham a ser experimentados,

já que o alcance deste tipo de relacionamento acarreta a fusão dos elementos agressivos (enquanto motilidade) e dos elementos eróticos.

A fusão entre os elementos permite que o bebê experimente o sentimento de raiva. Notemos na citação abaixo que, na teoria winnicottiana, a raiva está para a inveja do seio bom tal como é descrita na teoria kleiniana. Os sentimentos que irão surgir após a aquisição da fusão dos dois elementos acontecerão fora da área de onipotência do bebê.

Antes disto, vem a satisfação erótica mediante a realização bem-sucedida. No crescimento emocional do bebê, o caminho vai da dependência absoluta para a dependência e, desta, no sentido da independência. Nos estágios iniciais, o bebê não se dá conta da dependência e relaciona-se com objetos subjetivos.

Aspecto importante do crescimento é a mudança do relacionamento com objetos subjetivos para um reconhecimento de objetos que se acham fora da área da onipotência, isto é, que são objetivamente percebidos, mas não explicados com base na projeção. Nesta área de mudança encontra-se a oportunidade máxima para o indivíduo fazer sentido dos componentes agressivos. Fazer sentido desses componentes conduz à experiência que o bebê tem da raiva (relacionada ao conceito kleiniano da inveja do seio bom) e, no caso favorável, à fusão dos componentes agressivos e eróticos que resultam no comer. Na saúde, quando na época em que comer estabeleceu-se como parte do relacionamento com objetos, tornou-se organizada também uma existência de fantasia que é paralela ao viver real e conduz consigo seu próprio senso do real (Winnicott, 1964, 1994, p. 81).

No período em que a criança é capaz de localizar objetos fora de sua área de onipotência, ela cruza um passo à frente em seu desenvolvimento. Um bom relacionamento com o ego permite que, estando só na presença de alguém, a criança experimente os impulsos do id em devaneios, fantasias, ou simplesmente relaxando.

A fusão do potencial de motilidade ao potencial erótico permite que se dê a diferenciação entre id e ego e assim será possível a ultrapassagem do princípio de realidade.

Vimos anteriormente que a agressividade tem um papel importante em direção à natureza externa dos objetos. E isto ocorre porque sente em sua quietude sua própria experiência instintual (Winnicott, (1950-1955), 2000).

Ao devanear, por exemplo, a criança sente uma vida que pertence só a ela, uma vez que sabe que poderá voltar ao viver real, estado em que se relaciona com objetos objetivamente percebidos. Lembremo-nos de que a fusão da agressividade ao potencial erótico acontecerá nos casos em que há saúde, e isso significa um ganho, pois neste momento o bebê torna-se capaz de sentir raiva ou mesmo de desfrutar um devaneio.

O alcance da integração permite que o indivíduo seja capaz de assumir os próprios sentimentos e idéias destrutivas. Tal capacidade acontece dentro dos processos em que há saúde.

Em “O medo do colapso” (1994), Winnicott lista as agonias primitivas bem como as defesas presumíveis para cada uma delas. As agonias são: o retorno ao estado não-integrado (tendo como defesa a desintegração); a sensação de cair para sempre (sendo que a defesa é a de sustentar-se); a despersonalização (que por si só é agonia primitiva e defesa ao mesmo tempo); a perda do senso do real (e seu respectivo amparo é a exploração do narcisismo primário); e há ainda, nesta listagem, a perda da capacidade de relacionar-se com objetos, tendo como defesa os estados autistas. Estas agonias primitivas serão existentes no ego dependente do bebê, porém, o destino que cada uma delas tomará dependerá da capacidade de o ambiente sustentar a criança.

Na teoria winnicottiana a existência ocorre a partir da não-existência. Este é o caminho saudável do desenvolvimento emocional humano. Em alguns casos essa perspectiva assumirá um caráter de defesa, pois quando não há saúde a não-existência servirá como uma tentativa de projetar aquilo que poderia ser pessoal e não desejável. Este acontecimento pode ser ilustrado com a seguinte frase: “Eu sou o rei do castelo; você é o patife sujo”, numa tentativa

de repudiar tudo o que não seja Eu e assim não assumir responsabilidade (durante a posição depressiva) ou evitar a perseguição.

Ao alcançar o estágio do Eu-não-Eu, a fisiologia pode ser entregue ao seu próprio curso. Winnicott discursa sobre os dois tipos de psicologia de sua época: a psicologia acadêmica tenderia à observação dos fenômenos físicos, enquanto a psicologia a ele relevante curvar-se-ia aos fatores emocionais. Teríamos aqui o estabelecimento de uma mente que, no tempo, soube separar antes de depois, ao se dar conta de sua existência.

Lembremos aqui que o estágio do Eu Sou ocorre antes dos processos de verbalização e intelectualização. A segurança que o bebê tem nos relacionamentos facilita o alcance de um estado de repouso do processo de integração, e tais estados de relaxamento são importantes para que a tendência herdada para a maturação floresça.

Em “Agressão, culpa e reparação” (2005 f) Winnicott sugere que no início o comportamento agressivo está servindo como passos de uma exploração e por isso estaria a agressividade ligada ao estabelecimento da diferenciação entre eu e não-eu. Passada a etapa em que incidem os primeiros passos rumo à integração, ou seja, a conquista do estágio do Eu Sou, podemos passar ao exame do processo chamado personalização, que consistirá também em um ganho saudável.

Podemos entrar neste momento numa área em que é possível conjecturar o conceito de *self*. Esta idéia é explorada no texto “Sobre as bases do self no corpo” (1994). Na fase do Eu Sou, vimos que se constituiu num indivíduo organizado, capaz de estabelecer uma fronteira entre o mundo externo e sua realidade psíquica interior. Torna-se possível a identificação com os objetos sem a ameaça da perda da identidade individual. Sigamos com as palavras do autor:

O *self* se descobre naturalmente localizado no corpo, mas pode, em certas circunstâncias, dissociar-se do último, ou este dele. O *self* se reconhece essencialmente nos olhos e na expressão facial da mãe e no espelho, que pode vir a

representar o rosto da mãe. O *self* acaba por chegar a um relacionamento significativo entre a criança e a soma das identificações que (após suficiente incorporação e introjeção de representações mentais), se organizam sob a forma de uma realidade psíquica interna viva. O relacionamento entre o menino e a menina e suas próprias organizações psíquicas internas se modifica de acordo com as expectativas apresentadas pelo pai e pela mãe e por aqueles que se tornaram importantes na vida externa do indivíduo. O *self* e a vida do *self*, sozinhos, fazem sentido da ação ou do viver desde o ponto de vista do indivíduo que cresceu até ali e está continuando a crescer, da dependência e da imaturidade para a independência e a capacidade de identificar-se com objetos amorosos maduros, sem a perda da identidade individual (Winnicott, (1970), 1994, p. 210).

Ao alcançar o estágio do Eu Sou, a criança já “sabe” que existe uma mãe diferente de si e que pode se beneficiar dos cuidados dela. Esses cuidados confiáveis e contínuos permitirão que o bebê presuma que a mãe vá voltar, quando ela estiver ausente. Assim, passa a existir a capacidade de o bebê ficar só por certo período de tempo; capacidade esta que foi anteriormente experimentada na presença de alguém e que depois foi sendo alargada conforme o crescimento emocional da criança. Esta capacidade pode existir somente porque há um Eu capaz de se deixar por alguns instantes. abc

Winnicott postula que o ambiente falha ao não permitir que a criança usufrua de certa previsibilidade. Uma das ocorrências para esta falha acontece quando a criança é capaz de reconhecer mim e não-mim, deixando de experimentar os fenômenos subjetivos e passando a perceber objetivamente. Se esta passagem acontece de forma brusca para a criança, o que irá ocorrer é o que, na teoria do amadurecimento pessoal, se conhece por “destruição mágica”.

É pelo cuidado materno que o mundo começa a ser apresentado em pequenas doses. Tal conceituação é apresentada em “O mundo em pequenas doses” (1982). O mundo apresentado é permeado pela imaginação da criança, de modo que haverá um encontro entre as duas realidades. Diz o autor:

Pretendo retornar agora ao princípio. Esses acontecimentos posteriores são fáceis se o princípio correr bem. Eu gostaria de observar de novo os primeiros tempos da amamentação. Você se recorda que eu descrevi a maneira como a mãe torna acessível o seio (ou a mamadeira), quando o bebê se prepara para implorar algo, e depois o faz desaparecer, quando a idéia do mesmo se desvanece do espírito da criança. Vê você como, procedendo dessa maneira, a mãe está começando bem a apresentação do mundo ao seu bebê? Em nove meses, a mãe dá cerca de mil mamadas e encara todas as outras coisas que lhe compete fazer com a mesma adaptação delicada às necessidades exatas. Para a criança com sorte, o mundo começa a conduzir-se de maneira tal que se conjuga com sua imaginação e, assim, o mundo é entretecido na própria textura da imaginação, enriquecendo-se na vida íntima do bebê com o que é percebido no mundo externo (Winnicott, 1982, p. 81).

Em “O primeiro ano de vida” (2005 h), Winnicott postula a diferença entre mente e psique e afirma que a última está relacionada ao soma e ao funcionamento corporal, enquanto a primeira depende da existência e do funcionamento das partes do cérebro que se desenvolvem posteriormente à psique primitiva. É função da mente catalogar eventos, acumular memórias e mensurar o espaço; é ela também quem relaciona causa e efeito.

Como resultado do convênio entre a tendência à maturação hereditária e o sucesso do cuidado ambiental, há de surgir uma área intermediária destinada primeiramente às brincadeiras que caminhará às experiências culturais.

O nascimento da área intermediária permitirá que a criança tenha uma transformação no tipo de relacionamento com o mundo. O mundo agora não será repartido em dois: externo e interno. O nascimento da terceira área fecundará a capacidade de criar e encontrar objetos.

Os fenômenos e objetos transicionais

Winnicott reconhecerá o fenômeno transicional como uma terceira área, que não é a realidade psíquica e nem a realidade objetiva. A realidade psíquica permite que o indivíduo alucine, crie e sonhe. Já na realidade externa, reconhecida a partir da oposição com o Eu, se faz presente uma outra esfera em que o indivíduo pode colher dados do real.

O terceiro espaço nasce como uma ulterior área do existir e é denominada a área dos fenômenos transicionais. Temos, portanto, uma mudança declarada em relação ao modo como até então foi compreendida pela psicanálise a entrada do indivíduo nos processos de simbolização e também na vida cultural. O autor refere-se especialmente à teoria de Klein para delimitar a diferença entre a terceira área anunciada e o conceito de objeto interno. Sigamos com um trecho de “O destino do objeto transicional” (1994):

Disto, verão por que acho que o objeto transicional é essencialmente diferente do objeto interno da terminologia de Melanie Klein. O objeto interno é uma questão da realidade interna, que se torna crescentemente complexo a cada momento da vida do bebê. O objeto transicional é, para nós, um pouco um cobertor, mas para o bebê, é um representante tanto do seio da mãe, digamos, quanto do seio internalizado dela (Winnicott, (1959), 1994, p. 47).

A imaginação é enunciada como estando presente desde o início, embora aconteça de maneira incipiente. Esta presença da imaginação permite que a alimentação do bebê não calha somente em aspectos físicos, fazendo com que a experiência total da alimentação desencadeie uma relação com o seio da mãe.

Vimos que a agressividade enaltece a relação com a realidade externa e auxilia a sensação de estar se relacionando. Dela deriva a necessidade do bebê a buscar um objeto externo. Este movimento parece viabilizar a entrada na terceira área, que não pertence à realidade externa e nem à interna.

O gesto impulsivo da agressividade lança-se para fora e se converte em agressividade quando encontra a oposição. O caminho desse impulso vai se misturar ao potencial erótico, enaltecendo a sensação de realidade, e o bebê precisará encontrar um objeto que o satisfaça.

As experiências de amamentação vividas pelo bebê resultarão na constituição de memórias que guardam aspectos sensoriais e também no encontro dado em relação ao objeto. No começo, tudo o que o bebê pode fazer sobre o cuidado que recebe é estabelecer um controle mágico, mas, posteriormente, as numerosas mamadas experimentadas desembocarão naturalmente na primeira mamada teórica. Na ocasião em que há essa mamada que, diferentemente, se manterá a mesma, o bebê passa a alucinar o mamilo que lhe oferece o alimento. Entramos novamente na terceira área, e lá, o bebê poderá prolongar o prazer do contato com o seio por mais algum tempo. Os objetos transicionais serão usados pelo conhecido controle mágico para que se prolongue a sensação de prazer mesmo quando fisicamente longe do seio; está aí a primeira possessão da que o ser humano é capaz.

Em “Estabelecimento da relação com a realidade externa” (1990 i), temos a idéia de que os fenômenos transicionais estarão, quando se trata de saúde, sempre em crescimento. Dele poderá advir, por exemplo, toda uma área destinada às questões artísticas e religiosas.

Winnicott traz a questão sobre se existe ou não uma criatividade primária. Essa questão aparece ligada à primeira mamada teórica: Qual seria a contribuição do bebê neste momento? Sabemos que o mundo é uma realidade prévia ao bebê, mas aos olhos dele o mundo não é mais que o resultado de sua criação. Escreve o autor:

“Se existe um verdadeiro potencial criativo, podemos esperar encontrá-lo em conjunto com a projeção de detalhes introjetados em todos os esforços produtivos, e devemos reconhecer a criatividade potencial não tanto pela originalidade de sua produção, mas pela sensação individual de realidade da experiência e do objeto” (Winnicott, 1990 i, p.130).

À medida que o amadurecimento acontece, há o entendimento do mundo como sendo anterior ao nascimento do indivíduo, mas o sentimento de um mundo criado pessoalmente não desaparecerá por completo.

Para Winnicott o espaço potencial localizado entre a mãe e o bebê é a fonte da experiência cultural, e o mesmo se pode dizer sobre o brincar e o viver criativo. Para qualquer indivíduo, o uso do espaço potencial será determinado pelas experiências de vida e tal espaço somente nascerá a partir de um sentimento de confiança. Além de tudo, o autor afirmará que o destino do espaço potencial se torna adaptável pelo amor. Esta área fará com que surja o que na teoria se nomeia *ego-relatedness*, ou seja, a capacidade de relacionamento do ego. Seria uma parte do ego que não atua como ego corporal, mas possui experiências corporais, e nesta ocasião a continuidade dá lugar à contigüidade.

[...] todo bebê tem aqui sua própria experiência favorável ou desfavorável. A dependência é máxima. O espaço potencial acontece apenas *em relação a um sentimento de confiança* por parte do bebê, isto é, confiança relacionada à fidedignidade da figura materna ou dos elementos ambientais, com a confiança sendo a prova da fidedignidade que se está introjetando (Winnicott, 1975, p. 139).

A abordagem da área intermediária se torna um paradoxo, pois os objetos e fenômenos transicionais seriam, simultaneamente, universais e variáveis. Esses objetos e fenômenos não são sonho ou relação de objeto, mas também o são. Acompanhemos o autor em “O brincar e a Cultura” (1994):

Indubitavelmente, o conceito do objeto transicional e dos fenômenos transicionais me levaram a querer estudar esta área intermediária que tem a ver com a experiência de viver e que não é nem sonho e nem relação de objeto. Ao mesmo tempo em que não é nem um nem outro destes, é também ambos. É este o paradoxo essencial e, em meu artigo sobre fenômenos transicionais a parte mais importante (em minha opinião) é a alegação que faço de que precisamos *aceitar o paradoxo*, não resolvê-lo. Os objetos e fenômenos transicionais são universais e variáveis. O estudo desses

fenômenos proporciona um campo de pesquisa valioso para o estudioso do crescimento e desenvolvimento humanos, não apenas porque o introduz à infinidade da variabilidade nos seres humanos, mas também porque têm os seus próprios limites, há semelhanças entre os elementos e estes podem ser classificados. Em outras palavras, ele tem alguma das qualidades do brincar, no fato de a criança que está brincando utilizar materiais da realidade externa ou partilhada para a expressão de material onírico. O sonho pessoal acha-se lá, mas duas crianças podem construir casas semelhantes por causa do denominador comum existente nos materiais de construção e também por causa dos elementos arquetípicos do sonhar. Duas crianças, mesmo gêmeos idênticos, não podem ser iguais, se a realidade psíquica pessoal for incluída por baixo das marcas superficiais da personalidade. Apesar disso, as crianças podem assemelhar-se umas às outras e, de qualquer modo, elas se assemelham mutuamente no fato de usualmente haver dois olhos e um nariz e uma boca etc. (Winnicott, (1968), 1994, p. 161).

Winnicott valoriza os conceitos kleinianos de projeção e introjeção, pois daquela base surgiria um lugar para a criatividade do indivíduo. Assim, tudo o que poderia surgir no indivíduo se daria pela capacidade de estar vivo. A idéia da dependência absoluta se introduz justamente neste ponto, pois a atividade criativa do bebê não se concretiza caso não haja uma figura cuidadora capaz de receber projeções. O exame desta relação foi a condição essencial para que emergisse a teorização sobre o espaço potencial.

É possível utilizar a ênfase que Melanie Klein dá à projeção e à introjeção se, na base, abre-se lugar para o elemento criativo do indivíduo, que tem de ser fundamental para este, mas que não precisa ser fundamental para o observador. Etiologicamente, tudo o que o bebê realiza surge de sua qualidade de estar vivo, inclusive a questão da função cerebral. É aqui que a idéia da dependência absoluta tem valor, uma vez que o potencial para a atividade criativa no bebê não se torna real a menos que (por maneiras sutis, que mudam com as capacidades em desenvolvimento do bebê) a figura materna receba e possa fornecer de volta as projeções. Estas não se dão a menos que ela esteja lá para receber projeções.

Ao lidar com isto, que me interessou durante duas décadas, postulei a existência de um lugar potencial entre o bebê e a figura materna que é a localização do brinquedo. Este espaço potencial só vem a ter importância em resultado da experiência viva do bebê. Ele não é herdado; o que é herdado pode ou não resultar na conquista de um lugar para a experiência do brinquedo no caso de qualquer bebê *vivo* (Winnicott, (1968), 1994, p.162).

Em “Sobre o uso de um objeto” (1968), Winnicott distingue o usar e relacionar-se com objetos. Na capacidade de relacionar-se com objetos, o que temos é uma experiência do indivíduo como algo isolado que, por sua vez, envolve algumas alterações no *self* e daí decorre o termo “catexia”. O investimento psicoenergético envolve aspectos físicos que incluem excitação corporal. “Essa coisa que se situa entre relacionar-se e o uso é a colocação, pelo sujeito, do objeto fora da sua área de controle onipotente, isto é, a percepção que o sujeito tem do objeto como fenômeno externo, não como entidade projetiva, e, na realidade, o reconhecimento dele como uma entidade por seu próprio direito” (Winnicott, (1968), 1994 p. 174).

Já o uso do objeto compreende que houve evidentemente o relacionar-se com objetos, significando um avanço no desenvolvimento emocional. Aqui, um objeto a ser usado deve ser real e não algo somente projetado; este será o aspecto fundamental para distinguir o relacionar-se e o usar. Portanto, vemos que a separação entre mundo externo e interno é fundamental para que se possa fazer uso dos objetos. Acompanhemos o autor:

Em termos clínicos: dois bebês estão sendo amamentados ao seio. Um deles está se alimentando do *self*, uma vez que o seio e o bebê ainda não se tornaram (para o bebê) fenômenos separados. O outro está se alimentando de uma fonte diferente-de-mim, ou um objeto a que se pode dar um tratamento descuidado e sem efeitos sobre o bebê, a menos que o objeto retalie. As mães, tal como os analistas, podem ser boas ou não-suficientemente boas; algumas podem e outras não podem fazer o bebê passar do relacionar-se para o uso (Winnicott, (1968), 1994, p. 173),

Vimos que o bebê, para que passe a usar os objetos, necessitou separar o mundo externo do interno. Porém, para que o uso se efetue, é preciso que haja uma mudança no princípio de realidade e isto depende de um meio que proporcione tal capacidade. O bebê precisará que alguém apresente o mundo a ele e, no momento em que encontra um objeto simultaneamente, o criará. Nas palavras do autor: “[...] o bebê cria o objeto, mas este estava lá esperando para ser criado e para tornar-se um objeto psicoenergeticamente investido. [...] O desenvolvimento de uma capacidade de usar um objeto é outro exemplo do processo maturacional, como algo que depende de um meio ambiente facilitador” (Winnicott (1968, 1994, p. 173).

Em “O ambiente” (1990 i) Winnicott enuncia que cabe à mãe apresentar o mundo externo ao bebê. Daí surgirá sua capacidade de fazer reparação e isto irá começar na relação com a própria mãe.

O brincar

Conforme afirma o autor em “Notas sobre o brincar” (1994) a característica do brincar é o prazer. E o prazer obtido acontecerá por meio do uso dos símbolos, pois esta característica denota crescimento no desenvolvimento emocional de toda criança.

A capacidade de representar um objeto por outro é própria do processo de simbolização. “Se aquilo é amado, isto pode ser usado e fruído. Se aquilo é odiado, isto pode ser derrubado, ferido, morto etc., e restaurado, e ferido novamente” (Winnicott, 1994, p. 49).

A partir da tendência herdada que conduz a criança adiante e da provisão ambiental satisfatória acontecerá a confiança da criança pequena ou do bebê em sua mãe, e o brincar nascerá como símbolo desta confiabilidade

Temos em “Adendo à localização da experiência cultural” (1994) a afirmação que diz respeito à necessidade de haver um espaço potencial para que dele venha a surgir o brincar e a experiência cultural em geral.

O brinquedo situa-se em torno das funções corporais, dos relacionamentos com objetos e ainda diante da ansiedade, constituindo-se numa elaboração imaginativa. Aos poucos o brinquedo se consolida como ferramenta da criança para expressão dos relacionamentos que ela experimenta e também como a expressão de seu mundo interno. “Isto conduz à idéia do brinquedo como expressão de identificação com pessoas, animais e objetos do meio ambiente inanimado” (Winnicott, 1994, p. 50).

No que diz respeito ao real e à confiança que a criança possui no meio, o brinquedo no conjunto destes dois aspectos acontece numa atividade criativa.. E a capacidade de brincar caminha para um futuro que será possível brincar com os outros, partilhando regras e adentrando nas brincadeiras em termos de liderança

O brincar proporciona à criança a prática da manipulação de objetos, a administração de sua coordenação e de seus julgamentos, além de representar uma aquisição de controle por sua área limitada (ao entrar em contato com o campo ilimitado da imaginação).

Winnicott vê na brincadeira uma possibilidade para expressar livremente sua agressividade tendo a oportunidade de ser suportada pelo meio. O brincar não teria a função de dar escoamento ao ódio e à agressão, pois isso não é algo que seja desejável livrar-se. (Winnicott, (1968), 1994, p. 161).

Por intermédio do brinquedo ela poderá se relacionar com a realidade externa, vivendo criativamente e sentindo que a vida poderá ser usada e enriquecida. Winnicott postula ainda que pelo brinquedo uma função vital capacitará a criança a arranjar os objetos que simbolicamente venham a ser permeados de sentimentos de agressividade e destrutividade, e permitindo então que um objeto venha a ser quebrado e consertado. A criança será capaz de

alcançar a ambivalência bem como de representá-la. Desta maneira, um objeto poderá ser sujo e limpo, quebrado e concertado.

Winnicott faz referência em “Notas sobre o brinquedo” (1994) acerca da psicopatologia do brinquedo. Os problemas enumerados são: a perda da capacidade associada a uma não-confiança, a estereotipia dos padrões do brincar, a fuga para o devaneio, a sensualização, a dominação, o fracasso em realizar um jogo e a fuga ao exercício físico.

A liberdade de criação será expressão no brincar, e isso se deve ao desenvolvimento do conceito de fenômeno transicional. A partir do espaço potencial entre o bebê e a mãe, toda uma valiosa gama de encontros entre os conteúdos externos e internos poderá ocorrer.

Há um posicionamento do autor no texto “Adendo à localização da experiência cultural” (1994) ao dizer que, em toda a literatura psicanalítica, jamais houve qualquer expressão sobre a experiência cultural como sendo a extensão direta de brincadeiras de crianças e de bebês.

A privação

Na teoria do amadurecimento a mutualidade é entendida como a capacidade de a mãe adaptar-se às necessidades do bebê. Outro aspecto pertinente à relação mãe e bebê saudável gerando crescimento para a criança é a comunicação silenciosa estabelecida pela mãe.

A mãe suficientemente boa se identifica com o filho e não teme perder sua própria identidade. A comunicação silenciosa seria a própria comunicação da confiabilidade e

responsável por proteger o bebê de reagir automaticamente às intrusões exteriores. De acordo com o texto “A experiência mãe-bebê de mutualidade” (1994), o trauma seria justamente uma reação da defesa não organizada sobre um acontecimento. Winnicott, portanto, descreverá dois tipos de situação:

1. Bebês que não foram significativamente “desapontados” na primeira infância e cuja crença na confiabilidade conduz à aquisição de uma confiabilidade pessoal que é ingrediente importante do estado que pode ser denominado de “no sentido da independência”. Estes bebês têm uma linha de vida e mantêm uma capacidade de se deslocar para a frente e para trás (desenvolvimentalmente), e se tornar capazes de correr todos os riscos, por se acharem bem-garantidos.
2. Bebês que não foram significativamente “desapontados” uma vez ou em um padrão de fracassos ambientais (relacionados ao estado psicopatológico da mãe ou do substituto materno). Estes bebês portam consigo a experiência da ansiedade impensável ou arcaica. Sabem o que é estar em um estado de confusão aguda ou conhecem a agonia da desintegração. Sabem o que é ser deixado cair, cair eternamente ou cindir-se em desunião psicossomática (Winnicott,(1969), 1994, p. 201).

Em “A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências” (2006), o autor apresenta a conceituação de que a capacidade de o bebê estabelecer a diferença entre externo e interno fará com que reconheça um ambiente que é passível de ser confiado; essa é a experiência de confiabilidade. O autor enfatiza que esta experiência não é mecanicamente perfeita e, sim, humana. As faltas da mãe devem acontecer, pois só assim o bebê tomará conhecimento do confiar, gerando confiança e sentimento de ser amado. Isto tudo acontecerá numa comunicação silenciosa.

Quando as falhas não são corrigidas de forma que o bebê as espere demais, podemos usar o termo carência. A criança carente é a que teve conhecimento de falhas corrigidas e, em alguma ocasião, prova uma falha não corrigida. A partir de então, uma solução é provocar situações em que seja possível corrigir falhas de maneira repetida.

No mesmo texto temos a sugestão de que as falhas fundamentais de adaptação podem produzir uma ansiedade inacreditável no bebê, e seu conteúdo poderia ser expresso na sensação de ser feito em pedaços, cair para sempre, isolamento (impossibilidade de existir comunicação) e ainda a disjunção entre psique e soma. Todos esses conteúdos da ansiedade impensável são frutos da privação devido às falhas do ambiente, não corrigidas.

A comunicação sempre é criativa e irá resultar na capacidade de o bebê usar o que foi descoberto por ele. Winnicott escreve de forma sensível as falas silenciosas existentes na comunicação entre bebê e mãe.

Em “Desenvolvimento do tema do mundo interno” (sem data), presente no livro *Natureza humana* (1990) temos que a de-privação acarreta o que Winnicott chama de “agitação ansiosa comum”, que seria o diagnóstico mais freqüente na clínica pediátrica, correspondendo à hipomania nos adultos; seria como uma negação da depressão mais profunda. No momento da de-privação, a conquista da capacidade de se deprimir fica ameaçada e é retida pela negação da mesma. A solução é que se volte ao estado antes da integração, ou seja, a loucura. Escreve o autor:

O elemento central negado na defesa maníaca é a morte no mundo interno, ou um entorpecimento que a tudo abarca; já a ênfase na defesa maníaca recai sobre a vida, a vivacidade, a negação da morte como fato básico da vida.

Entendemos a relação entre as flutuações do estado de ânimo e o núcleo central da capacidade para o *concern*, que é utilíssimo para a compreensão do comportamento infantil normal tanto em casa quanto na escola (Winnicott, 1990 i, p.108).

Winnicott relata no caso clínico intitulado “Ada, aos 8 anos”, em seu livro *Consultas terapêuticas* (1984) afirmando se tratar do caso de uma criança que estava roubando pequenas coisas. O ato de roubar foi por ele ligado ao contato com o seio na realidade psíquica da criança; a menina parou de roubar quando encontrou o que havia perdido. É marca da característica anti-social o impulso que dá para a criança a possibilidade de voltar a um

momento anterior à privação. Há uma redescoberta que pela tendência anti-social é proporcionada e que leva à agressividade. O movimento engendrado pela tendência anti-social implica em esperança*. O ato anti-social se caracteriza com uma agressão desprovida de lógica, pois estamos falando de um caso em que a provisão ambiental foi insatisfatória.

No texto “A localização da psique no corpo” (1990 i) temos que a criança normal apresenta uma expectativa de perseguição e também a do cuidado capaz de protegê-la. Por conta dessas expectativas, é possível substituir o cuidado recebido por um cuidar-se-de-si-mesmo, partindo, dessa forma, para uma independência.

Em “A delinqüência como sinal de esperança” (2005 g) há a afirmação de que “a tendência anti-social está ligada à privação”. Para a criança que foi privada houve a experiência do cuidado, mas de alguma forma aconteceu uma ruptura no processo do desenvolvimento emocional, e o agente causador foi uma falha ambiental. No ocorrido, a criança já era desenvolvida o suficiente para compreender que houve uma falha. Por isso, a tendência anti-social não se relaciona a uma carência, mas a uma privação sofrida.

A característica básica da tendência anti-social está em que a criança pretende voltar ao momento anterior à privação. Esta criança sofreu uma ansiedade impensável e, para lidar com isso, teve de se reorganizar para seguir a vida num estado neutro. O que a tendência anti-social evidencia é a tentativa de voltar antes da ansiedade impensável, antes do momento em que se valeu do estado neutro.

Quando as condições a que se vive envolve esperança, a tendência anti-social se transforma numa característica clínica e a criança se torna difícil. Em “O conceito de indivíduo saudável” (2005 g) esta idéia se complementa pois a conduta anti-social representa um encontro com a capacidade perdida de encontrar objetos, este encontro proporcionaria que

* Esta idéia está contida em “O conceito de ego saudável” (2005 g).

se desse uma relação criativa com o ambiente e nas ocasiões em que há saúde é possível haver espontaneidade e deixar acontecer os impulsos agressivos, uma vez que o ambiente os acolhe.

A tendência anti-social está ligada primeiramente ao relacionamento da criança com a mãe, e posteriormente ao relacionamento com o pai. Winnicott dirá que a tendência anti-social ligada ao relacionamento que acontece com a mãe é vivida por todas as crianças, mas as vivências do segundo tipo ocorreriam apenas em meninos.

A adaptação feita pela mãe às necessidades da criança capacita o filho ao encontro criativo com os objetos, mas quando isso falha a criança perde a oportunidade de usar o mundo criativamente e de se relacionar com objetos. O momento de esperança mostra que a criança encontrou um objeto e, por isso, o roubará num ato compulsivo e ela não saberá por que age de tal maneira, pois está procurando não um objeto específico, mas a própria capacidade de encontrá-lo. Winnicott mostrará a passagem do brincar simples para a tendência anti-social.

Naturalmente, a caneta-tinteiro roubada da Woolworth's não satisfaz; não é o objeto que estava sendo procurado; de qualquer modo, a criança está procurando a capacidade de encontrar, e não buscando um objeto. No entanto, pode haver alguma satisfação naquilo que ela faz durante um momento de esperança. A maçã roubada do pomar é um caso mais limítrofe. Pode ser que esteja madura, pode ter um gosto agradável e pode ser divertido ser perseguida pelo fazendeiro. Por outro lado, pode ser que a maçã esteja verde e, se for comida, provoque dor no estômago do menino; pode ser também que ele não coma aquilo que roubou, mas simplesmente jogue tudo fora, ou que ele organize o roubo sem correr risco de ter que trepar no muro ele próprio. Essa seqüência mostra a transição da brincadeira normal para o ato anti-social. E assim, caso examinemos o primeiro tipo de expressão da tendência anti-social, podemos chegar a algo que, de tão comum, chega a ser normal. (Winnicott, (1967), 2005 g, p. 85).

Em “A tendência anti-social” (1983) temos a idéia de que a de-privação acontece quando a criança é destituída de algum aspecto da vida em família, é como se algum grau de

“complexo de de-privação” aparecesse e o comportamento anti-social começasse a surgir. A criança passa então a ser considerada desajustada ou fora de controle, delinqüente. Mas isso não faz parte de um diagnóstico de tendência anti-social, mas pertence ao exame jurídico. Na teoria do amadurecimento, essa tendência compete ao papel do ambiente e diz que ele é importante. Os impulsos inconscientes levam o paciente à necessidade de alguém cuidar dele e o trabalho do terapeuta é justamente o de se envolver com o impulso inconsciente, realizar compreensão, manejo e tolerância. A falta de esperança é o centro da criança de-privada, que não é anti-social todo o tempo, mas só nos momentos de esperança.

No mesmo texto são apresentadas as duas vertentes da tendência anti-social que são o roubo e a destrutividade. Na primeira vertente, a criança procura algo no momento de esperança e, não o achando, procura em outro lugar. Na segunda vertente, é buscada a estabilidade ambiente capaz de tolerar um comportamento impulsivo; aqui a busca é de uma confiança que proporcione ao indivíduo a possibilidade de agir e excitar-se.

Os primeiros sinais de de-privação são tão comuns que podem ser confundidos com a onipotência infantil, mas a questão da onipotência é na verdade uma questão da realidade psíquica.

Entremos agora na questão que diz respeito à de-privação, à tendência social e à agressividade. Ainda no texto citado, Winnicott sugere que quando há algum grau de fusão entre a raiz libidinal e agressiva (motilidade) a criança solicita a mãe por meio de agressões ou roubos, mas quando o grau de fusão é menor, a busca pelo objeto e a agressão estão afastadas e ocorre uma dissociação na criança. Pois bem, a perturbação que a criança anti-social causa é um aspecto favorável, pois indica um potencial de recuperação para a fusão entre os impulsos da libido e da motilidade.

No mesmo texto, Winnicott distingue o impulso do amor primitivo e a sofreguidão impiedosa. A última nasce como uma tentativa de sanar a falha da mãe. Temos que o roubo e

o mentir estão no centro da tendência anti-social, e a criança que rouba busca a mãe sobre a qual ela tem direitos, pois a mãe foi criada por ela.

Chegamos, portanto, à idéia de que a mãe era quem estava presente no momento em que emergia em atos a criatividade primária da criança. Ela era o objeto que a criança queria encontrar. Portanto, o roubar seria um movimento em direção à autocura, situação em que acontecerá a desfusão dos instintos.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi o de alcançar uma compreensão acerca do tema da agressividade na teoria psicanalítica e, a seguir, as reflexões a que pudemos chegar. Primeiro, passamos pelas teorias de Freud e Klein para traçarmos o percurso precedente às idéias de Winnicott.

Lembre-mos, neste momento, de que não se trata de comparar as teorias, mas de pensar nas possibilidades de compreensão do objeto aqui examinado dentro do enfoque psicanalítico. O exame foi demorado na teoria winnicottiana, porque nela foi encontrada uma junção da agressividade ao amor. Vimos que, na teoria do amadurecimento, o fenômeno da agressividade caminha nos passos em que caminha a saúde. Mas voltemos às teorias de Freud e Klein para pensar sobre como veio tomando forma até aqui o nosso tema.

Para tentar alcançar o tema da agressividade, tal como foi concebida na teoria freudiana, foi preciso seguir aquilo que foi conceituado como pulsão de morte. Neste trabalho, à medida que se percorria o desenvolvimento feito pelo autor até que fosse cunhado o termo pulsão, olhávamos para o objeto examinado e ele parecia ser tão etéreo que escapava a qualquer tentativa de apreensão.

Freud parecia não falar da agressividade de um indivíduo, mas a situava dentro do barco metapsicológico. Pareceu-nos uma agressividade posta não nas evidências empíricas, mas posta em algo engendrado no arcabouço conceitual. Por isso, diversas vezes, sentíamos que o tema nos escapava por entre os dedos. Sabemos que não se trata de uma conceitualização simples e nem pretendemos ingenuamente esgotar o objeto; na verdade, tratamos de nos abeirar dele. Nos escritos freudianos, o abeirar-se era muito difícil. Por isso, a agressividade, pelo que pudemos capturar da teoria de Freud, estava sob forma tão obscura, que nos parecia realmente arriscado fazer qualquer afirmação sobre o tema.

Voltando-nos para a pulsão de morte, esta sim para nós mais clara, foi possível notar seus caminhos e funções dentro do arranjo metapsicológico. Em linhas gerais, fica circunscrito que a pulsão de morte visa à eliminação das tensões, operando na contramão das ligações feitas pela pulsão de vida. Mas não era este o objeto a ser analisado nesta dissertação e, por este motivo, seguimos com o estudo da agressividade em Winnicott.

Seguindo a teoria kleiniana, pareceu-nos haver mais proximidade ao objeto, pois o posicionamento da autora acontece de maneira veemente em relação à agressividade. Nesta teoria, a agressividade seria instintual. Por diversas vezes, Melanie Klein usa termos como instinto agressivo, instinto destrutivo, tendência agressiva e tendência destrutiva. A autora parecia nos falar de um bebê de fato, não somente em termos metapsicológicos. A agressividade ganhava, a cada linha, traços de uma clínica viva.

Em sua teoria, a agressividade se voltava contra o seio materno que o ego arcaico do bebê cindia entre bom e mau. Haveria, desde muito cedo, um temor às retaliações, acrescido de uma enorme ansiedade. Essa cisão feita pelo bebê entre bom e mau seria uma defesa contra sua angústia. Klein fala de partes canibalescas do psiquismo, assim como daquela que será mais civilizada. Sua teoria crescerá fundamentada nessa visão de homem.

A agressividade, na perspectiva de Winnicott, é posta ao lado da saúde. Saúde para o autor seria algo como um movimento espontâneo que rumo para a integração. O bebê nasce frágil e totalmente dependente do cuidado de um outro. Cabe ao ambiente cuidar suficientemente bem da criança até que ela atinja certa independência desses cuidados, embora não chegue a ser totalmente independente de um outro; não haverá mais o estatuto de dependente absoluto.

A agressividade estaria dentro deste processo saudável, que sai da não integração para a integração. Isso significa que o bebê não tem uma agressividade inata, pois nessa perspectiva ela é algo a ser conquistado. O que é pensado como precursora da agressividade é

a própria atividade do feto e da criança pequena. Um bebê que morde o bico do seio da mãe não deseja feri-lo em fantasia, não estamos falando de um movimento que ainda em fantasia queira destruir.

O bebê que fere o seio ao mamar não o faz pela agressividade, mas o movimento é natural de uma força que quer se expandir. Há, nessa perspectiva, uma força motora que Winnicott chama de motilidade. Cada bebê nasceria com uma quantidade determinada de motilidade, que já estaria presente no ventre materno.

Quando a mãe tem em seu colo a criança totalmente dependente dela, tudo o que pode fazer é dar o *holding* necessário. Este segurar permite que a criança viva uma experiência de amor agraciada pelo potencial erótico (*id*). O cuidado para com a criança vai, gradualmente, fazendo com que a motilidade venha a se fundir ao potencial erótico.

Justamente, com a fusão entre os dois elementos, poderemos falar em agressividade. Lembremo-nos de que o ambiente tem papel fundamental para que esse processo aconteça. Ele estava lá para acontecer, mas o ambiente deve promover as condições necessárias para que se efetue.

Com base nessa fusão, o bebê poderá experimentar seu próprio corpo em oposição ao corpo materno e isto significa muito quando consideramos que, no início, não há para o bebê uma distinção entre os corpos. Assumindo a posição de Winnicott para um bebê, o corpo que o segura é o mesmo corpo que o seu.

A oposição entre os corpos que o bebê experimenta vai acarretar a separação entre Eu e Outro. Uma membrana limitadora entre externo e interno irá surgir, uma linha que separa Eu de Não-Eu.

Com este tipo de relação em que já há a distinção entre Eu e Outro é possível que o bebê passe, pouco a pouco, a reconhecer seus próprios conteúdos internos. Desta forma,

poderá perceber que a mãe que demora ao seu socorro cada vez que chora é a mesma que vem ao seu encontro e que lhe proporciona satisfação.

Quando esse processo caminha bem, nascerá na criança uma nova modalidade de espaço, que não é exatamente o interno ou o externo. Com base na diferença entre Eu e Outro acontecerá uma terceira margem, um espaço potencial entre dentro e fora. O espaço entre as duas esferas guardará coisas que estão para ser encontradas e, assim, o bebê encontrará algo fora de si, mas que existe também em si, pois em sua ilusão ele o criou. Este é o paradoxo do fenômeno transicional.

Esta terceira margem será usufruída pela criança, a começar pelas brincadeiras e irá, inexoravelmente, crescer na saúde para toda uma gama de experiências culturais. Este espaço é o da expressão de si mesmo para além de si mesmo, num encontro com o que vem do outro. Este é, seguindo a perspectiva de Winnicott, um caminho saudável.

Se pensarmos em um contexto em que não há saúde, deveremos partir do pressuposto de que houve uma falha do ambiente ao proporcionar um caminho para a integração. Mas o psiquismo continuará a pedir cuidado, e isto será manifesto pelos atos anti-sociais, representando um pedido de ajuda e, neste sentido, conotam esperança. Há uma busca pelo objeto perdido, que precisava ser encontrado e criado simultaneamente. O que gostaríamos de elucidar aqui é que atos da criança como os de roubar e mentir não representariam necessariamente uma agressividade, mas, sim, um pedido.

As considerações finais deste trabalho possibilitaram um reencontro com o ponto de partida. A impressão que norteou toda a pesquisa, ou seja, aquela proposição que desejava ver na agressividade algo que compreendesse um movimento para além do ato agressivo, encontrou terreno fértil na teoria de Winnicott. Deste modo, aquilo que se configurava como uma intuição pôde desenvolver-se no percurso da escrita acadêmica como possibilidade de comunicação.

Referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund (1895). Projeto de uma psicologia científica. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (*Edição Standard Brasileira*, v. II).
- _____ (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (*Edição Standard Brasileira*, v. VII).
- _____ (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (*Edição Standard Brasileira*, v. XII).
- _____ (1915). Pulsões e destinos da pulsão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (*Edição Standard Brasileira*, v. XIV).
- _____ (1920). Além do princípio do prazer. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (*Edição Standard Brasileira*, v. XVIII).
- _____ (1923). O ego e o id. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (*Edição Standard Brasileira*, v. XIX).
- _____ (1924). O problema econômico do masoquismo. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (*Edição Standard Brasileira*, v. XIX).
- _____ (1930). O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (*Edição Standard Brasileira*, v. XXI).
- _____ (1937). Análise terminável e interminável. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (*Edição Standard Brasileira*, v. XXIII).
- _____ (1938). Esboço de psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (*Edição Standard Brasileira*, v. XXIII).
- KLEIN, Melanie (1927). Tendências criminosas em crianças normais. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1928). Estágios iniciais do conflito edípiano. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1930). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1933). O desenvolvimento inicial da consciência na criança. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1934). Sobre a criminalidade. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1936). O desmame. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1937). Amor, culpa e reparação. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1945). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Trad. Elias Mallet da Silva. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLEIN, Melanie (1948). Sobre a teoria da ansiedade e da culpa. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Trad. Elias Mallet da Silva. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____ (1952). As influências mútuas no desenvolvimento do ego e do id. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Trad. Elias Mallet da Silva. Rio de Janeiro: Imago, 1991a.

_____ (1952). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Trad. Elias Mallet da Silva. Rio de Janeiro: Imago, 1991b.

_____ (1952). Sobre a observação do comportamento de bebês. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Trad. Elias Mallet da Silva. Rio de Janeiro: Imago, 1991c.

_____ (1957). Inveja e gratidão. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Trad. Elias Mallet da Silva. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____ (1958). Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Trad. Elias Mallet da Silva. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____ (1959). Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Trad. Elias Mallet da Silva. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____ (1960). Sobre a saúde mental. *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (1946-1963). Trad. Elias Mallet da Silva. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário de psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WINNICOTT, D. W. *The Piggle: o relato do tratamento psicanalítico de uma menina*. Trad. Else Pires Vieira e Rosa de Lima Martins. Rio de Janeiro: Imago, 2.ª edição, 1987.

_____. *Privação e delinqüência*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 4.ª edição, 2005f.

_____. *Tudo começa em casa*. Trad. Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 4.ª edição, 2005g.

_____. *O gesto espontâneo*. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____ (1948). Para Anna Freud. *O gesto espontâneo*. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1990d.

_____. *Pensando sobre crianças*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____ (1931). Um exemplo clínico de sintomatologia seguindo-se ao nascimento do irmão. *Pensando sobre crianças*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997a.

_____ (1931). Psiquiatria Infantil: o corpo enquanto afetado por fatores psicológicos. *Pensando sobre crianças*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997b.

_____ (1948). Introdução primária à realidade externa: os estágios iniciais. *Pensando sobre crianças*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997c.

_____ (1948). Para Anna Freud. *O gesto espontâneo*. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1990d.

_____ (1952). Para Roger Money-Kyrle. *O gesto espontâneo*. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1990e.

_____ et al. *Explorações psicanalíticas*. Orgs.: Winnicott, Clare, Shepherd, Ray, Davis, Madeleine. Trad. José O. de A. Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____. *Da pediatria à psicanálise*. Trad. Davi Bogolometz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D. W. *Natureza humana*. Trad. Davi Bogolometz. Rio de Janeiro: Imago, 1990i.

_____. *Holding e interpretação*. Trad. Sônia M. T. M. de Barros. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- _____. *A criança e seu mundo*. 6ª ed.. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- _____. *O brincar & a realidade*. Trad. José O. A. Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. *A família e o desenvolvimento individual*. 3ª ed. Trad. Marcelo B. Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2005h.
- _____. *Conversando com os pais*. 2ª ed. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes.1999.
- _____. *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Trad. Joseti Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 1984.
- _____. *O ambiente e seus processos de maturação: estudos sobre a teoria d desenvolvimento emocional*. Trad. Irineo C. Schuch Ortiz. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- _____. *Os bebês e suas mães*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 3.ª edição, 2006